

Revista da Semana

ANO XLV -- N.º 5 -- Cr\$ 1,50 em todo o Brasil -- 29 de Janeiro de 1944



CUIDADO COM A GRIPE!

(Reportagem neste numero)

GENTE NOVA

Sempre em 1ª Edição!
A Casa Lú apresenta o que
há de mais fino e moderno
para a Mulher



VESTIDOS
 CHAPÉOS
 COSTUMES
 "LINGERIE"
 "SPORT" e
 PRAIA
 BOLSAS
 LUVAS
 MEIAS
 "BIJOUTERIE"

Casa Lú
 Modas

ASSEMBLÉA Esq. GONÇALVES DIAS



Ao alto, Inácio Aureliano Machado Brito; em baixo, Carlos Machado Brito.
 Rio, Novembro, 1943.





MORTOS EM PLENA LAGOA — A fumaça do combate já desapareceu, mas os vestígios deixados na lagoa dizem bem quanto foi renhida e dura a luta que ali se travou. Na agora calma lagoa da ilha de Tarawa, jazem corpos de fuzileiros americanos, que tombaram no assalto contra as defesas nipônicas do porto. — (Foto da Inter-Americana)

OS COQUEIROS DE TARAWA

PAULO SALES

ELES nasceram para a beleza e a poesia.

Quando o vento passava pelas suas folhas, era de amor e de paz a música que se espalhava no ar, e a luz da lua, filtrada através da folhagem, inspirava romances. Muitos deles eram seculares e haviam acumulado a experiência de quem vê nascer e crescer a seus pés diversas gerações.

Nos seus troncos vetustos, mais de um casal apaixonado gravara seus nomes, tentando perpetuar esse amor sempre efêmero.

Não tinham mais conta os rubros nascentes que viram surgir sobre o mar infinito. Eram altivos e arrogantes. Tinham a força dos jovens e a sabedoria dos velhos. Eles, que haviam enfrentado e vencido a fúria dos elementos, sucumbiriam ante o

ódio dos homens, mais tremendo que os tufões dos mares do Sul.

Um enorme furacão de paixões varre todos os continentes.

Na civilizada Europa, onde havia hontem uma clara e alegre cidade, encontramos hoje apenas um montão de cinza e ruínas.

Onde o riso alegre das crianças subia aos céus, ouve-se agora as lamentações das mães que perderam seus filhos.

Séculos de civilização e de arte são aniquilados em algumas horas pelos engenhos infernais que a técnica criou e os homens conduzem.

A velha Ásia, de onde há milênios as hordas arianas desciam hirsutas e silenciosas das montanhas, tocando seus rebanhos á procura de novas terras, é um imenso corpo cheio de chagas e de dores.

Na África exuberante e sofredora as feras escondem-se assustadas ante a ferocidade dos homens.

E o mundo todo contorce-se numa grande dor universal.

Por toda parte, na terra firme, na superfície e no fundo dos oceanos, nos ares e até

na estratosféra, os homens se buscam ansiosamente e se esfaçalham num delírio de vingança.

Também a essas ilhas do Pacífico, refúgio e inspiração de poetas, de artistas e de apaixonados, chegaria a imensa vaga de ódio.

Naquela tarde os velhos coqueiros de Tarawa sentiam no ar alguma coisa diferente e assustadora.

Lá em baixo os homens se arrastavam como vermes. Havia neles qualquer coisa de mau e de trágico.

De repente surgiram no horizonte as grandes aves de aço.

Eram centenas e enchiam o ar com um barulho mais terrível que o do trovão.

Aproximaram-se vertiginosa e ameaçadoramente. Uma pavorosa tempestade de ferro e fogo devastou a ilha.

Os homens que rastejavam não se mexeram mais. Outros vieram, cautelosos e em silêncio, saídos de embarcações.

Em toda a atmosfera havia um halito de morte e um grande gemido de dor subia ao céu.

Depois tudo foi silêncio. Um silêncio pesado e opressivo de fim.

Apenas alguns troncos carbonizados ficaram de pé no meio das ruínas, testemunhas mudas mas eloquentes da grande tragédia.

Coqueiros de Tarawa! Isto não é o fim de tudo.

A vida renascerá da morte.

As folhas caídas no outono alimentam a árvore para que as flores brotem na primavera.

O sacrifício dos que tombaram em holocausto à liberdade dos povos fará reflorir no mundo do futuro todas as coisas que tornam a vida digna de ser vivida.

A MULHER EM TODOS OS SETORES



A senhora Darcy Vargas, esposa do Sr. Presidente Getulio Vargas, que tem desenvolvido, entre nós, uma obra social ampla e duradoura. Constitue, assim, um exemplo da mulher em ação. Este flagrante, tomado por ocasião de uma visita feita ao local em que posteriormente foi construída a "Cidade das Meninas", mostra, à direita da ilustre dama, o Cardeal Leme.



Também é soldado, vai para o campo de batalha. A mensagem precisa ser entregue e, intrepida, lá vai ela para o alto pela pátria!...



Substitue o médico assistente com dedicação inextinguível; seu instinto maternal guia seu intelecto e ajuda-a a vencer todas as dificuldades para salvar o homensinho de amanhã.

NUNCA as reportagens sobre a cooperação da mulher no momento atual podem ser consideradas demais. É pena que as dificuldades de transporte tenham diminuído, consideravelmente, a remessa de maior documentação sobre os trabalhos da mulher na guerra.

Em todos os setores onde ela é chamada a servir mostra sua inteligência intuitiva e seu admirável poder de adaptação. Apesar das imputações biológicas feitas ao sexo frágil, ela tem se colocado acima de tudo, até da ciência, demonstrando possuir todas as qualidades físicas masculinas, e elas juntando as altas virtudes que são apanágio do sexo frágil. Coragem física, força, sangue frio, resistências, qualidades estas que são mais do corpo do que da alma, além de ser a alma feminina de uma tempera mais rija do que a do seu companheiro.

Esta guerra, a mais trágica que a humanidade já sofreu, põe em evidência mulheres extraordinárias como a Sra. Chiang-Kai-Shek, a Sra. Roosevelt e outras cuja cultura, preparo político e compreensão do momento são de valor incalculável na cooperação que oferecem. Contudo, ambas representam apenas um mínimo entre todas as outras que ao lado de grandes chefes os ajudam e inspiram, como a jovem filha de Churchill, secretária de seu pai. Mulheres de hoje, que como as de antanho honram o século em que vivem pela grandeza de sua obra, como Elizabeth, a rainha Vitória, Cleopatra, Semiramis, Catarina da Rússia ou Joana d'Arc e centenas de outras, cujos títulos avultam, como relevos de bronze, acima do egoísmo e má vontade do homem.

Hoje a mulher marcha ombro a ombro com o companheiro nas lutas diárias, sem desalecimentos e sem relutância, pronta sempre ao sacrifício e à renúncia, sustentando na cabeça o peso de obras imensas, como caridade magnífica dos portos do futuro.

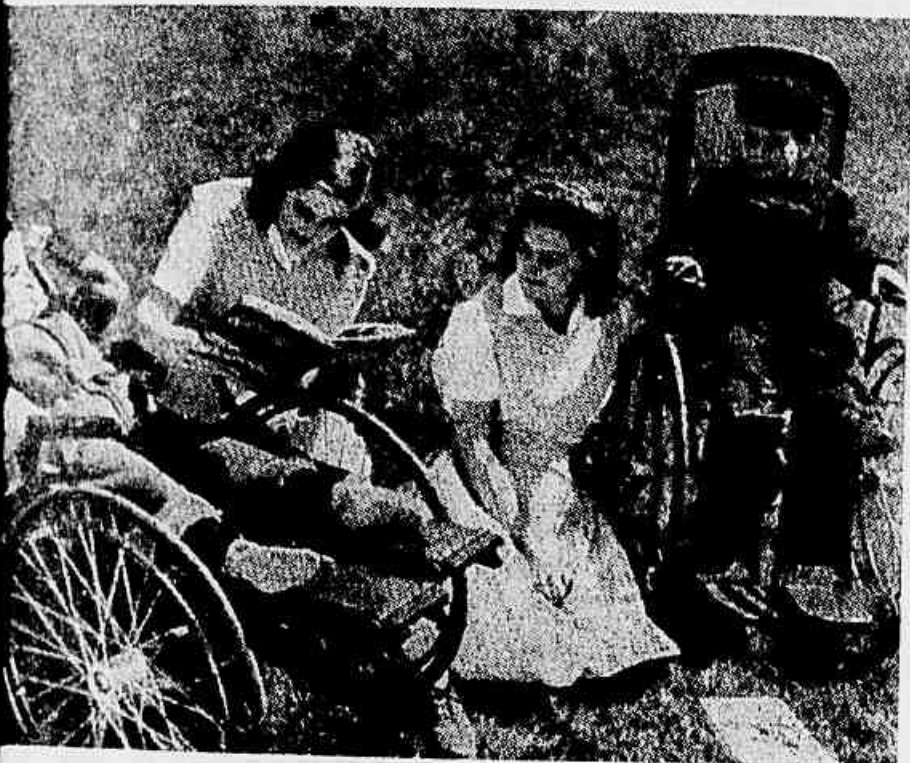
J. M.



Si é força física que exigem, ela está pronta a dar o máximo, e o faz sorrindo...



Na fábrica ela é o operário eficiente e o seu senso de responsabilidade a torna preciosa.



Os pequeninos inutilizados não têm o carinho materno, porém War Job girls, embora jovens, conhecem a psicologia infantil e sabem distrair e divertir os pequeninos; todas as suas necessidades elas as compreendem e satisfazem com alegria, carinho e paciência de Job.



A grande dama chinesa, seu marido o generalíssimo e suas irmãs não menos notáveis, Mrs. H. H. Kung e Sun-Yat-Sen; a primeira, mulher do ministro das finanças; a segunda, grande escritora de assuntos socialistas.



São atentas, prontas e eficientíssimas nos centros de controle das bases aéreas. Plantadas em seus postos não são nada inquietas; levam a sério suas graves responsabilidades.

NENHUM dos trinta e seis ministerios organizados no Brasil de 1822 a 1889, nenhum, pela personalidade do seu organizador, foi tão original quanto o gabinete de 21 de Janeiro de 1882, gabinete formado por Martinho Campos, dando-lhe logo o carioca o nome de Ministerio de S. Sebastião, aludindo à data do santo de 20 de Janeiro.

Martinho Alves da Silva Campos nasceu a 1 de Agosto de 1818 em fazenda de Minas no termo de Pitangui. Em 1838, no Rio de Janeiro, doutorava-se em medicina, recolhendo-se a fazenda sua na freguesia de Cebolas, distrito fluminense de Paraíba do Sul.

Muitos então entravam na politica pela juizado de paz, dependente do voto popular e magistratura julgadora de contestações pequenas, encarregada de conciliar partes desavindas.

Em 1848 era Martinho Campos juiz de paz, deputado geral suplente pela provincia do Rio de Janeiro de 1857 a 1868, deputado por Minas de 1872 a 1882.

No parlamento do Imperio foi Martinho Campos representante genuino da lavoura, o poder legislativo da época conspicua assembleia classista, nela figurando mandatarios de classes selétas, do alto social: magistratura, advocacia, medicina, militância de terra e mar, clero, comercio, industria.

As mais elevadas posições do Imperio chegavam ruralistas, vindos dos engenhos do norte, das fazendas do centro, das estancias do sul do Brasil. Cumpridos deveres de função publica qualquer, os dedicados à vida rural simples a ela tornaram com prazer no cuidar de interesses proprios, não raro descurados para melhor atender aos da nação, tudo podendo ser bastante exemplificado.

Na Camara dos Deputados Martinho Campos afirmou-se liberal, de ha muito acompanhando o seu partido nos bons e nos maus dias, de governo ou no ostracismo.

Eleito, reeleito e reeleito, Martinho Campos estudou a fundo o regimento da Camara. Como ele ninguém o sabia de cor, se alguns o conheciam saltado.

Dá Martinho Campos tornar-se a providencia dos presidentes da Camara titubeando em questões de ordem ou encaminhar de votações.

Prestimoso para amigos e adversarios, Martinho Campos não contava inimigos na Camara. Orador chão, chistoso, a propósito, as suas iracundias politicas lembravam chuva de trovoada, dando forte para passar logo, a bondade pedra de toque do coração do parlamentar. Nunca tal pedra se empregava melhor do que no tratamento dos escravos da fazenda de Martinho Campos, os cativos numa especie de condominio com o senhor.

Segundo Joaquim Nabuco, "Martinho Campos queria nos homens dignidade, fidelidade, sinceridade, honestidade". Desejo exigente e algo utopista, os quatro substantivos mais de dicionario que de sair á praça.

Martinho Campos admirava fervorosamente a Inglaterra e o seu parlamentarismo modelar, asilo sagrado da opinião publica. Para reforço de opinião costumava Martinho Campos referir-se a praticas parlamentares inglesas, chegando a declarar-se na Camara membro da opposição de Sua Magestade.

Nada inglês no trajar, Martinho Campos vestia-se bastante à fazendeiro, fiel ao bom chapéo de Chile, às roupas folgadas e claras no reinado da cartola e da sobrecasaca.

Exemplo de rusticidade na indumentaria dera nas Côrtes de Lisboa, em 1821, o deputado catarinense padre Laurence Rodrigues de Andrade, vestido de fazenda fiada e tecida na terra natal. Foi dito que por isso lhe recusassem identidade, à vista de um alvará de 1765 proibitivo da fiação no Brasil.

Martinho Campos, observou Taunay, "era desses feios que atraem". Em certas pessoas desprovidas de dotes fisicos, a natureza arrependida do desfavor contrabalança a fealdade. Em Martinho Campos o ar bonhacheirão, o riso franco, a gargalhada para si mesmo antes da alheia concorriam para torna-lo simpatico e grato. Para tanto tambem na sua oratoria de facil improviso concorriam em certos dias "repentes felizes, muita graça, irresistível chiste."

Martinho Campos envelheceu na Camara onde estreara aos trinta e nove anos. Tinha sessenta e tres ao presidir a Camara por um mez, logo depois presidente da provincia do Rio de Janeiro em exercicio de Fevereiro a Dezembro de 1881.

ESCRAGNOLLE DORIA

Martinho Campos

As duas presidencias de caráter oposito presagiaram presidencia maior, a do conselho de ministros. A 20 de Janeiro de 1882, por intermedio de Paranaguá, Martinho Campos recebia convite para ir a S. Cristovão a chamado do imperador.

Declarou o soberano ao convidado que, malgrado instancias, Saraiva se recusara a continuar no governo com a reforma eleitoral de 1881 julgando linda a missão do ministerio por ele presidido, o 28 de Março de 1880.

Por motivos diversos no momento não aceitara Paranaguá a incumbencia de formar gabinete. Por ter sido Martinho Campos um dos auxiliares do gabinete Saraiva, desejava o imperador encarregal-o da organização de ministerio em seguimento à politica do ministerio anterior.

A conferencia de S. Cristovão prolongou-se, Martinho Campos expozendo ao soberano diversas razões de não aceitação "de posto ao qual nunca aspirara". Uma das razões era a de não encontrar no Senado companheiros para governo.

— O senhor já tem um senador para o seu ministerio. Foi dizer sem dizer a Martinho Campos estar ele escolhido senador por Minas na vaga de Dias de Carvalho. Continuou o imperador: "Si lhe convier mais um senador, eu posso facilitar."



Martinho Campos num desenho de 1881.

Ha na lista triplíce pelo Maranhão (vaga de Candido Mendes), cuja eleição foi apurada e concluida, pessoa idonea. Si este lhe pode servir de auxilio, comquanto a atribuição da escolha seja da corôa, é evidente que eu não posso servir-me dela para contrariar a politica do ministerio."

A pessoa à qual o imperador se referia sem declinar nome era Franco de Sá. Não só o papa cria cardiais *in pecto* ou secretamente, por pensamento,

Martinho Campos pediu tempo ao imperador para ouvir amigos, primaz d'elles Abaeté, venerado, pelo que o desejava ouvir. Lá se foi Martinho Campos à rua D. Luiza à Gloria, onde Abaeté residia desde muito.

Dise o consultado ao consulente que o procurava, pedindo licença para recuar ministerio. Mas ouviu o seguinte: "Como amigo devo dizer-lhe que não tem o direito de recusar, porque assim desmentiria a sua vida no parlamento, desmentiria as obrigações que tem contrahido para o paiz, fazendo uma campanha de dezenas de anos sempre na opposição."

Martinho Campos curvou a cabeça ao conselho de Abaeté. No dia seguinte dirigio-se a S. Cristovão e apresentou os nomes dos deputados Rodolfo Dantas, Franco de Sá, Afonso Penna e Alves de Araujo para ministros do Imperio, dos Estrangeiros, da Guerra e da Agricultura. Ficaram encarregados o primeiro da interinidade na pasta da Justiça e o quarto de outra interinidade na da Marinha, só mais tarde ministros da Justiça e da Marinha os deputados Silva Mafra e Bento de Paula e Souza.

Com os colegas do Imperio, dos Estrangeiros, da Guerra e da Agricultura compareceu Martinho Campos, ministro da Fazenda, na Camara dos Deputados, a 21 de Janeiro de 1882. Ia proferir o discurso-programa do ministerio, cousa de estilo em regimen constitucional representativo como tinhamos.

Na Camara o novo presidente do conselho falou longamente, na sua oração mantendo os fóros de independência e dignidade do ex-oposicionista.

Exordiou Martinho Campos: "A Camara e o paiz

sabem que o meu liberalismo nunca teve como dogma fundamental senão a obediência absoluta e cega à lei. A vontade e o capricho de um homem qualquer não obriga a outros homens, mas a lei deve obrigar a todo bom liberal a abaixar a cabeça."

Reconhecendo a influencia do Senado na marcha dos negocios publicos, declarou Martinho Campos:

"Infelizmente para a patria a vida dos senadores é cada vez mais curta. Uma fatalidade tem perseguido os nossos partidos, nossos homens mais eminentes tem desaparecido rapidamente. Entretanto os que estão no Senado, dignos sucessores dos nossos primeiros homens da independencia, do primeiro reinado e da minoridade (o orador devia estar pensando em Abaeté) não são homens menos importantes e menos dignos."

Prevendo acusações possiveis de haver ele faltado ao respeito ao Senado, Martinho Campos antecipou resposta. "O estadista que excluísse de uma organização ministerial os senadores não cometeria nenhum atentado contra a Constituição; cometeria, porem, uma grande ineptia, privando-se do auxilio de homens em geral mais experientes que os deputados, mais habilitados para facilitar o andamento dos negocios no senado."

Desculpando-se por não apresentar programa politico, justificou-se Martinho Campos. "Devo declarar à Camara que, aceitando os estylos do parlamento inglês — balda que eu confesso que tenho — desejava ver no Brasil estabelecidos esses estylos."

Todo o discurso ministerial de 21 de Janeiro de 1882 respira independencia e gratidão, manifestada à provincia do Rio de Janeiro que, em 1857, havia eleito Martinho Campos, deputado liberal, até por votos de conservadores. E disse o presidente do conselho:

"Quando se me chamou para organizar ministerio todo o publico sabia que se chamara o deputado Martinho Campos com vinte e tantos annos de opposição. O que o publico e a camara tem direito de exigir de mim é que no ministerio eu seja coerente com o que fui na opposição. Protesto à camara que na presidencia do conselho de ministros hei de praticar as doutrinas e seguir as praticas que aconselhei como membro da opposição aos ministerios de Sua Magestade, não tenho hoje opiniões diversas das que tinha quando era parte da opposição permanente de Sua Magestade nesta casa."

A 6 de Maio de 1882, o ministerio Martinho Campos recebia novo ministro da Marinha, o deputado Carneiro da Rocha em substituição do deputado Paula e Souza.

O ministerio não teria muito tempo para substituições. A 30 de Junho de 1882, por motivo de uma questão de confiança, vencido o governo por 63 votos contra 45, Martinho Campos não hesitou, demitio-se incontinenti. O pundonoroso não hesita em caso de justo melindre. Queriam-lhe o lozar, deixava-o.

A convivencia oficial aproximou D. Pedro e Martinho Campos. "Parece que lastimaram ambos haverem se conhecido tão tarde. O Imperador como que se apressou em fazer Martinho Campos presidente do conselho para compensar o tempo perdido e Martinho Campos morreu sinceramente dedicado ao Imperador." Nabuco, *Um Estadista do Imperio*.

Em 1887 via-se Martinho Campos conselheiro de Estado, membro de seletissima corporação creada, extinta, revivida, deliberante em Novembro de 1889 mesmo ao anuncio da Republica. O resumo dos pareceres dos conselheiros de Estado, em hora suprema de ultima reunião, no Paço da Cidade, foi recolhido por Heitor Lyra no arquivo do castelo d'Eu, e por aquele prestante amigo do passado inserto na sua *Historia de Dom Pedro 2º*, provindo o citado resumo de notas autografadas tomadas a lapis pelo imperador no correr da premente discussão.

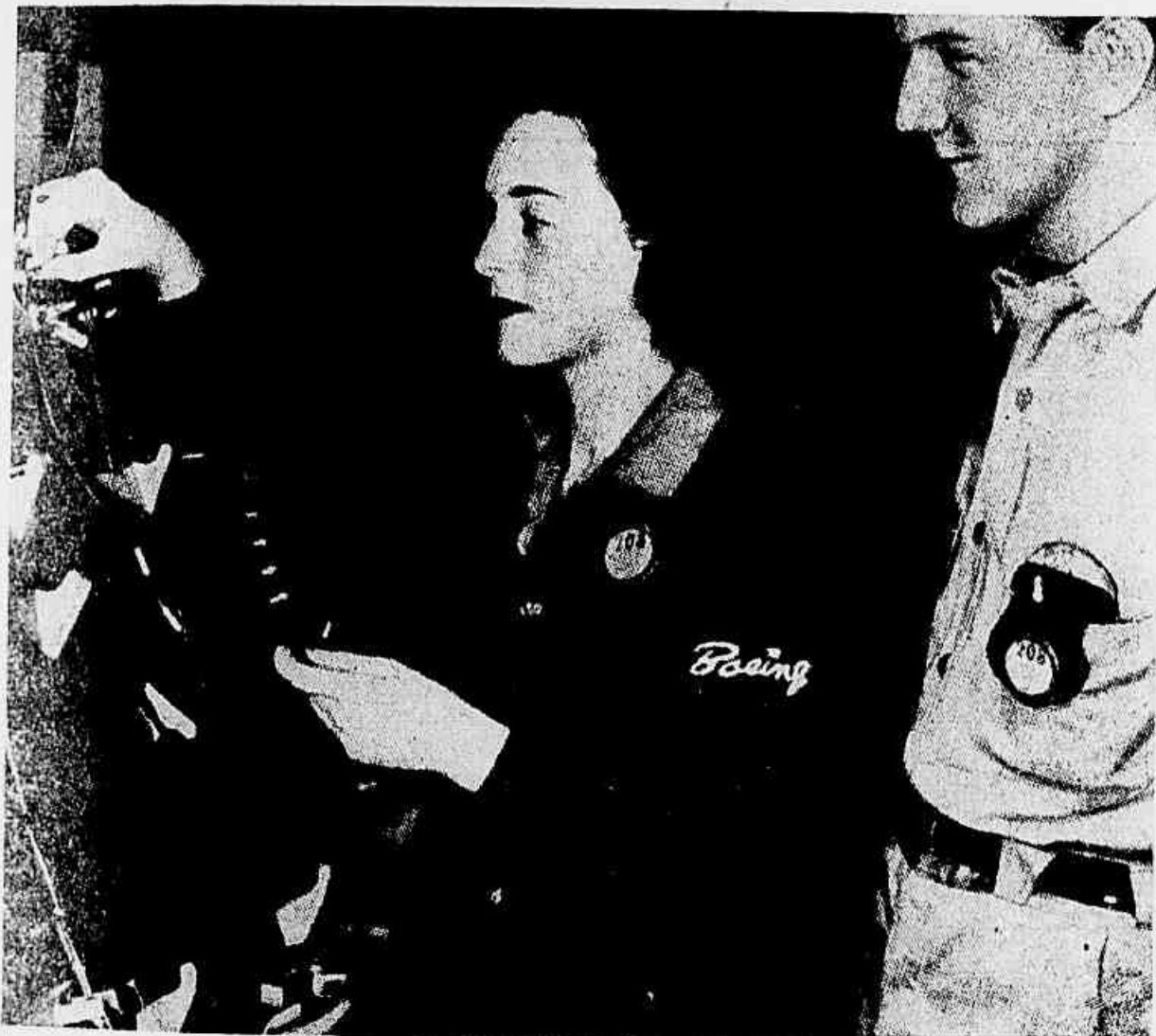
Faleceu Martinho Campos a 29 de Março de 1887 em Caxambú, sepultado em Baependi, tudo em solo mineiro. A 27 de Fevereiro de 1927 houve quem salisse de Caxambú para Baependi, de preciosa igreja matriz Deus cultuado, cumpria saber de Martinho Campos. Ao forasteiro abriram o portão de pequeno cemiterio nele o jazigo perpetuo de Martinho Campos, bem anelante a muro. Sobre lapide extensa lista de datas e titulos tudo quanto fôra sobre a terra quem debaixo dela jazia. Era meditar instantes repassando outrora. Dentro e pouco fechava-se e velho portão da necropole, passava-se-lhe corrente, a chave girava no cadeado, Martinho Campos por muito tempo outra vez a sós, o a sós tão do que dar de mortos...

A mulher em todos os setores

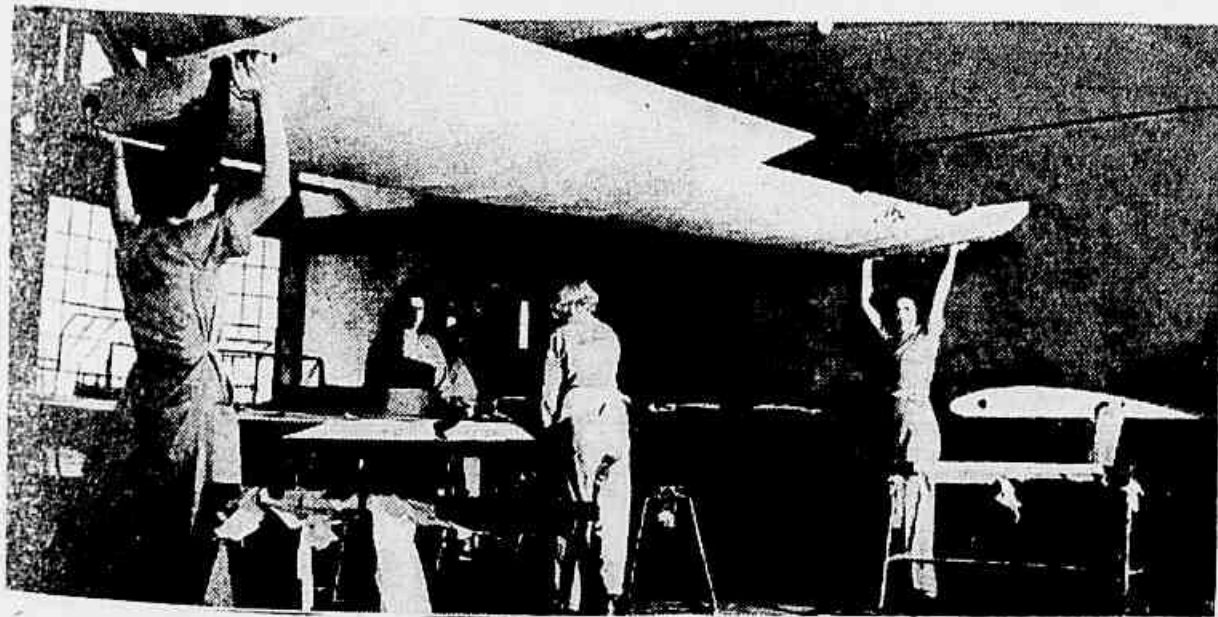
(Conclusão da página 5)



Os campos e as fazendas foram abandonados; cada homem válido é um soldado e estes precisam ser alimentados. Os campos têm que produzir; o exército precisa de carne. E ela não teme nada, o trabalho rude não a amedronta; ela a tratar dos porcos, parecendo a gata borralheira de um conto de fadas, mas é simplesmente uma jovem formosa, que substitue os seus parentes chamados ao "front".



Nem os difíceis trabalhos de técnicos a amedrontam. Com rara perícia toma a tarefa e são vitoriosa. Seu serviço é meticolosamente bem feito, todo seu esforço e toda sua atenção estão ali concentrados; seu mundo gira, agora, ao redor daqueles fios e bobinas, ajudando a apressar a vitória. Ela auxilia a volta da felicidade sobre a terra.



Conduzindo uma asa de avião. Nem um homem ajudando e tudo corre bem, a tempo e a hora, da melhor maneira. E, se não falta atenção, força também não falta.

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoececem muito facilmente do estômago e intestinos. Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fora de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

Nossa capa

Nossa capa de hoje é a primeira página de uma reportagem da mais completa atualidade, em que se revelam providências adotadas nos Estados Unidos em face da gripe que novamente ameaça o mundo em caráter epidêmico.

Não acreditamos que seja desta vez a gripe um fator de mortandades enormes; entretanto, mais uma vez repitamos o lugar comum: é melhor prevenir do que curar.

REVISTA DO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Recebemos o número quatro, do ano terceiro, correspondente ao segundo semestre de 1943 (vol. IV) da publicação supra referida.

Traz, como nos números anteriores, matéria interessante e variada, subscrita por elementos civis e militares de projeção em nosso meio.

E' preferível absolver com criminosos do que condenar um inocente.

RUY BARBOSA

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da República constará na própria capa do número a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

Alívio Para As Erupções Da Eczema

Um dos mais importantes problemas do médico é o tratamento bem sucedido das dermatoses. Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczemas, eczematides e psoríasis da pele.

BELZEMA tem sido aplicada com o máximo sucesso em casos de erupções obstinadas já muito antigas. Com o emprego de BELZEMA as coceiras cessaram imediatamente e com a continuação do tratamento, a pele tornou-se novamente limpa e macia.

BELZEMA não é visível nem sentida, quando aplicada. Não mancha a roupa e não requer ataduras.

Use BELZEMA hoje mesmo e veja como se sentirá aliviado. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se limpa e atraente.

BELZEMA

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de allace ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Allace permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Allace "Brilhante".

Experimente-o.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

DOR DE ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



SABÃO
TIMBOROL
A SAÚDE DO SEU CÃO
O SEU VETERINÁRIO
ASSEGURA A HIGIENE E BELEZA DO CÃO POR COMBATER OS PARASITAS E AS MOLESTIAS QUE OS MESMOS PROVOCAM

Jóias de ocasião



"Pendentif" de cajú cristalizado em cruseiros.



Estôjo de manga com encrustações de centavos.



Bichas ventosas de pedra de primeira água.



Diadema de abacaxi com guarnições de economia política



Colar duplo de pilulas de vinho



Solitário de feijão preto com vista curta para o mar.



"Chatelaine" com pedra de açúcar confinado



- Como conseguir um jóio desses?
- Escreva a Rotschild.



GANHAR O MUNDO



DALE COLLINS

(Novela traduzida especialmente
para a REVISTA DA SEMANA)

— Vai à terra, Stevie?

— Não posso, disse Stevie Pemberton, que era sempre chamado pelo diminutivo, porque media dois metros e dez e era corpulento como um boxeur de peso pesado. — Não quero que pense em Nellie. Você sabe como é.

Sorrisu para a fotografia de Nellie que estava na prateleira, em sua moldura que o negociante chinês, com suave audácia, havia garantido ser de prata maciça. Não era uma beleza arrebatadora, mas... era Nellie, e era essencial que ela tivesse tudo o que ele pudesse dar-lhe. Ir à terra significava gastar dinheiro, e seu dinheiro destinava-se a ela. Sempre fora assim. Era estranho, mas era assim mesmo, e parecia estar certo e isso o tornava feliz.

— Ah, então não insisto com você.

Quando o outro saiu, o terceiro oficial do **S. S. Ptarmigan** começou a lamentar sua situação. Seu grande corpo juvenil começou a sentir-se constrangido naquela cabine, que parecia de repente ter ficado mais estreita. Dirigindo-se à vigia, olhou melancolicamente para Yokohama, convidativa e vistosa ao sol matinal. O dia estava abatido — havia tempestade no ar — e o navio, silencioso e sem vida, esperava a carga de seda que devia ser entregue à tarde e estava atrasada. Até essa hora, não havia nada para Stevie fazer senão andar para lá e para cá, sentando-se aqui e ali.

Voltou-se para Nellie que lhe sorria dentro a capa de peles que lhe havia comprado, numa liquidação em Harbin. Lá estava ela em Hull, esperando-lhe a volta, como vinha esperando desde que os dois eram garotos. Boa menina — pronta para casar com um terceiro oficial que dentro de muito tempo não conseguiria ir muito adiante e apenas contava com uma fortuita oportunidade de arranjar um navio decente para comandar. Ansiosa para compartilhar com ele uma castiça, ser a mãe de seus filhos, levar uma vida solitária — pois em vinte anos realmente não passariam mais de quatro juntos. E ao fim desse tempo — que a esperava? Nenhuma pensão, nada, exceto o que tivessem podido pôr de lado, e seria afinal bem pouco.

Uma pequena que pudesse esperar feliz e amável, durante tantos anos, tendo apenas essa perspectiva, amava-o e era digna de ser amada. Quando via certas louras que lhe levavam grandes vantagens, bastando olhá-las para perceber isso... bem, ele pensava — será que elas procederiam como Nellie?

Algumas vezes era preciso firmar esse ponto muito bem no espírito. E assim fazia.

Ora, para desembarcar em Yokohama, sozinho, pela manhã, não era preciso chegar a esse ponto. O **Ptarmigan** ia partir à meia noite para New York, via Panamá, o que significava semanas e semanas sem oportunidade de esticar as pernas. Tivesse ido com Jack e os outros, iria gastar dinheiro, mas um passeio tranquilo, para tomar uma cerveja ou coisa semelhante, custaria apenas alguns yens. Nellie seria a última a se opor. Ela sempre detestava que ele se sacrificasse por ela.

— Devo ir?



E Nellie é claro — por ser Nellie — anuiu imediatamente com um sorriso, de dentro da capa de pele de Harbin. Portanto, Stevie, assobiando alegremente, mudou de roupa, falou com o imediato e fez sinal a um sampan.

Tomou apenas uma cerveja, num pequeno bar perto do cáis, e depois saiu para estirar as pernas. Eram de fato umas pernas muito compridas. Passava como uma torre, pela torrente de japonesas de passinho miúdo, e quando cruzava com um europeu, esse — e mais especialmente se era uma européia — lançava um olhar de admiração ao rapagão. Pois ele era tão atraente quanto musculoso. Muitas mulheres seriam capazes de explicar porque era que Nellie se dispunha a esperar em Hull. Mas Stevie não pensava em tal explicação. Ele só pensava no corpanzil, quando achava um beliche muito curto; só pensava na cara que tinha quando precisava fazer a barba. Nellie, naturalmente, lhe falara muitas vezes a respeito dele, porém embora ele apreciasse os elogios sabia que ela não tinha isenção de ânimo para falar.

— Perfeitamente, o que importa é que eu lhe agrade — dizia ele, e assim era.

As ruas estavam cheias. Os passeios não eram bastante largos para os grupos palradores e os carros buznavam e os homens dos rickshas davam gritos de aviso, ao forçarem uma passagem. Stevie tinha estado em muitos portos, mas nunca em algum que mais fortemente sugerisse uma população superexcedente. Todavia, todo barulho e bulício era agradável, depois da estagnação do navio. Seguiu forçando a multidão, parando uma vez por outra para olhar tristemente a vitrina duma casa de sedas ou de curiosidades. Tantas coisas que ele gostaria de levar para Nellie!

O ar tornava-se mais pesado, mais sufocante. Stevie enxugava o suor da testa. Um café de fachada toda aberta parecia convidativo. Havia japoneses sentados a beberem chicharas de saki e compridos e frescos copos de cerveja. Podia fazer uma pausa, para observar a multidão. Nellie aprovaria isso, principalmente vendo como o tempo estava carregado.

O garçon soltou um longo hausto respiratório e trouxe a cerveja. Uma japonesa ergueu as sobrancelhas afiladas diante da fita vermelha.

— Ah! suspirou Stevie, tomando um longo sorvo.

— A cerveja está boa, marinheiro?

A pergunta viera de trás dele e dando volta Stevie percebeu uma pequena que havia entrado e estava em vias de se sentar na sua mesa. Nada de mais nisso, mas a pequena era mais do que fora do comum. Stevie nada vira igual, até então, exceto no cinema. Assim boquiabriu-se e ficou de olhos arregalados.

Era uma criatura muito diferente das mulheres que falam com os marinheiros, nos cafés baratos. Irradiava, era uma visão. Tudo o que Stevie sabia a respeito de vestidos era que Nellie os usava, mas mesmo esses leves conhecimentos eram bastantes para dizer-lhe que aquele simples costume branco tinha custado mais do que todo o guarda-roupa de Nellie. E ela combinava com o vestido. Era loura e muito elegante. Os olhos eram grandes e rissonhamente insolentes; a boca provocadora, mas poderia ser igualmente petulante. Naquela grosseira cenária era como uma orquídea e todavia parecia completamente ambientada, à vontade e alheia ao que a rodeava.

Jovem, talvez de dezenove anos, tirava tudo o que podia de sua juventude e do mundo afortunado onde vivia tão venturosamente. Stevie sabia apenas engulir em seco. Estonteante, era a palavra. A única palavra. Ele ficou estonteado.

— Uh-uh, guaguejou ele, e não soube o que dizer, embora fosse usualmente muito conversador.

O garçon apareceu e deu à mesa um polimento extra. Nunca antes na história do Bar do Sol Nascente, tal freqüência abrilhantara a cena. Todos os olhos estavam voltados para ela e até mesmo alguns jogadores esqueceram a partida por um instante.

— Isto anunciou, ela, ao se sentar calmamente na cadeira vazia, oposta a Stevie — é o que vocês, marinheiros românticos, sempre esperam que aconteça quando vem à terra, mas não acontece nunca. Eu sou a exceção para provar que, enquanto há vida há esperança.

— C...como? — disse Stevie debilmente, ficando ainda mais tonto com este rompanse intempestivo.

— Quer dizer, disse ela, e os olhos eram mais alegres, mais azues do que qualquer centáurea — que você, felizado, foi apanhado pela filha dum milionário. Agora me diga, não é isto que vocês sempre esperam que aconteça?

— Bem... eh... não é exatamente isso, disse Stevie, acrescentando apressadamente, mas é bem agradável.

— Naturalmente é agradável, embora agradável seja uma palavra sem graça. É maravilhoso, é uma sorte. Ei, garçon, duas garrafas de cerveja. Você vai beber comigo. E não me venha com essa história de "eu não poderia aceitar um drink de uma mulher". Eu quero cerveja e quero beber com você, por conseguinte é por minha conta. Valeu?

— Bem, você parece o patrão, mas...

— Eu sei, não se importe. Ninguém me deixa fazer o que eu quero. Não sei porque é. Estão sempre pedindo explicações e querendo saber os motivos. Para o diabo com isso. Si quizer fazer uma coisa, faça. Eu sou Patricia Brett — você vai me chamar Pat — e estou num cruzeiro à volta do mundo, num iate dos velhos. Temos a bordo uma fina coleção de fosseis, e diversos rapazes engajados como tripulantes, para casarem com a filha do milionário. Mas o caso é que estou caceteada com eles que só falta chorar. Portanto esta manhã me larguei para terra, sozinha, em busca de aventuras e no momento em que o vi sentado neste buraco, disse: Pronto! — E estou cansada de cocktails... quero cerveja. Veja, eu sempre arranjo o que quero.

O garçon, fazendo reverências, serviu as bebidas.

Ela bateu os copos, alegremente. Stevie continuava como que sob a ação dum sortilégio. Ele ouvia os camaradas, quando voltavam para o navio, contarem histórias acerca de aventuras como esta, e invejava os felizados até que vira as lindas damas. Raramente se tratava de belezas ou de damas. Com todo seu informalismo, Pat era as duas coisas ao mesmo tempo.

— Escute, disse ela de repente, eu acho que você é o pedaço de homem mais bonito em quem eu já pús os olhos.

— Olhe, deixe que eu lhe diga, venha mais devagar. Eu não... eu não estou acostumado com estas coisas.

(CONTINUA NA PAG. 47)

COLÉGIO SANTO ANTONIO

(SOB INSPEÇÃO PERMANENTE — DEC. 21.318 DE 25-4-932)

S. JOÃO DEL-REI == MINAS

DIRIGIDO PELOS PADRES FRANCISCANOS HOLANDESES

O Estabelecimento mantém cursos de admissão, secundário fundamental e colegial (científico e clássico).

PREÇOS PARA INTERNATO

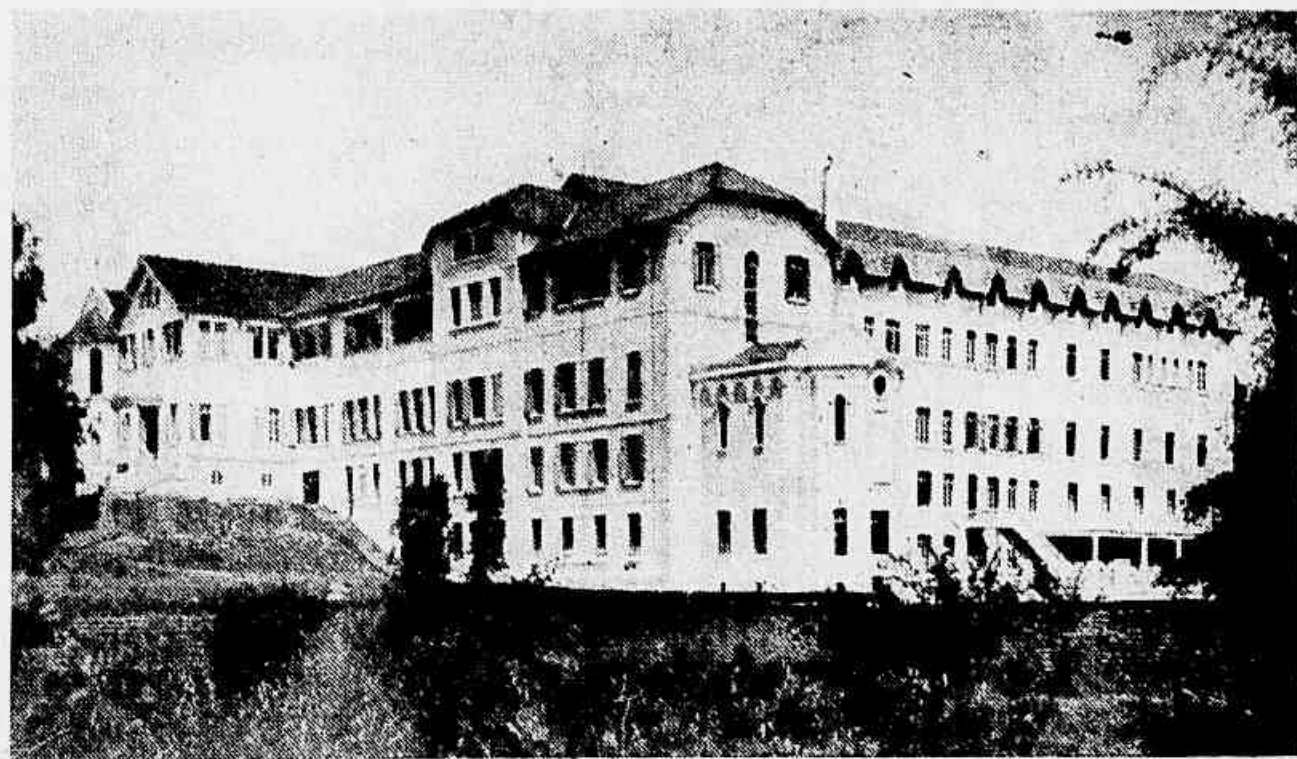
Curso de admissão, por ano	Cr\$ 2.000,00
Curso secundário fundamental, por ano ..	Cr\$ 2.200,00
Curso colegial, por ano	Cr\$ 2.700,00

Não se pagam taxas nem lavagem de roupa.

O Estabelecimento possui amplas salas de aula, ótimos gabinetes de Química, Física e História Natural.

Para as horas de recreio há uma piscina olímpica de natação, 3 campos de esporte, 2 grandes pátios internos e amplo auditorium com cinema sonoro.

Para pedidos de estatutos dirigir-se à Diretoria.



Vista parcial da fachada principal do Colégio Santo Antonio.

FERNANDO MAGALHÃES E PEREIRA DA SILVA



FERNANDO AUGUSTO RIBEIRO DE MAGALHÃES NASCEU NO RIO, EM 15 DE FEVEREIRO DE 1878. ERA FILHO DE ANTONIO JOAQUIM RIBEIRO DE MAGALHÃES E DE D. DEOLINDA MAGALHÃES. EDUCOU-SE NO COLEGIO PEDRO II E FORMOU-SE EM MEDICINA EM 1899. JÁ EM 1900 ERA INVESTIDO DAS FUNÇÕES DE PROFESSOR INTERINO DE GINECOLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA E, UM ANO MAIS TARDE, OCUPAVA A CADEIRA DE LIVRE-DOCENTE. FOI DIRETOR DO HOSPITAL DA MATERNIDADE DO RIO DE JANEIRO E, SUCESSIVAMENTE, MEMBRO DO CONSELHO DA UNIVERSIDADE DESTA CAPITAL, DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, PROFESSOR DO INSTITUTO FRANCO-BRASILEIRO DE ALTA CULTURA, DIRETOR DA FACULDADE DE MEDICINA, REITOR DA UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO, DIRETOR DA BENEFICÊNCIA PORTUGUESA, PRESIDENTE DA PRIMEIRA E DA QUARTA CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO E DELEGADO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO À ASSEMBLEIA CONSTITUINTE DE 1933. ERA TAMBÉM MEMBRO DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, DA ACADEMIA DE OBSTETRICIA E GINECOLOGIA DO BRASIL, ALEM DE NUMEROSAS OUTRAS ATIVIDADES CIENTÍFICAS. OCUPAVA NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS A CADEIRA N.º 33, CUJO PATRONO É RAUL POMPEIA E FUNDADOR DOMÍCIO DA GAMA. ELEITO A 22 DE JULHO DE 1926, FOI ALI RECEBIDO A 8 DE SETEMBRO DO MESMO ANO.

ANTONIO JOAQUIM PEREIRA DA SILVA NASCEU EM ARARUNA, NO ESTADO DA PARAIBA, A 9 DE NOVEMBRO DE 1878. FEZ OS ESTUDOS SECUNDÁRIOS NA ANTIGA ESCOLA MILITAR DA PRAIA VERMELHA. COMEÇOU A CARREIRA DE ESCRITOR FAZENDO A CRÍTICA DOS AUTORES CONTEMPORÂNEOS NAS COLUNAS DOS JORNAIS DO RIO DE JANEIRO, SOBRETUDO NAS DA "CIDADE DO RIO", DA "GAZETA DE NOTÍCIAS", DA "ÉPOCA", DE "A PÁTRIA", E DO "JORNAL DO COMÉRCIO". AO LADO DE SATURNINO MEIRELES, FELIX PACHECO, GONÇALO JACOME E OUTROS TERÇOU ARMAS EM PROL DO MOVIMENTO SIMBOLISTA, ESCRVENDO ASSIDUAMENTE NA FAMOSA REVISTA "ROSA CRUZ". ORGANIZOU, COM AGRIPIO GRIECO E TEO-FILHO, O MENSAL "O MUNDO LITERÁRIO". ENTRE SUAS OBRAS DESTACAM-SE VAE SOLI (1905), BEATITUDES E SOLITUDES (1919), HOLOCAUSTO (1921), PO' DAS SANDALIAS (1923), SENHORA DA MELANCOLIA (1928) e ALTA NOITE (1940).

ERA MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS, NA QUAL FOI RECEBIDO EM JUNHO DE 1934, SUCEDENDO A LUIZ CARLOS DA FONSECA. OCUPAVA A CADEIRA N.º 18, QUE TEM COMO PATRONO JOÃO FRANCISCO LISBOA E QUE FOI FUNDADA POR JOSÉ VERÍSSIMO.

*

O mês que vai findar deixou dois claros na Academia Brasileira de Letras. Na segunda-feira 10 falecia Fernando de Magalhães e na terça a figura suave e sofredora de Pereira da Silva deixava este mundo por outras regiões mais puras e perfeitas. Eram realmente dois tipos inteiramente opostos: a exuberância de Fernando de Magalhães, médico de renome, tribuno consagrado, político e professor, contrastava com a nordestina humildade desse mavioso poeta.

Ambos foram artistas da palavra: Fernando de Magalhães amava-a como agitadora de multidões; via

nela, antes de tudo, o instrumento que cria os grandes movimentos coletivos. Amou-a e cultivou-a na tribuna e na cátedra. A beleza da palavra, para ele, residia, antes de mais nada, na sua capacidade de transformar as almas dos homens, compelindo-os aos cometimentos ousados, aos feitos nobres e heroicos: a palavra que ensina, que estimula, que arrebatava. Por isso foi um doutrinador, um homem de ação, um tribuno na mais elevada acepção do termo.

Eram outras as ambições de Pereira da Silva. Quem o visse pela primeira vez logo sentia que tudo nele era discreto e que o animava um permanente desejo de

obscuridade, uma fome inextinguível de silêncio, esse silêncio tão necessário à criação poética, que só ele permite ao artista escutar as vozes misteriosas das coisas e dos seres, imperceptíveis aos outros mortais. Pereira da Silva foi poeta. Trazia no sangue as canções que dormiam no bojo das violas fabricadas por seu pai. Tímido, melancólico, discreto, não alardeava sofrimentos, nem procurava aparecer. Toda a sua vida foi, assim, um tecido maravilhoso de franciscana doçura e pureza cristalina. Foi também jornalista e crítico, mas tudo isso, no dizer de Mucio Leão, "era ainda poesia".

(CONTINUA NA PAG. 14)



Esse primeiro SORRISO...

Quando se prepara para encontrar-se com ele, você se esmera no vestuário, no penteado, na maquiagem. Os seus dentes precisam estar resplandecentes. Manchados ou sujos, estragariam o mais lindo sorriso. Escove-os sempre com Creme Dental Squibb. É um "dever" de toda mulher de bom gosto. Milhões usam-no, pelo seu sabor agradável, pela sua deliciosa sensação de frescor. O importante, porém, é que se tra-



ta de um dentifício seguro. Sua fórmula científica impede o uso de substâncias raspantes ou adstringentes: jamais afetará o esmalte ou as gengivas. Pelo contrário, contém um excelente anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb! Cada tubo traz o Selo da Casa Squibb — a segurança da melhor qualidade que o conhecimento científico e o cuidado humano podem produzir. Squibb é um nome de confiança.

CREME DENTAL SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA



*Para ele,
só dou
o melhor!*

QUER ver seu bebê crescer forte e sadio? Inclua, diariamente, Quaker Oats, no seu regime alimentar. Quaker Oats desenvolve o corpo, ossos e músculos — enriquece o sangue, auxilia o crescimento normal. Contém em abundância Thiamin (Vitamina B-1), ferro, fósforo e proteínas. De gosto agradável, econômica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.



Insista em comprar a lata com a figurado Quaker — a aveia sem impurezas.

Livros

CAIRÚ, PRECURSOR DA ECONOMIA MODERNA — José Soares Dutra — Rio

A figura de Cairú, das mais singulares de nossa história, importante pelos sucessos que viveu e pelas transformações que gerou, é estudada nesse pequeno volume com honestidade e simpatia. Divide-se o trabalho em três partes: o ambiente, o homem e a obra. Na primeira, o sr. Soares Dutra procura-nos traçar um retrato da vida no Brasil colonial e da repercussão que teve em nosso passado histórico a vinda da família

Bragança, apontando as transformações políticas, sociais e econômicas que acarretou. A seguir, estuda a formação da personalidade de Cairú, sua educação, as vicissitudes por que passou na vida pública e privada, fazendo ressaltar as elevadas qualidades de caráter e de inteligência que sempre o caracterizaram. Entra logo depois a apreensão da obra do economista, do político, do sociólogo e do pedagogo.

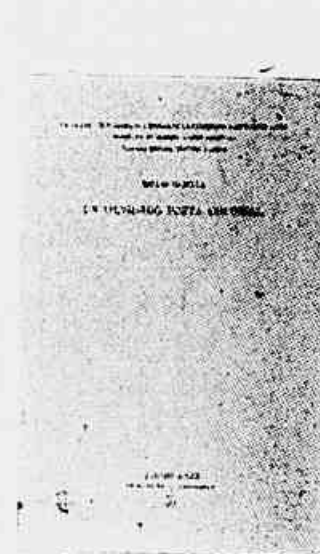
CAIRÚ

Inteligência primorosa, senhor de uma cultura verdadeiramente excepcional naqueles tempos em nossa terra, abrangendo os mais diversos domínios, Cairú é um dos varões ilustres de nossa história pela integridade de seu caráter e a fecundidade de sua ação como homem público. Seu biógrafo chama-nos a atenção para o número avultado de obras impressas que nos legou e que, no entanto, dormem na poeira das bibliotecas e arquivos por não ter acudido a nenhum dos nossos editores a lembrança de reimprim-las. Algumas delas, como o *Direito Mercantil*, o *Tratado de Economia Política* lançaram alicerces de ciências

que para nós eram inteiramente desconhecidas. Não falando nas suas obras principais, seus opúsculos políticos, os muitos panfletos que escreveu projetariam forte luz sobre os acontecimentos de sua época e a maneira pela qual entendia e traduzia para o nosso meio, tão acanhado e tacanho, as doutrinas dos economistas europeus.

Cairú foi uma das figuras importantes da nossa evolução política e econômica. Como tal não pode ser ignorado num panorama geral de seu tempo. O sr. Soares Dutra, bosquejando-lhe o retrato e tentando delimitar-lhe a ação — que foi enorme — prestou real serviço aos estudiosos e biógrafos futuros do nosso primeiro economista.

UN OLVIDADO POETA COLONIAL — Emilio Carilla — Buenos Aires



Recentemente publicado pelo Instituto de Cultura Americana da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, sob a preclara direção de Arturo Gimenez Pastor, este livro vem revelar à América um poeta colonial, cuja obra até agora desconhecida só tem merecido a atenção dos eruditos e especialistas. Trata-se do padre Juan Bautista Aguirre, que nasceu em Daule, no Equador, em 1725, vindo a estudar na Universidade de Quito, acabando seus dias na Itália, em Tivoli, no ano de 1786.

Carilla pesquisa as influências sofridas pelo jesuíta e aponta o fato tão comum nas letras americanas, tanto brasileiras como espanholas, da influência retardada. E assim, por exemplo, que o padre Aguirre é gongórico cento e cinquenta anos após a morte de Gongora. Como este, Aguirre leu e sofreu o influxo de Calderon, Quevedo, Rioja e Polo de Medina. Constitui, portanto, um ponto de partida curioso para o estudo das influências culteranistas na América Espanhola. A monografia de Emilio Carilla é digna de louvor pelo caráter científico que imprime à sua crítica. A obra do jesuíta equatoriano é esmiuçada nas suas

menores particularidades e recebe o lugar que merece na literatura hispano-americana, sem louvores exagerados, nem depreciações excessivas. Ao ensaio de Carilla seguem-se as poesias do padre Aguirre acompanhadas de notas elucidativas.

ESTA TIERRA DE AMÉRICA. *Sete ensaios americanos*. — Erly Danieri. — Buenos Aires

Editado pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires que, longe de ser uma instituição puramente decorativa, presta elevados serviços à cultura da América, este livrinho de Erly Danieri aborda sinteticamente alguns dos problemas cruciais das letras novomundistas. Esses sete ensaios de real profundidade são um hino à América. O autor compreende os alevantados destinos do continente que em época bem próxima desempenhará papel importante na cultura universal. De fato, a América — referimo-nos à sua parte meridional no que tem de mais próprio e incontaminado — está fadada a constituir o berço de uma nova forma de civilização. Atravessada e superada a fase de imitação assimiladora, a América começará a desenvolver suas tendências inatas que lhe advêm da fusão de raças e do caráter cósmico de sua evolução.

O ensaísta argentino, antes de mais nada, dirige a si próprio a pergunta fundamental: "Haverá uma realidade espiritual americana?" Estudando as origens sociológicas das duas Américas, Danieri chega à conclusão inevitável de que, apesar das diferenças provenientes de uma diversa formação cultural, não há entre ambas oposição e sim complementação. São aspectos diferentes de uma realidade fundamentalmente idêntica. E, logo a seguir, no magnífico ensaio a que deu o sugestivo título de "Persistencia de la tierra", aponta a diversidade de atitudes entre um americano e um europeu em face da paisagem. E sustenta que a palavra *paisagem* não se aplica ao nosso continente, onde tudo é agreste e bárbaro. Aqui só é válida a expressão *terra*, que trás em si algo dessas forças elementares que a cada instante atuam na fisionomia do continente.

Como o artista americano vê essa terra? E' a outra questão que Danieri tenta resolver. Para isso toma o que chama "los libros de tierra fuerte", as novelas representativas da América e analisa-as em busca dessa visão original do mundo que é apanágio do homem americano. "La tierra que absorbe tanto de la vida en América es, en su arte fuerte presencia." E este é o primeiro traço característico do livro americano. Os românticos desempenharam o papel de esclarecedores nesse primeiro contacto com a realidade física americana. Mas só o modernismo, movimento fecundíssimo na arte de Hispano-América, conseguiu realizar uma aproximação perfeita entre o homem e a paisagem. Suscitou, então, essa floração admirável de novelas trazem em si a

Novos

revelação do continente: a novela do pampa, dos lhanos da Venezuela, da selva amazônica. — *Don Segundo Sombra* de Guiraldes, *Dona Barbara* de Gallegos e *La Voragine* de Rivera. Esses três livros exponenciais representam, na literatura hispânica-americana, a posse da terra.

Os últimos ensaios do livro versam temas americanos, como os primeiros. Teem, no entanto, mais do que estes o caráter de artigos de jornal. Os ensaios que acabamos de comentar são inegavelmente ligados por um nexo interior que é um idêntico amor à terra da América, à sua realidade bárbara, a seus homens e aos artistas que souberam vê-la e compreendê-la tal como é, mui diversa da Europa, germinal de uma era nova.



HOMENAGEM DA CIA. ANTARTICA PAULISTA AOS JORNALISTAS

Os jornalistas do interior de São Paulo, do Rio de Janeiro e da Capital Paulista, reunidos para o trabalho de divulgação da grande Feira de Indústrias ali levada a efeito o ano passado, tiveram ocasião de fazer às instalações industriais da Cia. Antartica Paulista uma visita coletiva, idealizada pela Diretoria do estabelecimento que, para sua realização, dirigiu um convite aos representantes da Imprensa.

Na "Cidade Antartica", foram os jornalistas recebidos com a gentileza que caracteriza os dirigentes daquela indústria.

Após percorrerem todas as instalações daquele moderno parque industrial, foram homenageados com um almoço, que transcorreu em ambiente de alegre e distinta cordialidade. Usaram da palavra durante o ágape o Sr. Luiz Pereira Pires, diretor-presidente da "Antartica" que, em brilhante oração, fez a apologia da imprensa e o elogio do trabalho desinteressado e profícuo dos jornalistas; o Sr. Paulino Rafael, diretor da "Folha do Povo" de Baurú, agradecendo, em nome dos jornalistas do interior, a homenagem que lhes era prestada; o Sr. João Castaldi, secretário do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado de São Paulo; e, finalmente, o Dr. M. Paulo Filho, diretor do *Correio da Manhã*, tecendo, em belas palavras, a exaltação dos processos altruísticos e humanitários usados pela Diretoria da "Antartica" para proteção do trabalho e dos trabalhadores de suas indústrias.

Desejando perpetuar a lembrança dessa visita, a Cia. Antartica Paulista fez editar um folheto, contendo flagrantes fotográficos da mesma e sínteses dos discursos a que toria da "Antartica".

Assim, a grande empresa nacional de bebidas prestou carinhosa homenagem ao jornalismo brasileiro, representado pelos homens da Imprensa que a visitaram.

POLONIA. A PRIMEIRA QUE LUTOU

Enviado pela Legação da Polónia, recebemos o folheto ilustrado de autoria do Sr. Peter Jordan, prefaciado pelo Capitão L. D. Gammans, sob o título supra.

É um trabalho interessante a propósito da atuação da Polónia na guerra atual; e mais uma exposição em que apa-

rece bem nitido o heroísmo do povo em face de inimigo mil véses mais aguerrido.

Muitas ilustrações completam o texto.

CALENDARIO CAFEEIRO

Recebemos o "Calendario Cafeeiro" com que o Departamento Nacional do Café vem brindando, todos os

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



anos, os amigos, pessoas e entidades pelo mesmo distinguidos.

A edição para 1944, confeccionada com o mais apurado rigor técnico, é um trabalho gráfico do melhor quilate. E vem todo ela composta de quadros que valem como ótima propaganda em favor da preciosa rubiacea. Útil e agradável.

NAÇÃO ARMADA

Recebemos o n.º 50 de *Nação Armada*, revista civil e militar dedicada à Segurança Nacional.

É o número correspondente a janeiro de 1944 e traz matéria interessante como as anteriores edições.

Pauli Poli



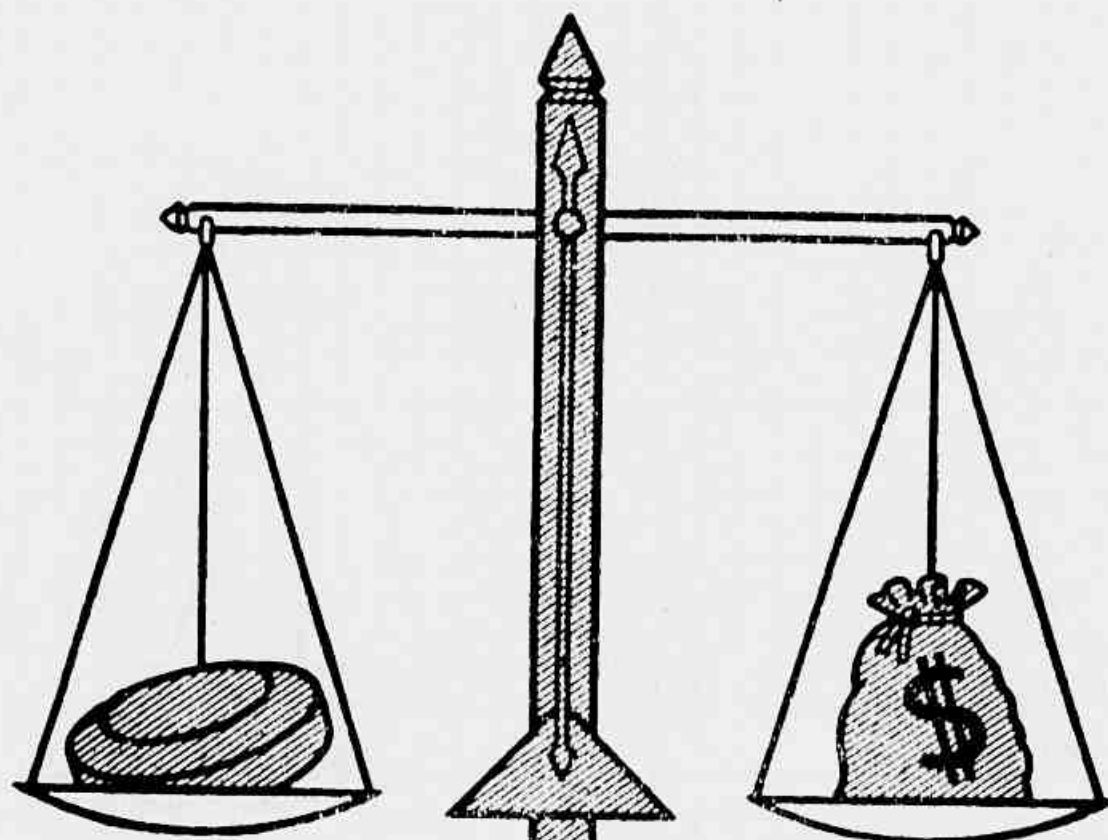
QUALIDADE E CHEQUES

Homenagem "Sudan" aos Estudantes do Brasil

TIPO AMERICANO
MAÇO - Cr\$ 1,50

"PAULI POLI" O MELHOR CIGARRO DA AMERICA

A FAMA



SABONETE

VALE QUANTO PESA

é o ideal para o banho!

GRANDE, BOM E BARATO

A VENDA EM TODO O BRASIL

A redação da "REVISTA" não publica colaboração que não tenha sido solicitada. E não devolve originais em nenhuma hipótese.



Flagrante da posse de Pereira da Silva na Academia. Tem ele à esquerda Olegário Mariano e Laudelino Freire, à direita o capitão Ubirajára de Lima, representante do Chefe do Governo Provisório; barão Ramiz Galvão, A. Austregesilo, o ex-presidente Epitácio Pessoa, Felix Pacheco, Ademar Tavares, que fez a saudeção, Felinto de Almeida, Aluísio de Castro e Afonso Celso.

Fernando Magalhães

(Continuação da pag. 11)

Cantou a Dor, a Tristeza, a Morte, que foram também os grandes temas de seus queridos simbolistas. E nenhum poema exprimiu de modo tão perfeito sua vida como esse AD AMICOS:

Bem sei — chegando a morte — meus senhores,
O que de mim direis, à despedida:
— "Era um poeta de Musa comovida,
Forma comum, dotes inferiores.

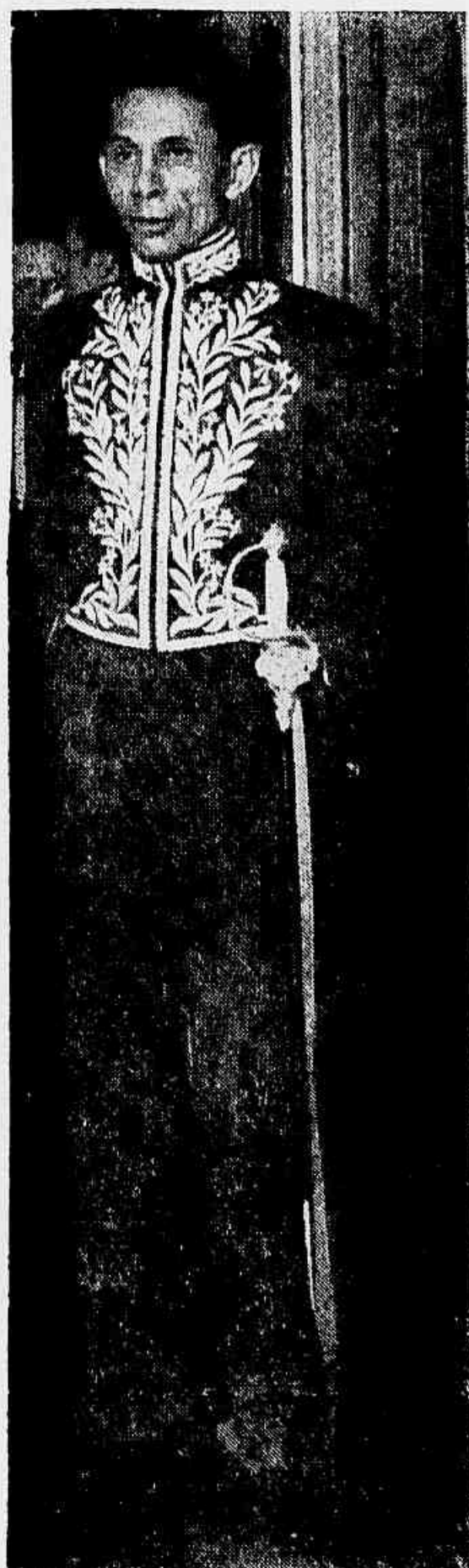
Não teve os altos dons reveladores
Da divina Beleza, inda escondida.
Faltou-lhe o gênio que sublima a Vida
E diviniza os divinizadores...

Seja. Também não tive tal vaidade.
Pó — somos todos diante a eternidade.
— Menos que pó, menos que poeira — nada.

Mas, inda assim no mundo da matéria,
Dei ao pó de minh'alma a forma etérea
Da dor humana espiritualizada.

Flagrante apanhado na Academia Brasileira de Letras quando era o fereto de Fernando Magalhães.

Fernando Magalhães orando na Academia Nacional de Medicina.



Pereira da Silva no dia de sua posse na Academia com o ferido que lhe foi oferecido pelo Estado da Paraíba.





○ MADEIREIRO ○

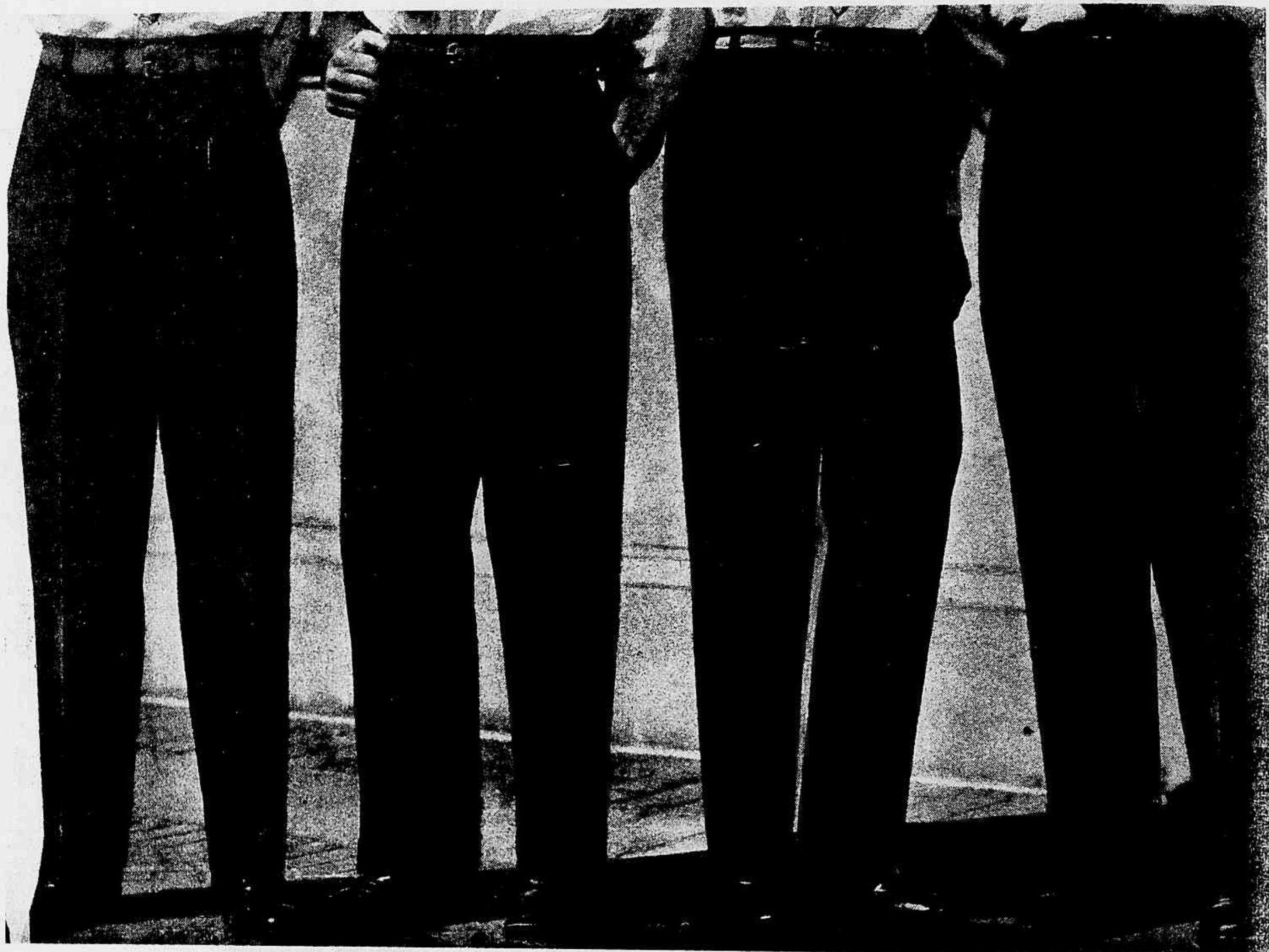
Conto de ALUIZIO AZEVEDO

Ilustração de GOULART

— Sua ama está em casa, rapariga?
— Está, sim, senhor. Tenha a bondade de dizer quem é.
— Diga-lhe que é a pessoa que ela espera para jantar.
— Ah! Póde subir... Minha ama vem já.
Entrei e reconheci a saleta, onde eu dantes fôra recebido tantas vezes pela viuvinha do general.
Quanta recordação! Vira-a uma noite no Club de Regatas; apresentou-me um jornalista então em moda; dançámos e conversámos muito. Ao despedir-nos, ela, com sorriso promissor, disse-me que costumava receber às terças-feiras os amigos em sua casa e que eu lhe aparecesse.
Fui, e um mez depois eramos mais do que amigos, eramos amantes.
Adorável creatural simples, inteligente e meiga. No entanto, o meu amor por ela fôra sempre um tanto frouxo e preguiçoso. Aceitava e desfrutava a sua ternura como quem aceita um obsequio de cortezia. Teria eu porventura o direito a recusa-la?...
Mas, assim como nasceram, acabaram os nossos amores; uma ocasião cheguei tarde de mais à entrevista; de outra vez lá não fui; depois esperei-a e ela não se apresentou; até que um dia, quando dei por mim, reparei que já não era seu amante.
Seis mezes já lá se iam depois disto, e eis que uma bela manhã, ao levantar-me da cama, entregaram-me uma carta.
Era dela.
"Meu amigo.
Sei que conserva as minhas cartas e peço-lhe que m'as restitua. Venha jantar comigo, mas não se apresente sem elas. E' um caso sério, acredite.
São vinte. Não me falte e conte com a estima de quem espera merecer-lhe este ultimo obsequio.
Afianço que será o ultimo. — Sua amiga, Laura."
Para que diabo queria ela as suas cartas?... Teria receio de que as mostrasse a alguém?... impossível!
Principiavam-me estas considerações, quando se rasgou a cortina da saleta e a viuvinha do general surgiu defronte de mim.
— Com effeito! disse ela. Só assim o tornaria a ter em minha casa! Bons olhos o vejam! Beijei-lhe a mão.
— Trouxe?... perguntou.
— Suas cartas? Pois não! Bem sabe que para mim as suas ordens são sagradas...
— Ainda bem. Sente-se.
Sentamo-nos ao lado um do outro. Ela rescendia uma combinação agradável de lananga do Japão e sabonete inglês; tinha um vestido de linho enfeitado de rendas; e na frescura aveludada do seu colo destacava-se um medalhão de onix.
— Então, que fantasia foi essa?... interoguei, depois de um silencio em que nos contemplámos com o mesmo sorriso.
E no intimo já estava gostando de haver lá ido. Achava-a mais galante; quasi que me parecia mais moça e mais bonita.
— Que fantasia?...
— A de exigir as suas cartas...
Ela fez do seu meio sorriso um sorriso inteiro.
— Tinha receio de que alguém as visse?... perguntei, tomando-lhe as mãos entre as minhas.
— Não! Suponho-o incapaz de tal baixeza...
— Então?...
— Mas para que deixa-las lá?... Está tudo acabado entre nós...
E retirou a mão.
Eu cheguei-me mais para ela.
— Quem sabe?... disse.
Laura soltou uma risada.
— Você ha de ser sempre o mesmol... Não se lembraria de mim se não recebesse o meu bilhete, e agora... Tipol!
— Não diga tal, que é uma injustiça!
— Esperel! Tire a mão da cinta! Tenha juizo!
— Já não lhe mereço nada?...
— Deixe em paz o passado e tratemos do futuro. Eu quero que você seja meu amigo...
Dizendo isto, erguera-se e fôra abrir uma janela que despejava sobre o jardim.

— Está então tudo acabado?... Tudo? inqueri, erguendo-me também, e envolvendo-a no meu desejo, que ela fazia agora reviver, maior do que nunca.
E' que incontestavelmente o demonio da viuvinha estava muito mais apetitosa. Nunca tivera aqueles hombros, aquele sorriso tão sanguíneo e aqueles dentes tão brancos! Seus olhos ganharam muito durante a minha ausencia, estavam mais humides e misteriosos, quasi bregeiros! o seu cabelo parecia-me mais preto e mais lustroso; a sua pele mais pálida, com uma cheirosa frescura de magnolia. Todos os seus movimentos adquiriram inesperada sedução; o seu quadril havia enrijado de um modo surpreendente; o seu colo tomara irresistíveis preeminencias que meus olhos cubíquos não se fartavam de beijar.
— Então, tudo acabado, hein?...
— Tudo!
— Tudo? tudo?...
— Absolutamente!
— Para sempre?
— Você assim o quiz, meu amigo! Queixe-se de si!
E lançou-lhe as mãos e fecha-la num abraço; ela, porém, desviou-se, ordenando-me com um gesto muito sério que me contivesse, puxou duas cadeiras para junto da janela e pediu-me que a ouvisse com toda a atenção.
— Sabe porque lhe exigi as minhas cartas?...
— Porque?
— Porque vou casar...
— Como? A senhora disse que ia casar?!
— Dentro de dois mezes.
— Com quem, Laura?
E fiquei também eu muito sério.
— Com um negociante de madeiras.
— Um madeireiro?
Ela meneou afirmativamente a cabeça; eu fiz um trejeito de bico com os labios; e puz-me a sacudir a perna.
— Está bom!
— Que quer você?... Uma senhora nas minhas condições precisa casar!...
— Ora está! Um madeireiro!...
— Que me ama muito mais do que você me amou, e tanto assim que está disposto a fazer e que você nunca teve a coragem de imaginar sequer! E juro-lhe, meu amigo, que saberei merecer a confiança de meu marido! Serei em virtude o modelo das esposas!...
Olhei-a de certo modo.
— Não seja tolo! disse ela em resposta ao meu olhar.
E fugiu lá para dentro, sem consentir que eu a acompanhasse.
Só nos tornamos a ver meia hora depois, já á mesa do jantar.
— E as cartas? reclamou ela.
Tirei o maço do bolso, desatei-lhe a fitinha côr de rosa que o atava; contei as cartas, estavam todas as vinte, metodicamente numeradas, com as competentes datas em cima escritas em letra boa.
Mas não tive animo de entrega-las.
— Olhel! disse, trago-lhas noutro dia... Se as restituir agora, que pretexto posso ter para voltar cá?...
— Hein? Como? Isso não é de cavalheiro!...
— Não sei! Quem lhe mandou ficar mais sedutora do que era?
— Está então disposto a não entregar as minhas cartas?...
— E até a servir-me delas como uma arma de vingança!
Laura franziu a sobancelha e mordeu os beiços.
Tinhamos já cruzado o talher da sobremesa e bebíamos, calados ambos, a nossa taça de champagne.
O silencio durou ainda bastante tempo. Ela só o quebrou para perguntar, muito seca, se eu queria mais açúcar no café.
E continuamos mudos.
Afinal, acendi um charuto e arrastei minha cadeira para junto da sua.
— E' melhor ser minha amiga... segredei passando-lhe o braço na cintura.
— Não desejo outra coisa, balbuciou ressentida e maguada. Peço-lhe justamente que me proteja como amigo, em vez de pôr obstaculos ao meu futuro. Que diabo eu preciso casar!...
— Eu lhe entrego as cartas... Descance.
— Então dê-mas!
— Com a condição de prolongar a minha visita até mais tarde...

De Hollywood, New-York, etc.



Quatro elegantíssimas calças da elegante grei masculina da America, para o Brasil. São confeccionadas em tecidos apropriados ao nosso clima; em rayon "Woven com 80% de algodão, e até maior percentagem. As cores mais usadas são: marron-médio, azul-oxford, azul-marinho, cinza, verde muito escuro.

JANET MAC KENZIE

Estamos na hora dos uniformes e dos overalls dos operários, pois o mundo gira febrilmente em volta das construções para a luta.

BILL-CARTER, o astro da Columbia, diz que nunca se sente tão bem como quando enverga seu uniforme de aviador. Foi ferido, e por isso teve de abandonar o campo da luta e ingressar no Cinema; mas, sempre que pôde "fingir" ao menos que luta, está bem.

Seu auxílio ao esforço de guerra desenvolve-se em outros setores, não menos duros...

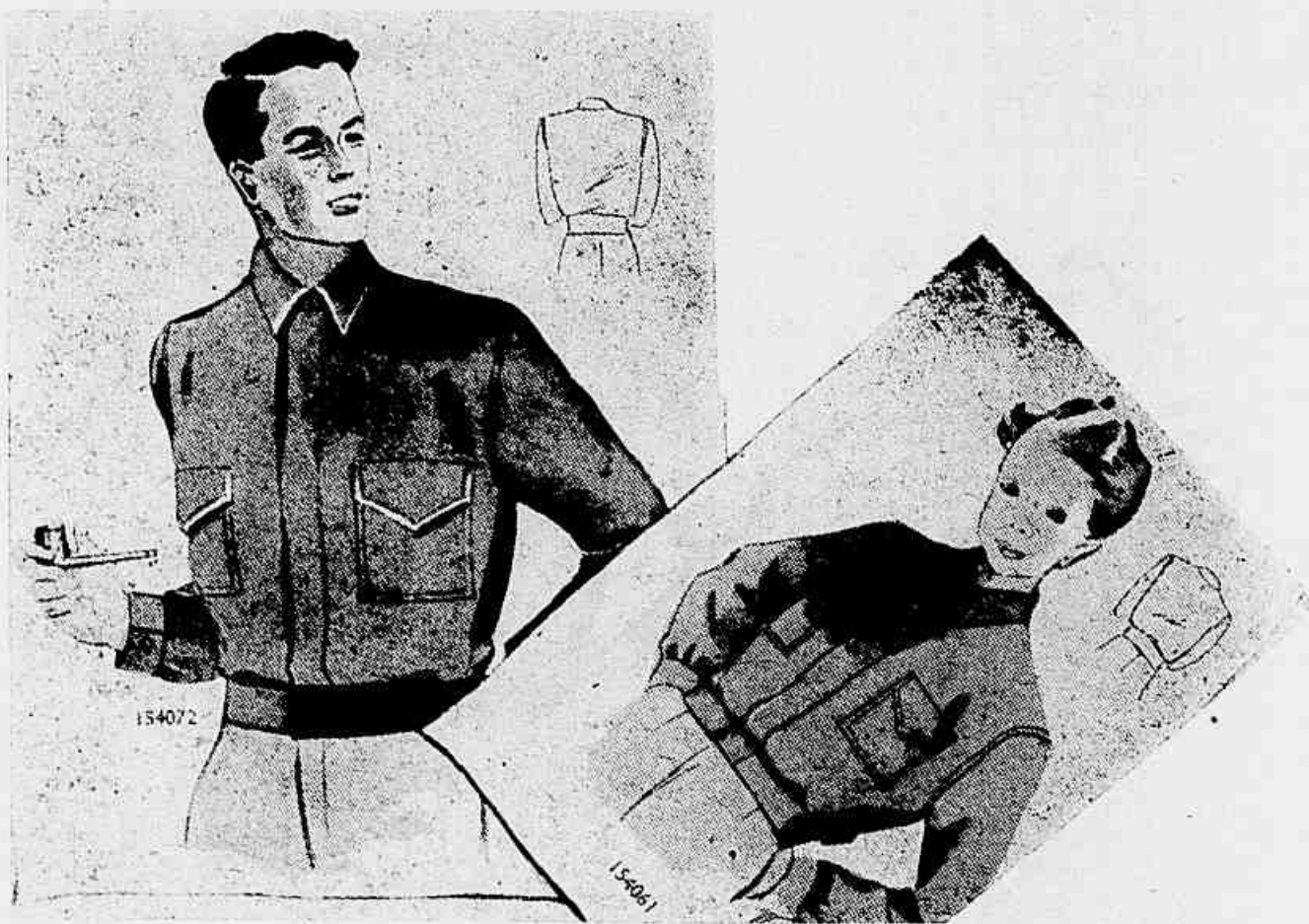
PRESTON FOSTER, com sua roupa de trabalho, tem uma folga e atende ao nosso patricio dr. Augusto de Bulhões no set de "Moon Over Burma". Veste um sternly de brim e calças de montar.

GEORGE SANDERS, da Columbia, aparece assim em "Encontro em Berlim": elegante terno de passeio em tipo escocês.

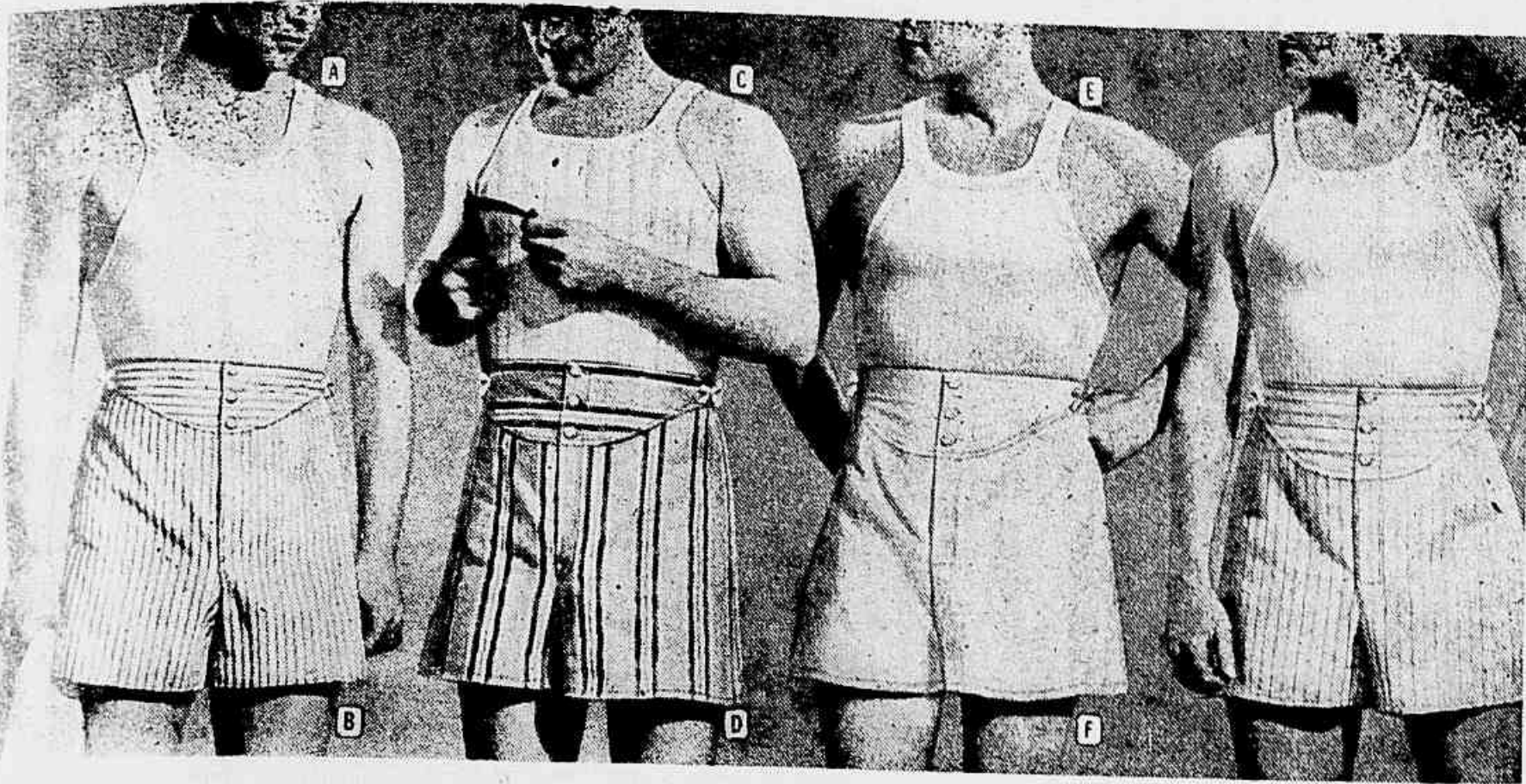
HELMUT DANTINE, da Warner, também veste um terno no tipo escocês, camisa de punhos duplos; é um novo galã e parece querer dominar o mundo...

DENNIS MORGAN veste um terno azul marinho de rayon e algodão, gravata num tom de azul cinza com estrelas branco cinza.

E agora temos RAY MILLAND ao lado do dr. Alfred Sá, vice-consul do Brasil na America; ambos vestem ternos claros: o de Ray Milland é listrado, gravata com quadrados riscados em claro sobre fundo azul-escuro. Estão em uma reunião em casa de Walt Disney.



Blusões praticos para os dias de verão. Entre nós geralmente se abusa dos trajes masculinos importados da America, de tipo esportivo e que eles lá usam para trabalho, praia, estações de verão e dentro de casa. Isto não é roupa para passeio, visita ou cinema. Dirão: ha muita gente que usa... Direi: ha muita gente que não sabe onde tem o nariz, embora pareça o contrario...A moda também tem sua pragmatica, sua ética, e o homem não deve ignorar essas coisas, que fazem parte da vida moderna.



SHIRTS-SHORTS. São estes os modelos para 44, chegados da America. Roupas interiores elegantes.



O sr. Vice consul do Brasil Alfredo Sá e Ray Milland



Helmut Dantine, da Warner.

A MODA MASCULINA

BEM poucos rapazes, desses que gostam de imitar os homens do cinema, e quasi sempre no que ha de pior, poucos, dizia eu, sabem o valor que tem para a America a moda masculina. Aliás a Inglaterra tem sido, no caso, o centro da elegancia para o homem de todas as latitudes. Os povos viris, aliás, foram sempre aqueles que ditaram modas masculinas.

Acho que nenhum homem de paiz civilizado se veste tão mal como o nosso. O brasileiro, em geral, não sabe quando usar este ou aquele tipo de roupa; veste o que aparece como sendo moda, mas veste-o inoportuna-mente.

Anda pelas ruas da cidade em trajes que são para praia ou lugares esportivos, só porque acham que o calor justifica o disparate. Ora, para os dias quentes temos as roupas claras, de linho, de brim, de caruá, a fibra nacional, e uma roupa desses só pôde incomodar algum botucudo, acostumado à nudez. Aliás essa falta de compostura e de educação, dos que se apresentam semi-nus ou com as camises abertas em lugares publicos, deveriam ser chamados à ordem pela policia de costumes, uma vez que estamos numa grande metrópoli, centro de turismo e onde todo brasileiro é julgado pelos outros, pelos que vivem aqui.

O mesmo diríamos de banhistas que atravessam ruas da cidade em trajes taes que dão a impressão de uma leva de flagelados, quando não de "distraindos", que saem de casa para exhibir os musculos, como se estivessem num circo de gladiadores.

A compostura faz parte da educação familiar; é portanto uma demonstração de nossos costumes familiares.

O brasileiro tem o dever de cuidar de sua pessoa e andar corretamente vestido, com a sobria e viril elegancia dos homens de Londres e New-york, para dar do nosso paiz uma agradável impressão.

Sempre se julgou, pelo mundo a fóra, ser o nosso povo uma continuação do africano, ou indio, é bem possível que essa herança influa no gosto do brasileiro pelas batas que parecem faldas de camisa, pelos calções hipoteticos, pelo torso nu etc.; contudo já é tempo do nosso homem adquirir maneiras, enfrentar com mais virilidade o sol da nossa terra sem tentar retornar às eras da caverna...

Aqui lhes apresentamos sugestões de roupas para todas as horas e roupas interiores. O homem cuidadoso e de boa sociedade não pôde dispensar essas peças da sua indumentaria. É preciso não esquecer o valor do detalhe. Não esqueçam também que os olhos curiosos das lindas mulheres esquadrinham tudo para a maioria o homem vale pelo que veste...

Noruega deu inspiração para criação dos costumes masculinos de New-York e Hollywood. Aqui são três sweaters nesse estilo alegre. Ficam elegantíssimos para o verão nas montanhas e nas serras.

DOIS LUSTROS DE VIGOROSA E PROFICUA ADMINISTRAÇÃO



O Sr. Frederico Radler de Aquino Junior pronunciando a sua brilhante oração tendo ao seu lado os Srs. Osmar Radler de Aquino e Lauro Pinheiro Guimarães.

**F. R. de Aquino
& Cia. Ltda. as-
signalaram dois
lustros de labo-
riosa existencia**

Há tempos, a administração de imóveis particulares consistia num favor que pessoas amigas trocavam entre si e dos quais não podiam se esquivar, dado o grau de relações de amizade daqueles que permutavam tais obséquios. Acontece, porém, que as pessoas que recebiam a incumbência de administrar, provisoriamente, o imóvel do amigo, que se ausentava para uma estação de verão ou para uma viagem ao estrangeiro, viam-se a braços com os mais imprevistos percalços, lutando, desesperadamente, com situações jurídicas que, então, se criavam, e que não só lhes tomavam o tempo escasso, mas ainda provocavam situações embaraçosas, tornando o favor que se pretendia prestar num desserviço que, não raro, trazia as mais lamentáveis consequências.

O Rio de Janeiro, numa fase de progresso febricitante, na aurora do seu estuendo desenvolvimento de construções ressentia-se de uma organização moderna e tecnicamente aparelhada, que tomasse a si o encargo de administrar os imóveis alheios, permitindo aos seus proprietários uma renda certa, sem os riscos probabilísticos da praxe que indicamos.

Um grupo de homens de visão, dentro do qual se destacava a figura saudosa do sr. Frederico Radler de Aquino, padrão de "gentleman" e homem de superior visão administrativa, depressa compreendeu o problema e mais depressa o resolveu, fundando, nesta Capital, a 22 de Janeiro de 1934,



Flagrante do almoço realizado em regozijo da data comemorativa, durante o qual reinou a mais franca cordialidade.

a empresa F. R. de Aquino & Cia. Ltda., hoje considerada autêntica precursora do moderno tipo de administração comercial de imóveis, firmando-se, ain-

da, como intenso centro das mais variadas operações imobiliárias, entre elas, também, as de compra e venda de prédios, edifícios e terrenos.

Desde aquela data até os nossos dias, a história do surpreendente progresso do Rio urbanístico é a própria história da vertiginosa e não menos surpreendente ascensão de F. R. de Aquino & Cia. Ltda., a quem a cidade deve muito dos conceitos que, hodiernamente, a situam entre as maiores, progressistas e belas cidades do mundo.

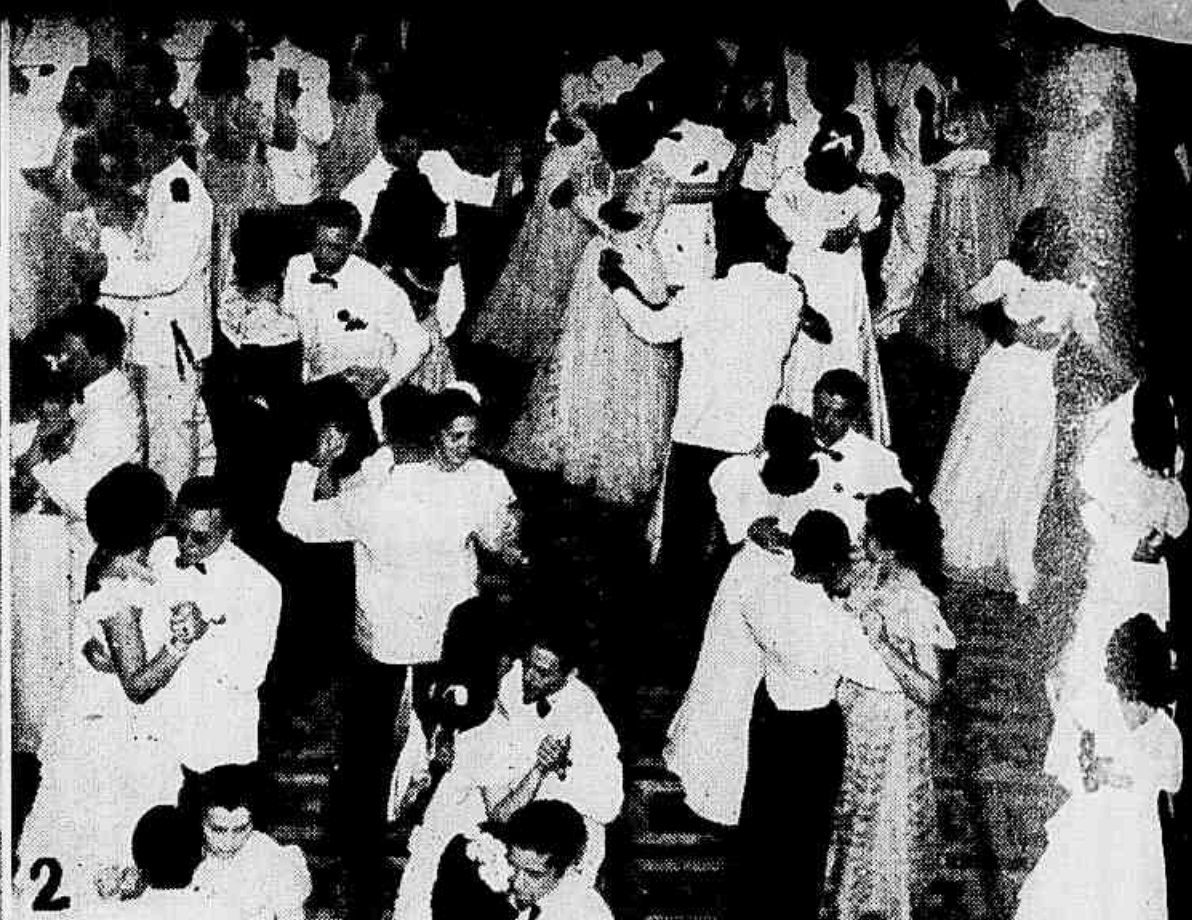
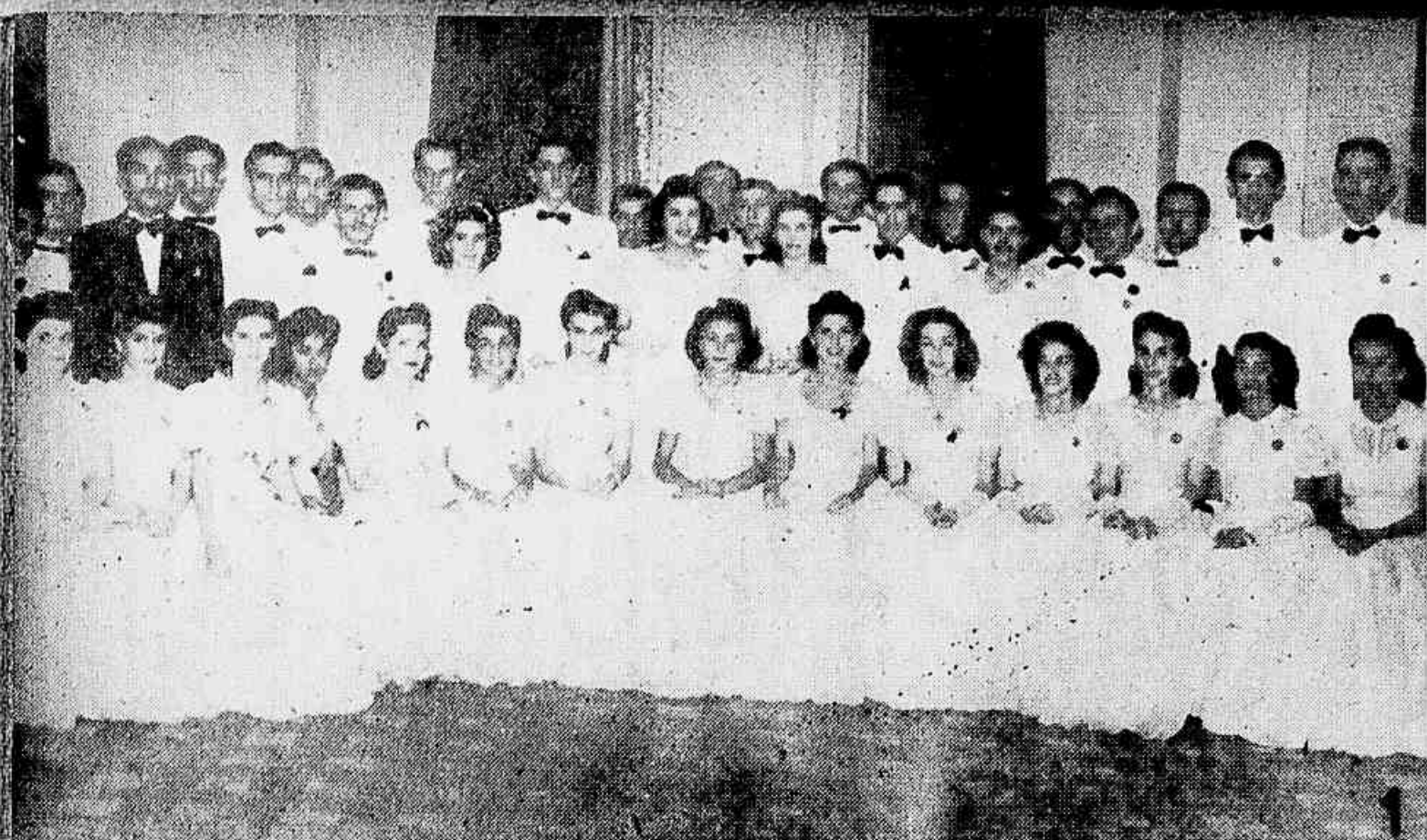
Tudo isto nos é grato recordar, agora, que a importante organização vem de comemorar o seu primeiro decênio de fundação, fazendo saltar, em primeiro plano, o magnífico espírito de solidariedade e cooperação que liga todos os seus componentes, pois, é digna de registro especial a homenagem que aquela firma prestou ao seu mais antigo servidor que, naquela data, comemorativa dos seus dois lustros, também cumpria dez anos de serviço.

O acontecimento verificou-se a 22 do corrente e, entre as solenidades levadas a efeito, avultou o almoço realizado nos salões do Restaurante do Aeroporto, solenidade que valeu por uma lídima festa de conagração, reunindo todos os diretores e auxiliares da conceituada firma, como se tratasse de uma grande família, no seio da qual o espírito de cooperação é a verdadeira pedra de toque do seu magnífico progresso.

O almoço decorreu em meio a mais franca e espontânea cordialidade, fazendo-se ouvir, então, a palavra dos srs. Frederico Radler de Aquino Junior e Coaracy de Medeiros, que pronunciaram vibrante oração alusiva ao ato



Outro aspecto quando o Dr. Coaracy de Medeiros lia o seu discurso.



Mais um ano de intenso



1 — Num intervalo do baile, realizado no salão nobre da Associação dos Empregados no Comércio, com que festejaram a auspiciosa terminação do curso os Contadores posam para a nossa objetiva.

2 — Flagrante do baile dos Contadores

3 — Os contadorandos na cerimonia de colação de grão, no auditorium da A B I, vendo-se no fundo parte da assistência.

4 — A mesa que presidiu a solenidade da colação de grão dos novos Contadores formados pela M A B E.



5 — O contadorando Viriato Vieira Brandão Filho, orador da turma, discursando.

6 — Quando falava o tenente da Reserva dr. J. S. Fontes, paraninfo da turma.

7 — O dr. Antonio Ferreira Viana Neto, representante do sr. Diretor da Divisão de Ensino Comercial, fazendo a entrega do diploma a um contadorando.

8 — O tenente de Reserva dr. J. S. Fontes, diretor da MABE, cumprimentando uma contadoranda que acaba de receber o diploma.





9 — Aspecto do interior da Igreja da Candelaria, onde foi rezada missa gratulatória pela feliz terminação dos cursos ginásial e de contadores. 10 — Contadorandos e ginásianos à porta da Igreja da Candelaria.

Labor

ENCERRANDO o ano letivo de 1945, mais uma numerosa turma de ginásianos e contadores acaba de concluir os seus cursos na M A B E, antigo Instituto Superior de Preparatórios, o popular educandário da rua S. José, atualmente instalado à rua do Riachuelo n.º 124, nesta capital.

Comemorando o auspicioso acontecimento, foram realizadas varias ceremonias e festas, cujo brilhantismo esta reportagem reproduz. No dia 14, pela manhã, foi re-



11 — A mesa que presidiu a solenidade de conclusão do curso ginásial de 1945, no M A B E.



12 — O orador da turma dos ginásianos, Nilton Leitão, discursando. 13 — O professor Dorvil de Almeida Lacerda, falando na cerimonia de colação de grão dos ginásianos.

sada missa solene em ação de graças, na igreja da Candelaria, pregando o Rvm.º Monsenhor Benedicto Marinho, vigário de S. José. Nesse mesmo dia, às 16 horas, no "auditorium" da A B I, perante as autoridades do ensino comercial, para esse ato especialmente convidadas, efetuou-se a solenidade de colação de grão de 60 contadores. No dia 19, às 16 horas, no Teatro Ginástico, foram entregues, perante o sr. representante da Sr.ª Diretora da Divisão do Ensino Secundário, D. Lucia de Magalhães, os certificados dos alunos que concluíram a 4.ª serie do curso ginásial. No dia 15, nos salões da Associação dos Empregados no Comércio, os contadores realizaram o seu baile de gala.

São dessas festividades as fotografias que ilustram estas paginas, tão bem subordinadas á legenda — Mais um ano de intenso labor — que melhor reflete o exito cada vez maior da M A B E na nobre e ardua tarefa de preparar a juventude para servir a Patria com sabedoria, dedicação e amor.

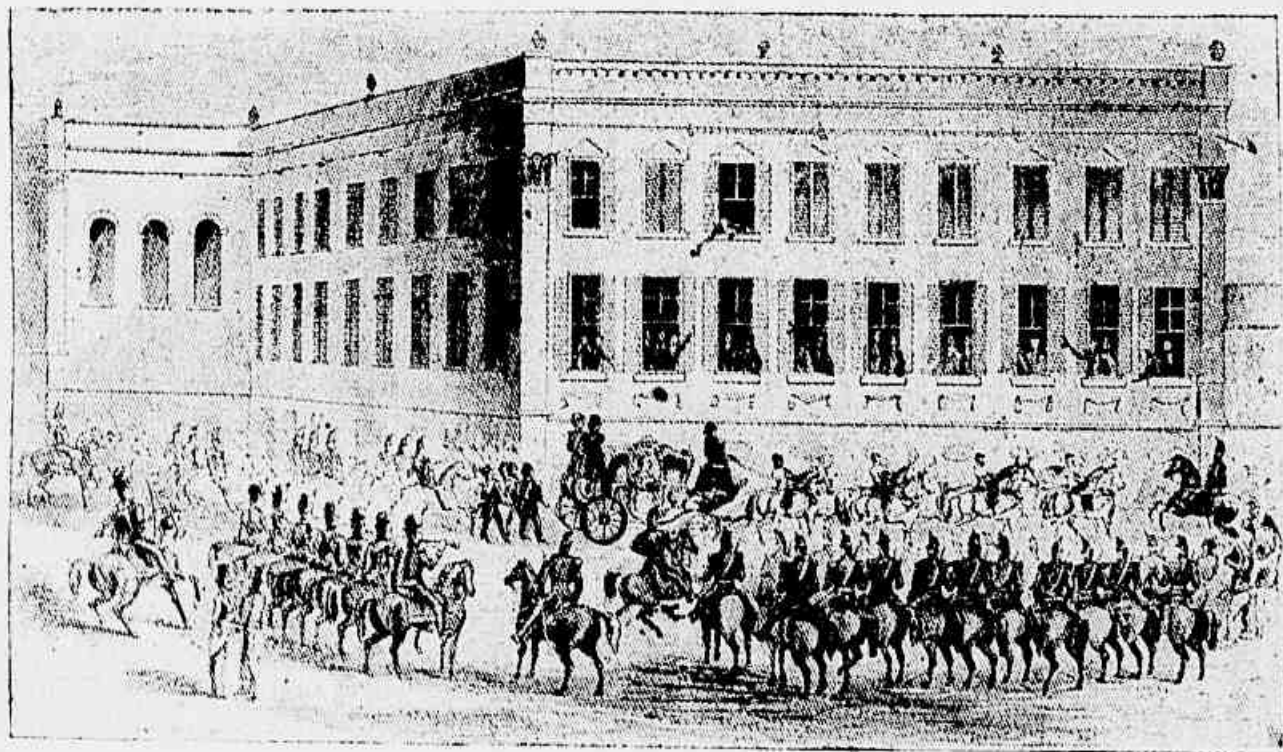
14 — O dr. Guilherme Canêdo de Magalhães, representante da Sr.ª Diretora da Divisão do Ensino Secundário, quando encerrava a solenidade.

15 — Aspecto parcial do palco do Teatro Ginástico, vendo-se parte dos ginásianos que concluíram o curso em 1945.

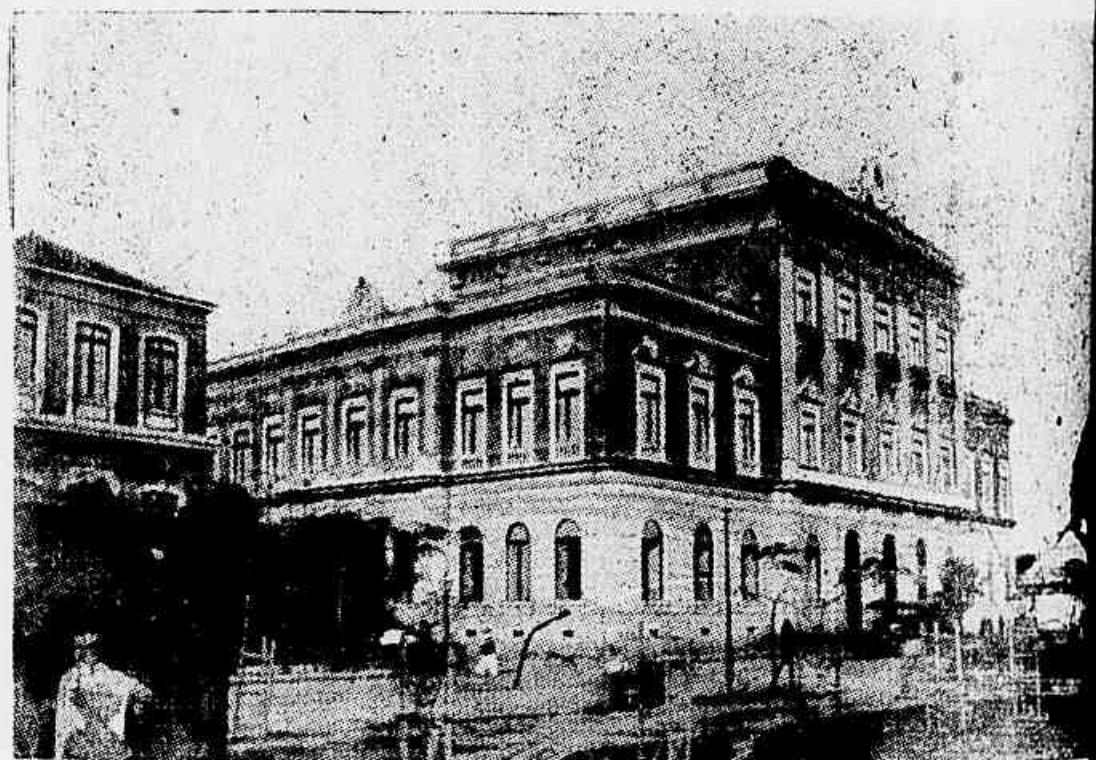




O SÃO SEBASTIÃO DA CIDADE



Predio em que funcionou o Senado da Camara no local da atual Prefeitura, demolido em 1878.



A Camara Municipal do Rio de Janeiro, construida em 1882, e onde se realisou, na Monarquia, a ultima sessão comemorativa da Independencia do Império (Gravura na época).



O edificio do Prefeitura, que vai desaparecer brevemente.

S. Sebastião — o padroeiro da Cidade — recebeu o ultimo culto do povo do Rio de Janeiro no velho palácio da Prefeitura, que em breves dias será demolido.

Não cabe aqui a análise da razão por que o martir tem o nome ligado à capital do Brasil. O seu dia não coincidiu com aquele em que Estácio de Sá lançou, em 1565, no Morro Cara de Cão, os fundamentos da cidade, transferida depois, para o Morro do Castelo por Mem de Sá, e sim, em 1567, com a expulsão dos franceses, em combate que proporcionou a Estácio o ferimento por flecha, em consequência do qual morreria dias após. Mas — dizem os historiadores — quando da derrota dos franceses já a cidade incipiente tinha por padroeiro São Sebastião.

O edificio da Prefeitura em via de desaparecimento foi inaugurado em 2 de Dezembro de 1882. No local, erguia-se antes

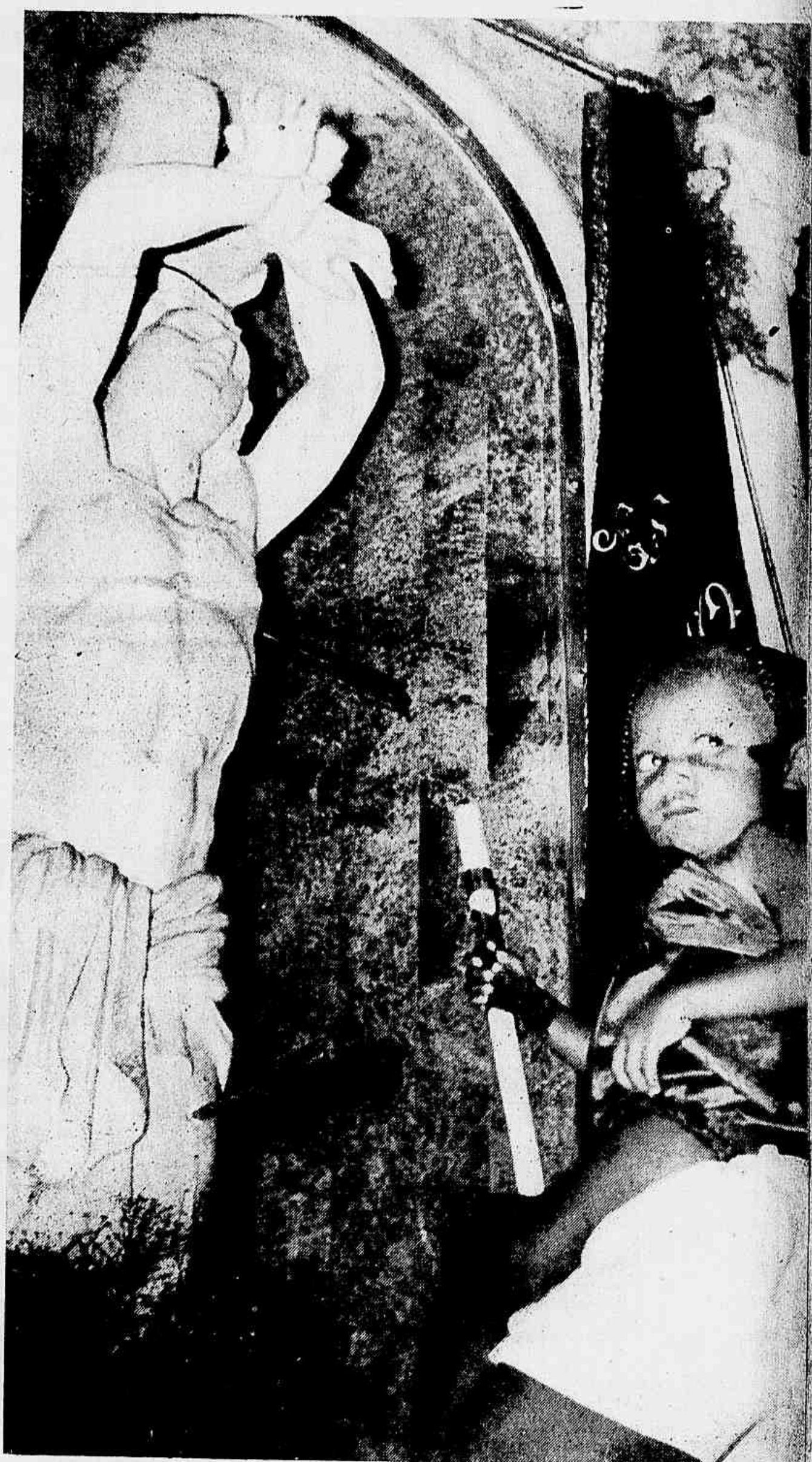


Venerado pela ultima vez na atual séde da Prefeitura. Traços historicos do edificio. Aspectos que ninguem mais verá.

O antigo Senado da Camara que, depois de ter funcionado em vários sítios, como a Misericórdia, o Terreiro do Paço, a Ouvidor, o Consistorio da Igreja do Rio, a rua do Rosário, foi em 1825 instalado ali, em edificio próprio. E ali esteve até 1878, quando o velho prédio arruinou-se e teve de ceder lugar à nova edificação. O Senado da Camara já era então Camara Municipal, qualificada de Ilustríssima mais tarde e depois transformada em Conselho. Em 1896 passou a funcionar na então primária de São José, no local onde se levantou o seu prédio próprio. Foi então a Prefeitura, creada em Setembro de 1892, senhora exclusiva do velho Paço Municipal. A edificação, muitas vezes reformada — prolongada por Passos até o limite do logradouro posterior e ultimamente aumentada de uns pavimentos na face anterior — irá desaparecer agora.

Nos ultimos tempos fôra ali instituido o culto do padroeiro da Cidade. Durante o Dia de S. Sebastião e nos dois anteriores, passou a imagem do martir, que vive fechada em nicho próprio, a ser desvendada, florida e iluminada, para a veneração do povo. Em tempos idos, desde os fins do século XVI, o dia do padroeiro dava ensejo à festa das canôas, cuja crônica mais remota é contada pelo padre Fernão Gondim; na nossa época, S. Sebastião passou a ser cultuado no seu nicho pequenino, que a religiosidade dos cidadãos transforma num imenso templo.

A alma dos crentes não sabe ainda onde irá ser o novo santuario do padroeiro; seja qual fôr o sítio, entretanto, lá estará ela em Janeiro de 1945 diante do oratório, a pedir ao Santo, numa prece fervorosa, vele através dos séculos pela paz e pela grandeza do Rio de Janeiro.



Jockey Club Mundano

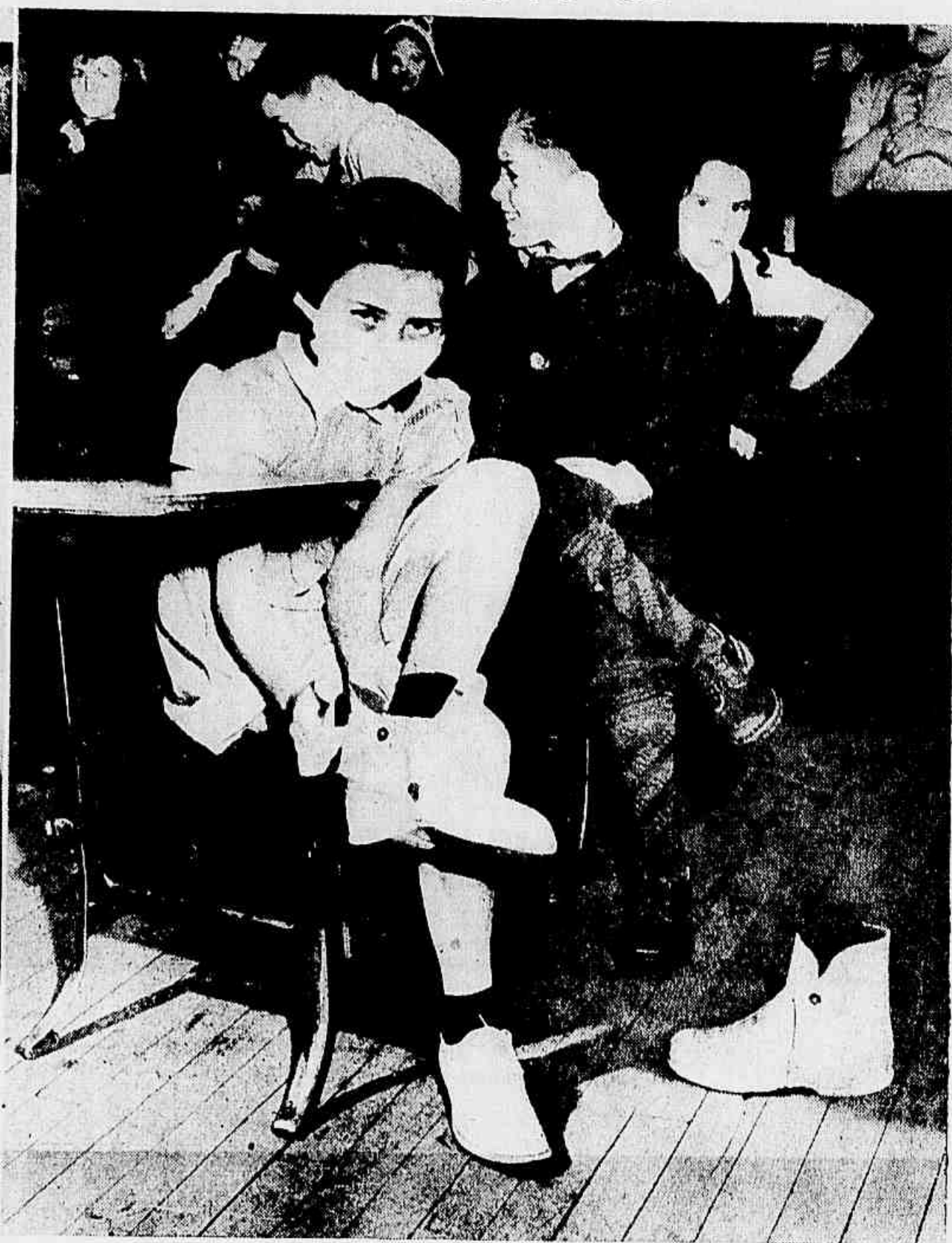


A reunião de domingo ultimo no hipódromo da Gavea constituiu mais uma brilhante vitória para o turf brasileiro, que já se firmou entre nós como o sport da aristocracia. Durante este "meeting" o fotografo da REVISTA DA SEMANA colheu os instantaneos que ilustram esta nota.

CUIDADO COM A GRIPE



PATRIOTISMO — Nestes dias de guerra e de sacrifícios o patriotismo exige mais do que saudar a bandeira e comprar bonus. Todos podem e devem prestar o seu auxílio, evitando a disseminação das infecções causadoras de mortes. Esta menina é duplamente patriota.



CUIDADO COM OS PÉS! — Desde que entra até à hora da saída da escola, esta garota usa sua máscara evitando contaminar seus colegas. Vemo-la calçando as galochas para voltar a casa. A máscara deve ser entregue para que a esterilizem. A máscara é substituída todos os dias.



As guerras costumam fazer-se acompanhar por um cortejo de desgraças que assolam a humanidade. Os quatro cavaleiros do apocalipse marcham sempre juntos.

Estamos ameaçados por um novo inimigo público n. 1: a gripe!

Embora entre nós ainda não

PARECE UMA MORDAÇA — Mas trata-se da máscara esterilizada que permite a este jovem endeflexado continuar desenvolvendo normalmente suas atividades, sem o perigo de contaminar seus colegas.



O EXAME PRE'VIO — Antes de entrar na classe as crianças são examinadas para ver se há sintomas de gripe. Se a sua temperatura não é normal, é mandada para casa até que possa voltar às aulas munida da sua máscara.

UMA BARREIRA — A máscara é uma barreira para a saúde de seus alunos. Vemos a Diretora...



A S...
te de...
aluna...
precis...
os q...
adoca...



EIRA — A diretora da "Hurden Looker School" mantém a disciplina seguindo as prescrições da cruzada contra a gripe em três pequenos mascarados.



A LEITURA — As mascaras não atrapalham a leitura ou o canto. A voz dessa menina é claramente ouvida pelos colegas, como se ela nada tivesse sobre o rosto.

lo um carater alarmante, os casos encontrados, é termos as barbas de ardem as dos vizinhos. eligentes podem ser ado- o que a indesejavel visi- ndo-nos prevenidos resolva canhares. rapidez com que se espa- lo. ou um acesso de tosse de haja aglomeração põe o exercito de germes em gripe resiste cinco horas eio. nos fazer para evitar que a as proporções de 1918,

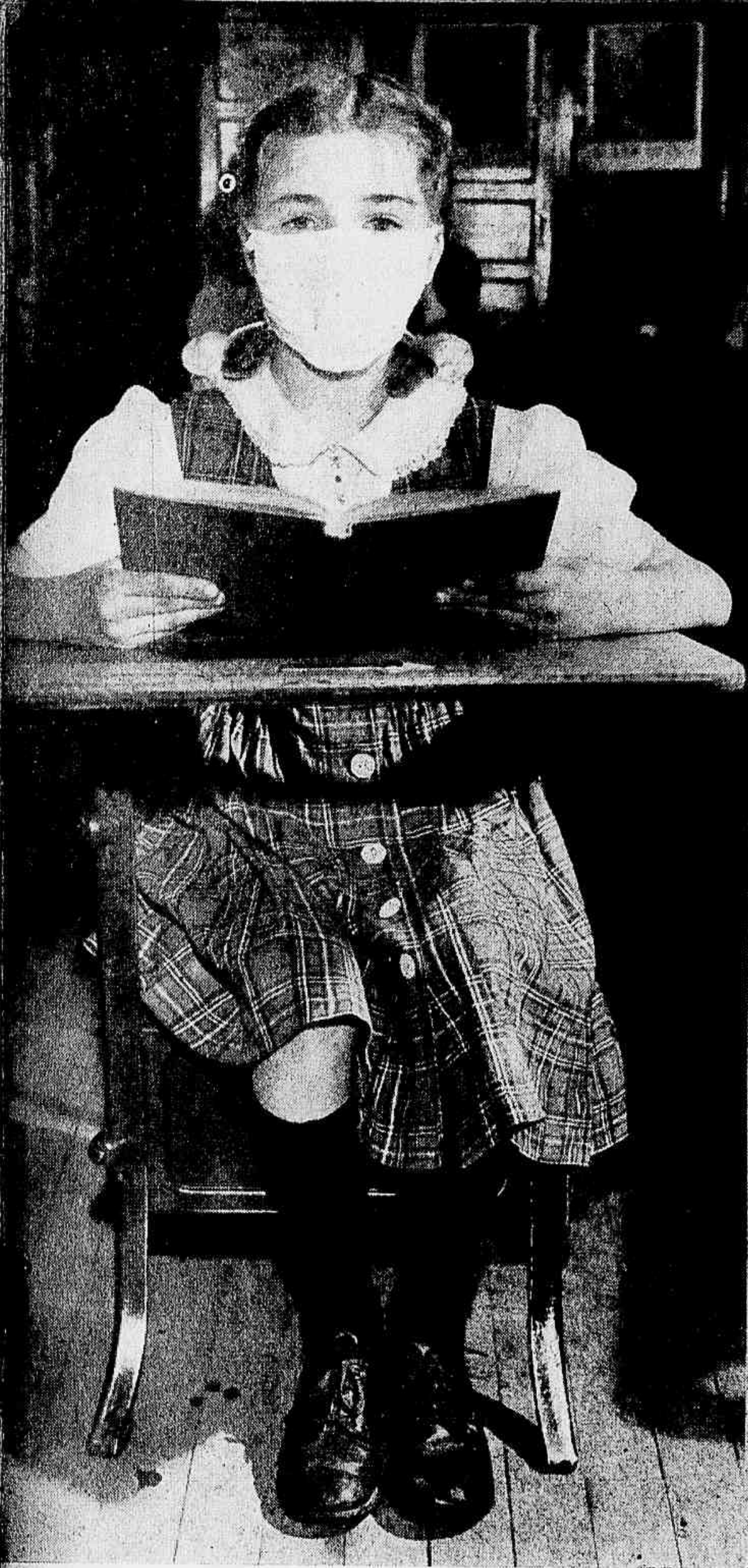
quando o número de vítimas se elevou a milhares de pessoas?

Talvez que os processos adotados pela *Hurden Looker Grammar School* em Hilside, N. J. possam resolver em parte o problema e por isso achamo-los dignos de atenção.

O plano foi elaborado pelo Dr. William Wacker, jovem professor e médico norte-americano, visando limitar a propagação da gripe entre as crianças.

Devem elas ser examinadas antes de entrarem na escola e seus trabalhos não precisam sofrer uma interrupção sempre tão prejudicial. Desde que a sua temperatura seja normal, elas podem frequentar as aulas, munidas da máscara de gase esterilizada, cobrindo o

Aqui uma visão diferente em que vemos quatro mascaras. Sem estas parecem um perigo para que as medidas foram sensível decréscimo nos gripe.



O VEIU MUSSULMANO — Todos sabem que as mulheres mussulmanas escondem seus rostos com mascaras que deixam aparecer apenas os olhos. Isto aumenta o seu encanto despertando a curiosidade dos homens. Lembra-mo-nos de fato vendo esta linda guria com a sua mascara.

TRABALHO DE GUERRA — A enfermeira que vemos na fotografia está esterilizando as mascaras que são feitas pelos proprios alunos, que assim contribuem para o esforço de guerra.

nariz e a boca. Deste modo os colegas ainda não contaminados estarão a salvo dos microbios espalhados cada vez que os gripados espirram ou tosse. São mascaras semelhantes às usadas pelos cirurgiões durante as operações, esterilizadas e renovadas todos os dias.

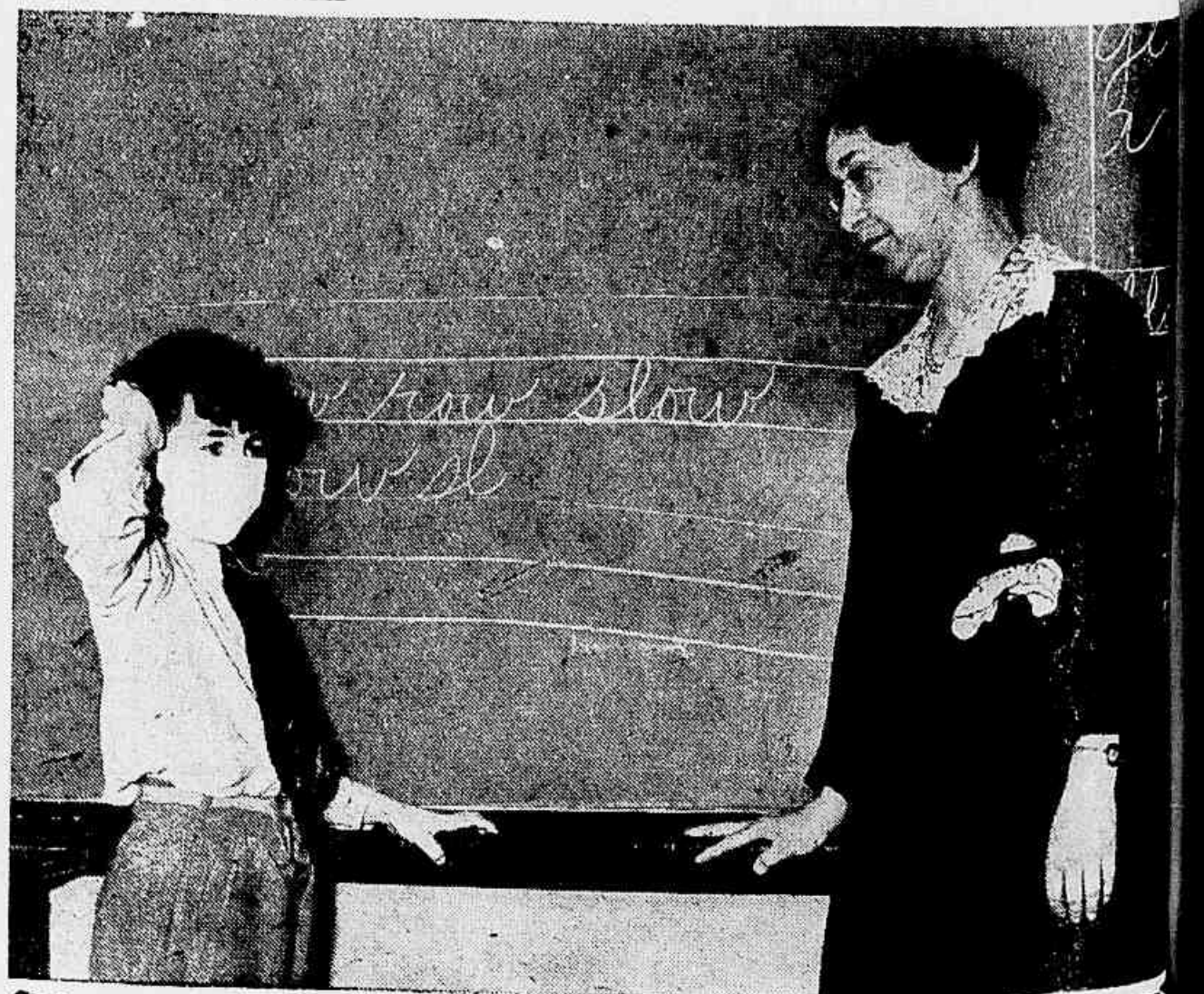
O mais interessante é que as atividades

escolares não são absolutamente prejudicadas pois o aluno pôde ler e cantar sem a menor alteração.

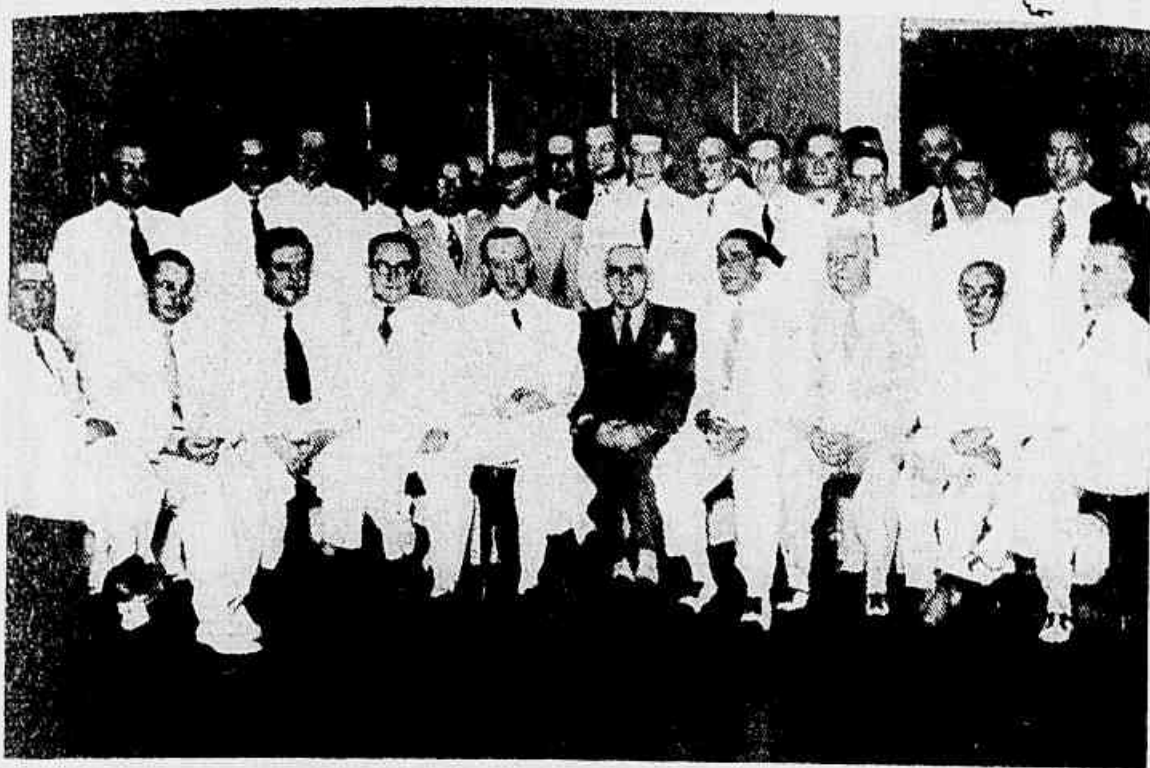
Desde que foi adotado este processo, tem sido notavel a diminuição dos casos de gripe nos Estados Unidos.

As fotografias mostram os escolares em plena atividade, munidos de suas mascaras.

DIFICULDADES — Não são absolutamente causadas pela mascara. Este jovem, que aí vemos em máus lençois, tentando encontrar a resposta para um problema, não se lembraria de acusar sua mascara.



Figuras e Fatos



NO CLUBE DOS ADVOGADOS — Grupo feito após a recente eleição da nova diretoria que se compõe dos srs. Francisco Baldessarini, presidente; Oswaldo Trigueiro, vice-presidente; Luis M. Guimarães, 1.º secretário; Raul Cunha Ribeiro, 2.º secretário; Fernando Couto, tesoureiro; Jorge Fontenele, orador; Onésimo Coelho, bibliotecário; Jacinto Simões Almeida, Joaquim N. Tassara e Rodrigo Otavio Filho, conselheiros fiscaes.



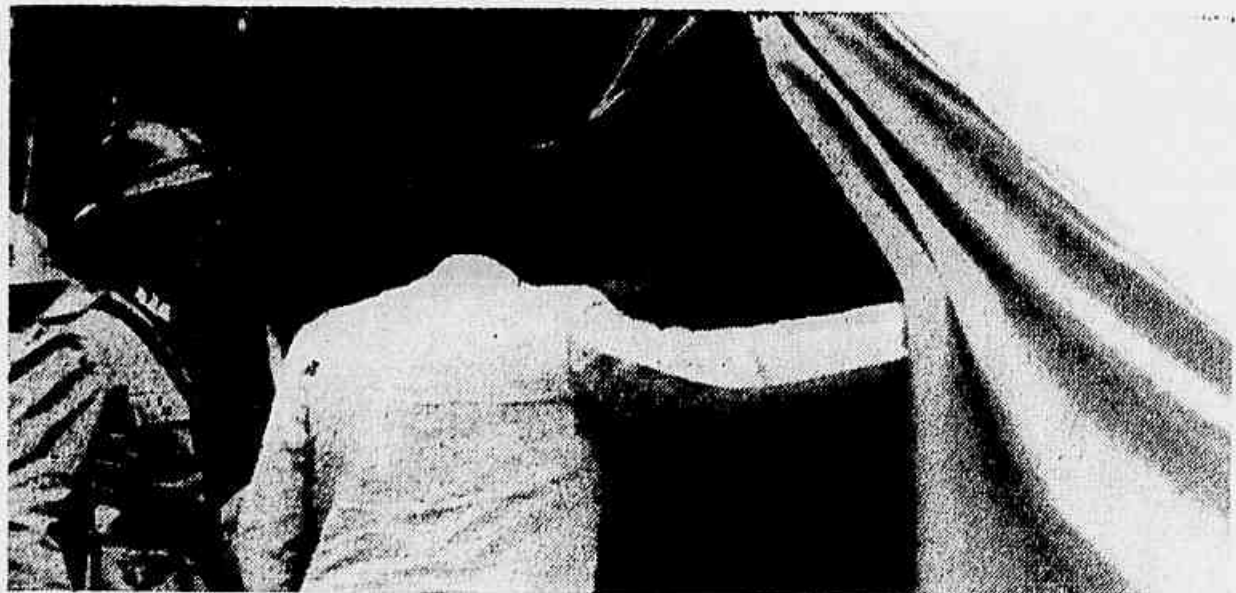
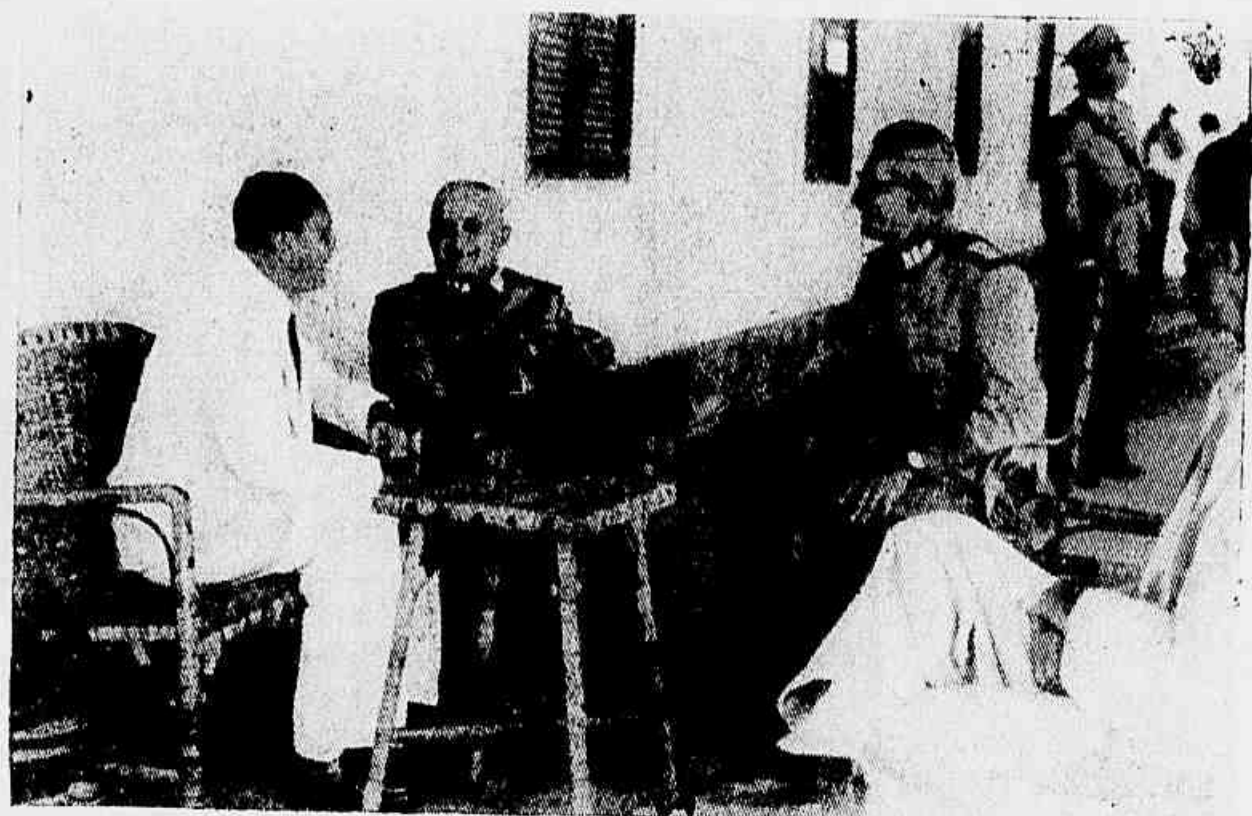
ALMOÇO ÍNTIMO — Flagrante apanhado na residência do Sr. Ubirajara Campos, por ocasião do almoço que este ofereceu aos seus amigos e companheiros de trabalho. Vêem-se na foto, da esquerda para a direita: Albertus de Carvalho, Anibal Abreu, Mario Aché, Arnaldo Lambert, Antenôr Simões, Ubirajara Campos, Alvaro Marques Sarabanda, Augusto Moreira Coelho, Hercílio Menezes, G. Binda e Raul de Azevedo Pereira.



NO PENHA CLUBE — Flagrante tomado no Penha Clube, nesta capital, por ocasião do festival em benefício da Caixa de Assistência Social do Sindicato dos Trabalhadores das Empresas Funerarias.



NOS CAMPOS MILITARES DO NORDESTE



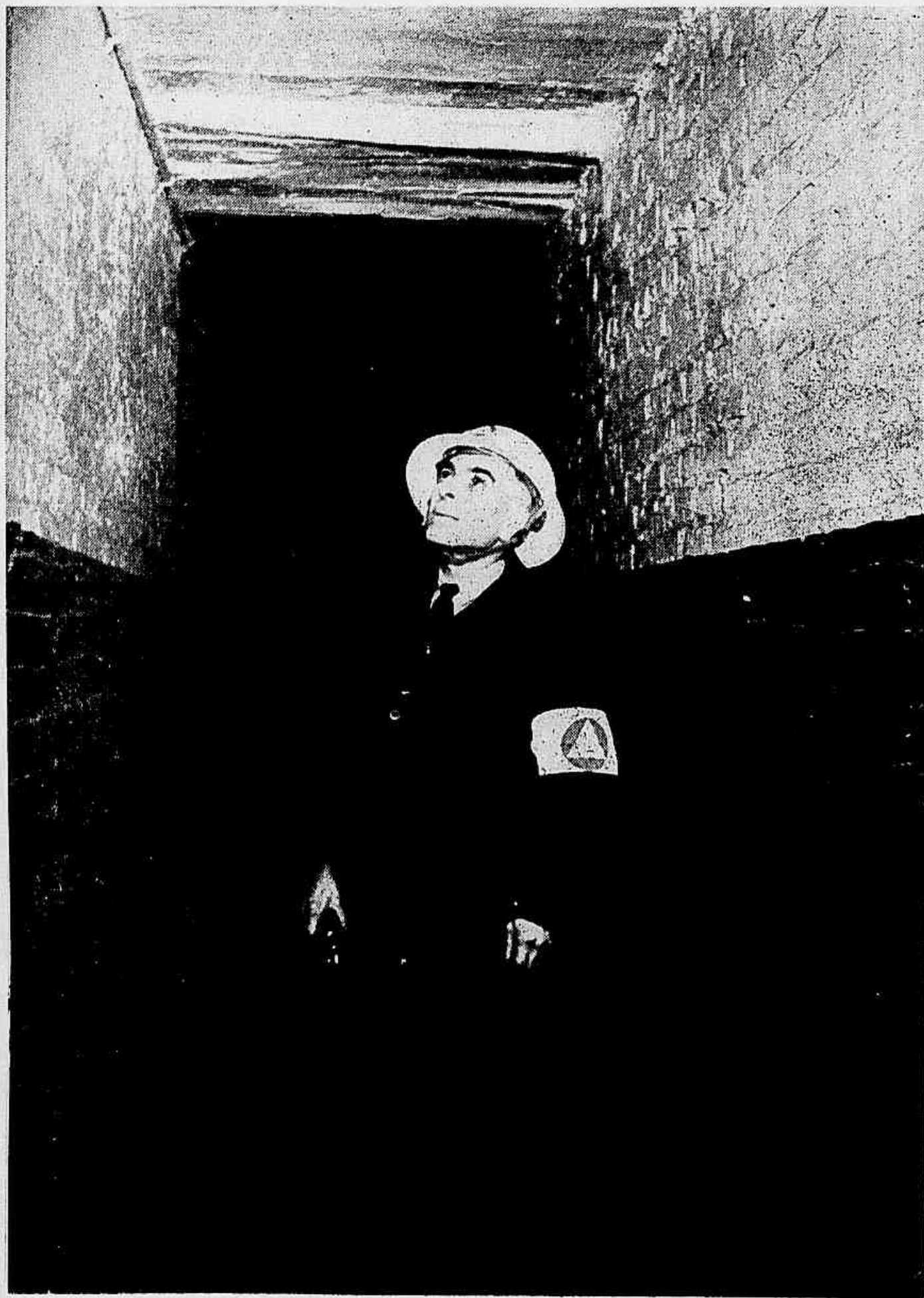
Estes flagrantes foram colhidos por ocasião da recente visita do sr. Ministro da Guerra ao engenho "Aldeia", Pernambuco, onde o general Newton Cavalcanti, inspetor do 1.º Grupo de Regiões, preparou um campo de instrução para tropas expedicionarias.

Acompanharam o general Dutra os generais Amaro Bittencourt, Canrobert Costa, Estilac Leal e Sylvio Portela, o coronel Mc Card e outros militares.

O sr. Ruy Carneiro, interventor federal na Paraíba, esteve presente, tomando parte no almoço oferecido, no local, aos visitantes pelo general Newton Cavalcanti.

Do alto para baixo: o Interventor da Paraíba tendo à direita o Ministro Dutra e General Newton Cavalcanti; flagrante da visita ao acampamento; outro aspecto apanhado pela objetiva.

ITALO-AMERICANOS AJUDAM



Um guarda contra raids aéreos, nascido na Itália, mantém a vigilância, num bairro de Nova York, durante um exercício de black-out e defesa anti-aérea. Muitos americanos de descendência italiana ofereceram-se dedicadamente para cooperar nos serviços do front interno e no esforço de guerra.

CONSTITUINDO o maior grupo nacional dos Estados Unidos, os americanos de nascimento ou origem italiana tomaram parte nos acontecimentos históricos daquele país, desde os dias revolucionários de 1777 até aos atuais, ocupando os mais altos cargos municipais, legislativos e jurídicos.

Há, aproximadamente, 5 milhões de norte-americanos de descendência italiana ou naturalizados, incluindo-se a terceira geração. Quatro quintos desse total vieram com a grande massa imigratória de 1890 e 1900, procedentes do sul da Itália Continental e da Sicília.

Acostumados à maneira de comer italiana, as pessoas dessa origem apreciam as suas comidas e as preferem às americanas. Aqui vemos queijos e várias comidas italianas, preparadas no "estilo da terra" e vendidos numa mercearia típica, numa vizinhança de Nova York, onde residem muitos americanos de descendência italiana.



Americanos de descendência italiana, em Nova York, assistem a uma parada realizada em honra dos homens desse bairro, que estão lutando nas forças armadas dos Estados Unidos para a libertação do mundo da opressão nazista.



AS NAÇÕES UNIDAS

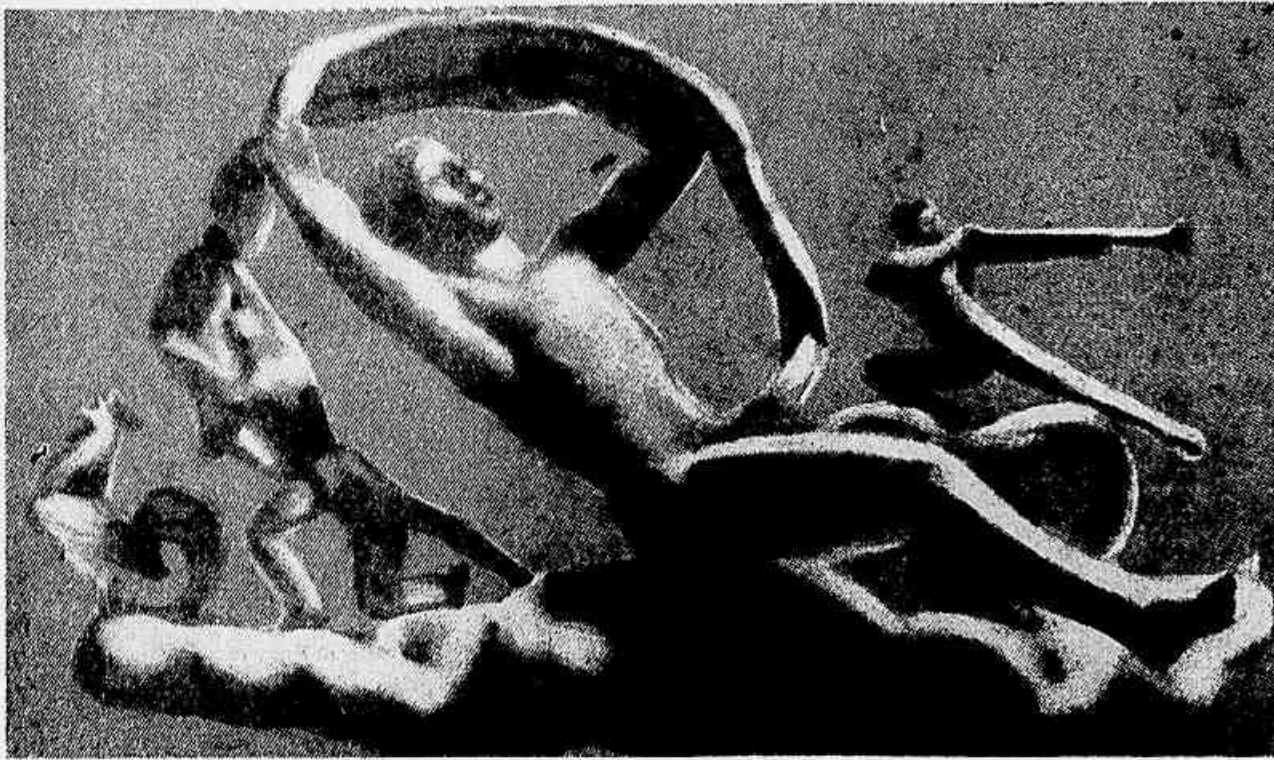


As pessoas de nacionalidade estrangeira são ministradas aulas, nos Estados Unidos, para que as mesmas possam conhecer as leis, a língua e outras coisas de interesse do país. A fotografia nos mostra mulheres de descendência italiana, que frequentam uma das muitas aulas de educação cívica e de inglês, que são dadas, gratuitamente, na cidade de Nova York.

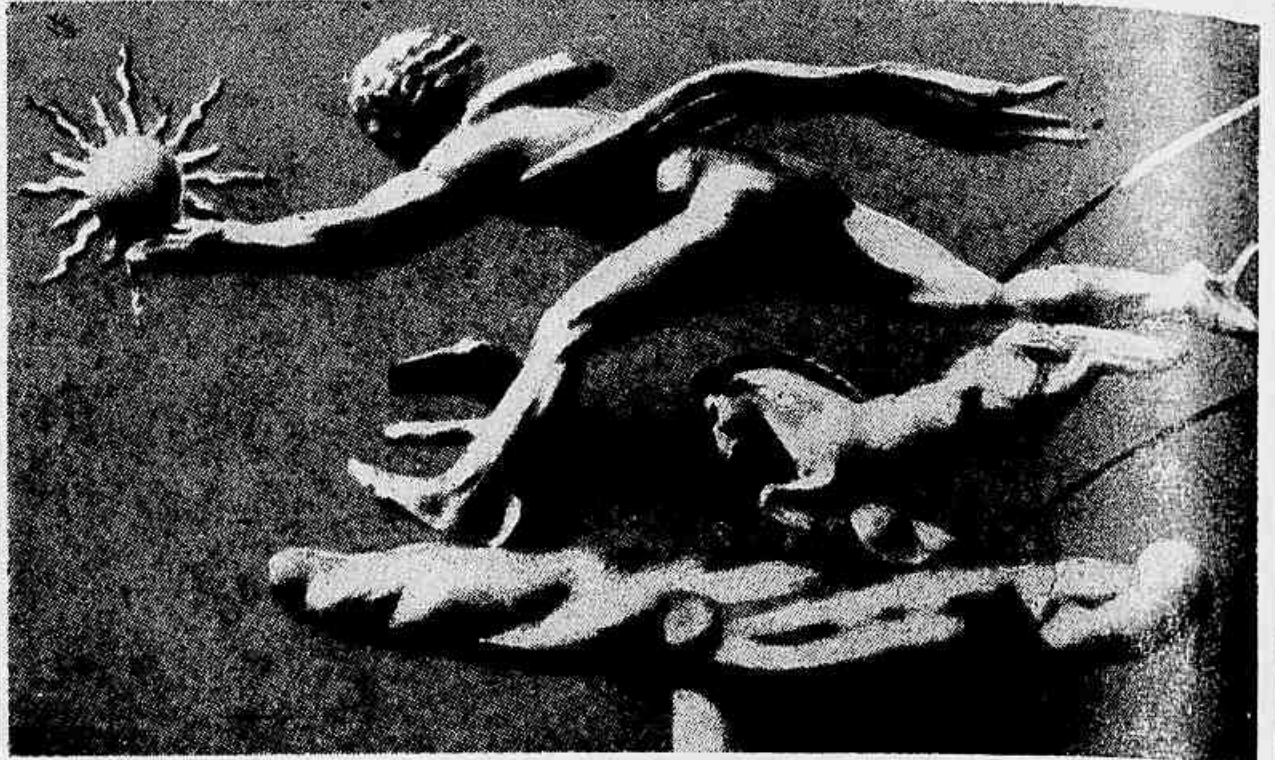


Também aos filhos de estrangeiros são dadas aulas de educação cívica, nos Estados Unidos, para que desde pequenos conheçam os seus deveres como cidadãos de uma grande república democrática. A gravura nos mostra estudantes fazendo juramento à bandeira americana, numa das 776 escolas públicas gratuitas de Nova York.

Os italianos e seus descendentes, em toda a América, acompanham com interesse a guerra européia, principalmente nos setores em que a Itália está envolvida. Vemos aqui um sapateiro, de origem italiana, que interrompe um dia de muito trabalho, para transmitir a satisfação que lhe deu a notícia de que o seu país se havia rendido aos Aliados.



M A N H Ã



D I A

O FUTURO DA ARTE

Por W. H. VALENTINER

Diretor do Instituto de Artes de Detroit

Estamos no começo de uma nova era*. O aparecimento do fantástico em arte é a manifestação de forças espirituais e místicas, numa época de transições sociais.

Poderemos, profetizar com alguma probabilidade de êxito, o futuro da arte?

Isso depende, na minha opinião, primordialmente de dois fatores: o grau de desenvolvimento que tivermos atingido e o fato de estarmos no começo ou no fim de uma era.

No caso de se verificar esta última hipótese, como se deu no fim do século XIX, é tão difícil falar atualmente do futuro como o seria por exemplo no fim do Império Romano. Estou entretanto convencido de que tal hipótese não é verdadeira.

Estamos no começo de uma era, cujos últimos trinta anos não deixam dúvidas quanto ao rumo que tomará o novo movimento.

Neste período podemos observar um notável desenvolvimento do elemento fantástico na pintura e na arquitetura.

Sabemos pela experiência do passado que o fantástico em arte — expressão excêntrica de um mundo transcendental — surge nas épocas em que a humanidade se defronta com idéias novas e revolucionárias.

Surge em períodos de agitação espiritual, como se deu na época das Cruzadas ou durante a Reforma.

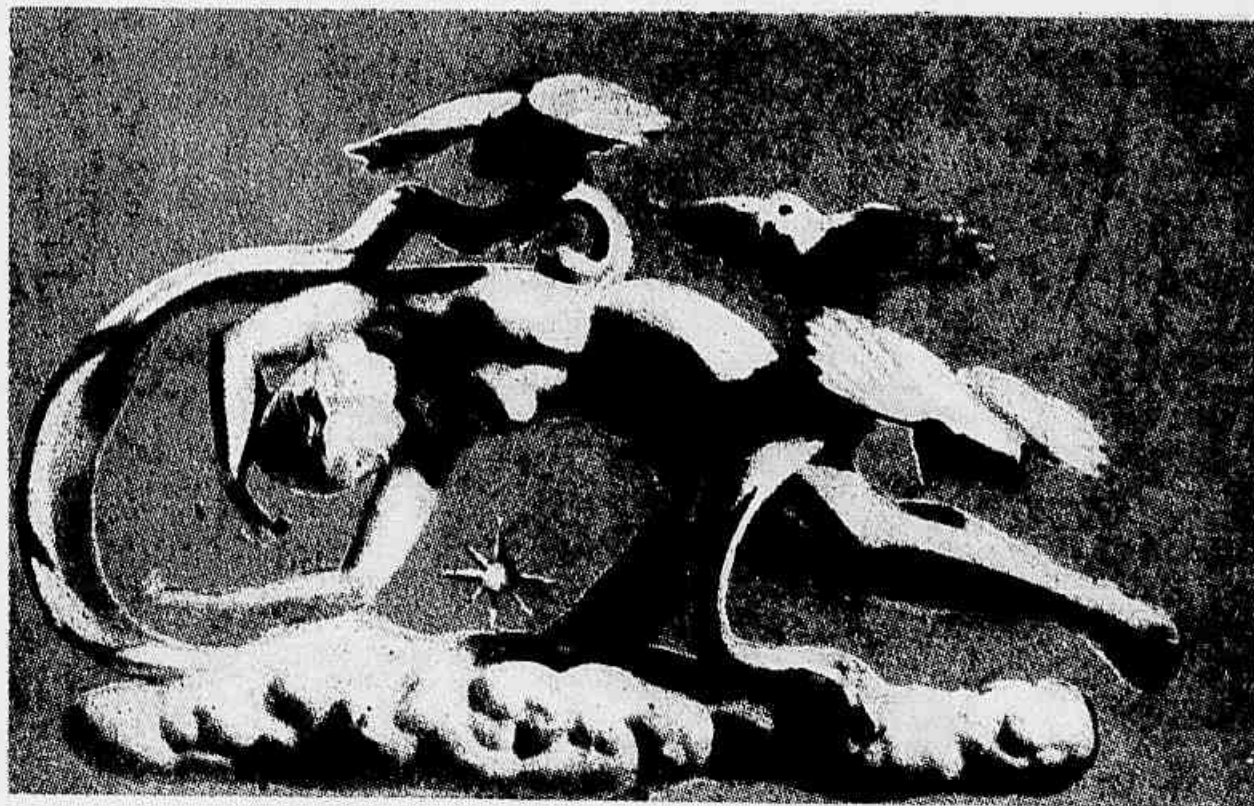
Não pode haver dúvida de que este movimento que presenciamos nos últimos trinta anos é manifestação de poderes espirituais ou místicos numa época de mudanças sociais.

Quando há no mundo uma preponderância de idéias positivas, como se deu na Idade Média, encontramos uma unidade de pensamento.

No mundo do futuro, de acordo com o que podemos vislumbrar, a pintura e a escultura estarão subordinadas à arquitetura, se prenderão ao esquema geral das ruas, praças, avenidas e jardins das cidades.

O estilo penetrará em todas as partes das casas e concorrerá para mobilar e decorar os quartos. Nessas residências do futuro, não apenas os artistas, mas toda a sociedade perceberá as conveniências e inconveniências de uma decoração; sentirá que os interiores modernos são mais próprios que um quarto mobilado em estilo vitoriano e que as linhas de um automóvel se harmonizam melhor com as de uma mobília moderna do que com uma do estilo Renascença ou Chipendale.

A função principal da pintura, nesse conjunto harmonioso, será a de formar um todo com a arquitetura.



T A R D E



N O I T E

A pintura mural será reintegrada na sua real importância. Estamos presenciando seu ressurgimento no mundo inteiro e especialmente em nosso país.

Quando os artistas representam assuntos de interesse geral nas enormes paredes dos edifícios públicos, estarão realizando inconscientemente as idéias individuais que os orientam numa época inteiramente voltada para a pintura de "atelier".

De um modo geral devem considerar a estrutura posterior do seu "a fresco".

Seu objetivo será frequentemente a decoração simplificada, de estilo mais ou menos abstrato, fazendo ressaltar o primeiro plano sobre a perspectiva.

Embora tendo de competir com a fotografia da cópia da natureza, o artista leva a vantagem de poder expressar suas idéias e imprimirá obra um cunho da sua personalidade. Esta possibilidade é encontrada na própria natureza aerodinâmica da arte moderna.

Depois da época de ceticismo, que sempre acompanha um individualismo subestimado, encontramos no mundo um lugar para as forças espirituais tendendo para

a arte abstrata, para as concepções místicas e simbólicas, similares às que existem atualmente na música e na literatura.

No mundo de amanhã terão papel preponderante as idéias positivas e o otimismo.

Encontramos atualmente nas pinturas murais uma arte altamente decorativa que o século passado negligenciara. Ela será a expressão do espírito brilhante da humanidade através do sentimento de unidade nos vários campos da arte, e do contato com todas as classes sociais.

Esta ressurreição da pintura mural não significa que haja passado o tempo dos pintores de "atelier", como poderiam ser levados a pensar os que não consideram o papel importantíssimo da arquitetura. Não é possível destruir as conquistas feitas pela humanidade sem entrar o progresso.

Mas como o mundo de amanhã viverá para os ideais de seu próprio tempo é lícito perguntar se estes pedaços de arte transportável, capazes de levarem consigo os mais profundos pensamentos, participarão do esquema decorativo e das idéias da arte moderna.

Poderíamos perguntar que função teria a arte antiga no mundo de amanhã.

Numa época como a que atravessamos, em que a energia dá à arte novas idéias criadoras, há uma tendência para subestimar os valores do passado.

Os museus têm entretanto uma alta função educativa, cabendo-lhes importante missão no futuro.

As obras primas neles guardadas são apresentadas como um padrão para o julgamento da arte hodierna e futura.

Não será possível entender a arte moderna sem compreender a do passado.

Ela é necessária para estabelecer os canones de algo que incontestavelmente está ainda no começo.

E' verdade que o movimento característico de arte moderna produziu no passado grandes obras.

Mas quantos defeitos devem ser superados até que possamos alcançar a perfeição máxima!

O grande perigo da arte moderna, tão intimamente ligada à técnica e à maqui-

naria, é o atrofamento da personalidade. O trabalho manual e intelectual do artista que dão à arte o seu verdadeiro sentido, correm sério risco.

A arte do futuro, como aliás a moderna, requererá dois tipos de homem.

Ela apelará em primeiro lugar para os que são tão progressistas em suas idéias como os próprios artistas e que encontram sua satisfação nos momentos em que a arte renasce para um mundo melhor.

E' possível que errem algumas vezes, pois é muito difícil julgar o presente, mas satisfazem-se em dar o melhor de suas imaginações à construção do futuro.

A outra classe de homens é a dos que vivem à sombra dos pensamentos do passado. Para eles os tesouros artísticos dos museus são como os livros clássicos das bibliotecas. O mundo artístico do futuro terá lugar para essas duas classes de homens.

A criação artística não pode ser concebida sem esses dois aspectos da natureza humana, que se completam um ao outro e são a fonte de onde nascem todos os pensamentos criadores.

NOTICIÁRIO ELEGANTE

Aniversarios da Semana

29 — Sr.^a Maria Guedes Maia Ferte; Snrs. Dr. Coriolano de Góes, Dr. Hermenegildo de Barros Filho.

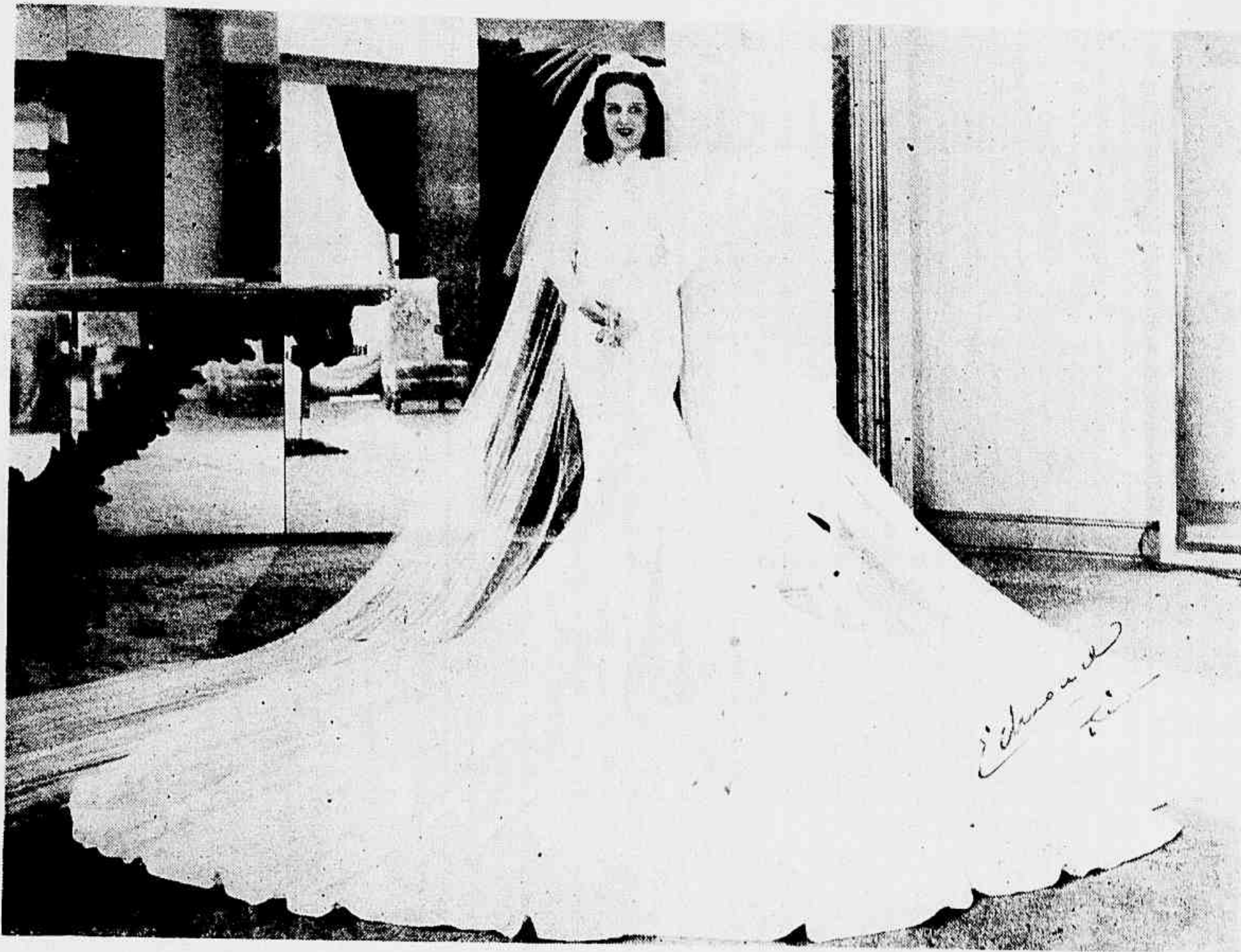
30 — Sr.^a Honorina Coelho Fraga, Presidente Franklin D. Roosevelt.

31 — Snrs. Maria Amelia Peivoto Tarlé, Alice Vera Cezar, Honorina Coelho Fraga, Rosa Pinto Martins; Snr.^a Maria Leonora Assunção Araújo; Snrs. Almirante Americo Brasil Silveira, Major Oscar Passos, Silvio Carneiro Manso.

1 — Snr.^{as} Levia Lins e Silva, Maria José Maia Focha, Professora Alice Beltran; Snrs. Dr. Mario Alves, Luis Peixoto, Comendante Fernando Savaget, Almirante J. C. Noronha Santos, Ministro Ataúlfo de Paiva, Dr. Juvelino do Amaral.

2 — Snr.^{as} Maria da Cunha Bastos Verselho, Deocalcina Selgado Barros Nunes; Snrs. Dr. Paulo Azerêdo, Alm. José Maria Penido, Cel. Henrique Ricardo Hall, Pedro Leite Bastos, Dr. Candido José dos Santos, Tancredo Santos Melo, Marcelo Dias Martins.

3 — Snr.^{as} Lauritz Pessoa, Raja Gabaglia; Snrs. Ministro Sebastião Sampeiro, Conde Silvio Penteado, Dr. Raul



Flagrante apanhado a 30 de Dezembro proximo passado, dia em que se realizou, nesta capital, o casamento da senhorita Celia Maria Gusmão Slarys com o Sr. José Francisco Howat Gusmão. O ato religioso teve lugar na igreja do Rosario, no Leme.

Azevêdo, Gen. Gustavo Cordeiro Faria, Prof. José Victor De Lemaire, Dr. José B. S. Cordilha, Almeida Filho.

4 — Snr.^a Dr. Arthur Bernardes,

Snr.^{as} Elza Fernandes Berroso Nunes, Rute Santos Mendes, Jandira Aguiar de Siqueira; Snrs. Ministro Bento Faria, Dr. Gastão Guimarães, Dr. Luiz Felipe Souza Leão e José Firmo.



EM VITORIA. — O Sr. Argilano Dario, que recebeu, em Dezembro ultimo, o titulo de contador pela Escola de Commercio de Vitoria, Espirito Santo.



EM SÃO PAULO. — O Sr. Genaro Wanderley de Carvalho que, ha pouco, colou grau na Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo.



O ANIVERSARIO DO "CORREIO DA NOITE". — Flagrante tomado por ocasião da missa que teve lugar na igreja da Candelaria, na semana p. passada, em ação de graças pela passagem do aniversário do "Correio da Noite", diário que obedece à direção de nosso ilustre confrade Mario Magalhães. O templo ficou repleto de elementos de todas as classes sociais que foram homenagear o vitorioso jornal na pessoa de Mario Magalhães, que aparece na foto, tendo á esquerda o ministro Salgado Filho, seguindo-se outras autoridades e pessoas gradas.

Um canto para o garoto

Incubadoras humanas

As crianças, hoje pelo menos a maioria delas, dão-me a impressão de pintinhos de incubadoras. Parece que estou exagerando?

Conheço mães, nem posso dizer quantas, que não passam de incubadoras. Têm os filhos, e passado o indispensável resguardo, voltam à vida, entregando o pimpolho à ama. Quando são mães cuidadosas, têm o zelo de procurar o médico, no tempo determinado, para pesar e medir o garoto; têm a atenção de vê se as *Vitaminas* estão sendo ministradas de acordo com a idade, *procuram saber* si o banho, o sono, o alimento e outras necessidades fisiológicas do baby são regulares; aí param suas atribuições. Criar um bonito e sadio animalzinho e na idade exata manda-lo para um "jardim de infância" para que alguém lhe trate do espírito e do carácter; o coraçãozinho tem de ser esterilizado para tudo quanto seja sentimento de família, amor de mãe, carinho de mãe. A palavra *carinho* foi substituída por outra, muito mais prática, que é: Cuidado! E' preciso *melhorar a raça*, dizem os pregões civicos, mas melhora-la no sentido animal, e para isso criam-se — *Estádiums* — *Ginásiums*. E' mesmo, dirá você, leitora amiga; mas os gregos são, ainda hoje, os inspiradores de tudo isso, e afinal o grego foi o super-homem de todos os tempos. Sim, mas é preciso não esquecer que o *Ginásium* grego, não era apenas um club sportivo, era um centro de cultura completa, sem o inconveniente de parecer escola, onde as lições têm de ser decoradas.



Marjorie Ann Mutchie, a boneca pequenina da Columbia, aqui está, muito contente pintando...ovos. Para a Páscoa, já?

No *Ginásium*, tinham os gregos a *palestrica* e a *orquestrica*. Uma adestrava-os para as lutas, a outra formava-lhes o intelecto; e não só o intelecto, mas o caráter, a alma; as virtudes de família como as virtudes sociais eram cuidadosamente resguardadas; além disso aprendiam as artes da palavra e as belas atitudes. Aquele que conseguia reunir tudo era o super-homem e, para nós, é todo aquele povo admirável. Mas volto ao nosso assunto, para afirmar que a nossa criança, esse pintinho lindo e sadio, não é feliz, porque ela sente a falta do carinho, ela precisa de alguém que lhe compreenda a alma em embrião, que lhe ausculte o desabrochar dos sentimentos; precisa de uma amiga-companheira em quem ela possa confiar plenamente, sem sustos, sem receios, sem problemas e complexos. A assistência física não lhe é tão necessária como a assistência moral. Escute, minha querida leitora; o que me contaram há dias:

Um garotinho, filho único, ficava sempre só com a ama pois a mãe trabalhava fora. Há 5 anos que ela, a ama era a verdadeira mãe do pequeno (esse era dos felizes) que afinal tinha mãe: embora não fosse a *incubadora*; esta, nos raros dias que ficava em casa, não suportava as travessuras do baby e batia-lhe e o castigava a todo momento. A ama precisava viajar por umas semanas. O garoto ao saber disso chorou o dia todo, inconsolável, e dificilmente tomou algum alimento, à noite seu sono foi inquieto. Pela madrugada a ama acordou assustada, havia alguém no quarto, apalpando a cama, acendeu a luz e ali estava o pobresinho de olhos muito abertos cara de choro; ao vê-la disse num suspiro triste: — Bá, pensei que você já tivesse ido; era bom que não tivesse mais trem Bá.

A creatura sentiu-se tão comovida que disse abraçando o filho que era bem seu: — Resolvi deixar você só quando o bigode nascer.

MODELOS PARA MENINAS



1 — Quadriculado vermelho e branco, uma tira dupla cortada como festonê e aplicada fingindo bolero; bolsos recortados na saia. 2 — Vestidinho fingindo avental, com botões nos ombros. 3 — Estampado com um enfeite de "ruche" e laços. 4 — Este é quadriculado e enfeitado de sinhaninha. 5 — Estilo chemisier com bolsos embutidos na blusa; confecção em linho amarelo. 6 — Vestido branco com um bordado fantasia na pala e mangas.



No Teatro da Moda

ONTEM, HOJE E... AMANHÃ

VIRANDO as páginas de um elegante album de modas de 1938, vamos encontrar modelos maravilhosos, de linhas tão novas, tão modernas que parecem desenhados por Adrian ou Maguin para um filme da atualidade.

A moda feminina, apesar de toda a volubilidade da mulher e do afan dos costureiros em satisfazer-lhe os caprichos, pouco tem evoluído: um detalhe, como uma pequena túnica, um drapeado, um corte original no decote, mais curto ou mais comprido, e nada mais. Os vestidos de rua, ainda assim, apresentam uma ou outra novidade, inspirada em insignias e símbolos da guerra. Os de baile conservam, porém, as mesmas linhas: são amplas e vaporosas saias rodadas, evocando os tempos românticos, com os corpetes ajustados, realçando a beleza do busto; ou ainda a linha esguia dos tempos medievos, fazendo sobressair a forma estatuarial das mulheres esgalgas, como produtos de uma depuração do caldeamento racial.

Para cada tipo há um padrão classico. Com a influencia dos concursos de beleza, da medida antropométrica, do peso em equilibrio com a altura, surgiu o tipo esguio, fino, lidalgo e sobretudo fêminil — o tipo padrão; ora para tal tipo de mulher qualquer estilo ficará bem. Afinal a mulher com todas as características exigidas tanto ficará graciosa e chic sob o panejamento de ampla crenolina como sob a túnica grega, ou o ajustado *princesa* ou *Diretorio*.

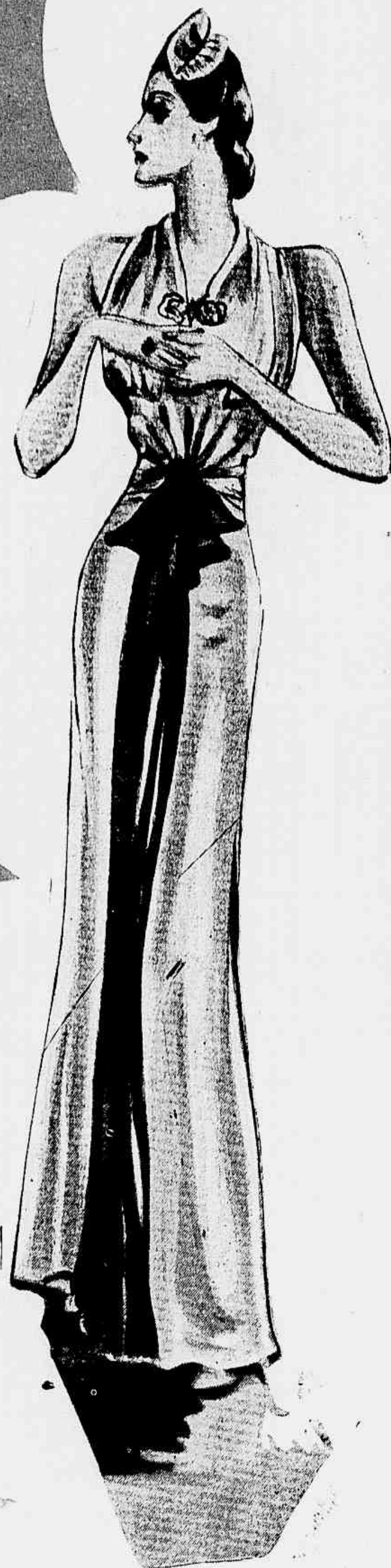
O estilo mais favorável a todas as mulheres, é sem duvida, o *crenolina*, pois embora exija uma cintura de *vespa*, e a *anca em forma de lira*, como disse um poeta, ela disfarça o peso e a altura com a graça roçagante e evocativa do seu *frou-frou*. O vestido reto de linhas colantes só pode ser usado por um tipo de mulher muito esguia, cintura fina, ombros retos, e que *saija pisar*. Exige, como se vê, muita elegância, um corpo escultural e sobretudo que não tenha ancas muito pronunciadas, ou busto *forte*; a cabeça tem de ser alta e reta como a graça do cisne e o andar leve e deslizando de uma lada.

O estilo crenolina atravessou séculos na preferência das mulheres. Maria Antonieta foi a ultima maravilhosa visão das amplas armações com rendas, gazes, fitas e brocados deslizando em parques senhoriais, ou salões dourados, refletindo por mil espelhos a beleza sem par de marquizes e amantes reais.

A beleza espaventosa da Talien inaugurou o provocante e ousado *Diretorio*, beirando a moda da túnica grega, mas com todas as características plebeias e anarquicas da era. Não havia harmonia de conjunto ou de cores, nem sobriedade ou distinção, muito embora tivesse sido usada por uma *Récamier*.

É interessante observar como as tendências literarias de uma época se podem refletir na indumentaria feminina; poderíamos dizer que houve para a roupa da mulher um estilo quinhentista, um estilo condoreiro, um romântico, e até um futurista, bem parecido com o nosso inesfavel e inesquecível *Marinetti*. Hoje, não há propriamente um estilo para nada, nenhuma criação no sentido espiritual ou intelectual; a preocupação da época se resume em destruir tudo e fazer planos de reconstrução, de bem-estar, de paz e dinheiro, e por isso temos na moda de hoje a mesma característica da moda de 30: individualismo. A propaganda externa fala em grandes planos, em idealismo humanitário, mas o homem ultra-opportunista de nossos dias está fechado em seu casulo de egoismo, à espera de metamorfoses transcendentes.

WALLY



Modelos da Semana



Duas peças em "teca blend" por Eastman; a saia tem na frente pregas profundas, nas costas uma prega no centro. A originalidade do casaco são as casas bordadas em forma de folhas. Manga curta de punhos dobrados; sobre-gola de fustão branco.

Saia pregueada na frente (em "teca blend"), casaco com quatro bolsos e sem gola, debruado de crochê; o casquete também é de crochê.

Jersey quadriculado, com grandes bolsos frangidos. Saia ampla cortada em vize.

A's nossas juvenis leitoras apresentamos algumas toilettes para os dias ensolarados. A fazenda mais usada é o linho, veem depois os estampados alegres de algodão, o *pois*, continua a dominar, quer para vestido e blusa, quer para enfeite. O uso da seda para vestidos mais chics é de preferencia empregado em cores claras ou estampadas.

O COSTUME segue sua marcha triunfal, confeccionado em todos os tipos.

O branco e azul marinho, o coral e verde, o amarelo e havana, o roxo-azul e cinza são as combinações mais em moda.

O CHAPEU — Este indispensável complemento da elegancia feminina volta a imperar: hoje uma moça elegante não sai sem chapéu. O chapéu dá, inegavelmente uma nota distinta na toilette, distinguindo a dama

TOILETTES JUVENIS --- CHAPEUS

elegante da sua arrumadeira e até da suburbana, como se diz, pois é bem uma arte difícil saber pôr o chapéu.

Essa moda, que para muita gente boa foi uma ótima medida de economia, volta sem perturbar muito as finanças, pois os chapéus de crochê, de laise de renda e de organza estão muito na moda e seu feitio varia ao infinito: são tufo, laços, flores, cloches, canotier; estão em moda também o fustão e as palhas finas e claras. O chapéu branco é o que mais se vê.

RESPOSTAS PARA QUATRO

ELVIRINHA — Nem tudo o que você vê na rua, mesmo que a pessoa lhe pareça "chic", é moda. Há gente que confunde alhos com bugalhos. Na elegancia não

póde deixar de haver harmonia de conjunto. Uma pessoa que veste um vestido de seda, luvas de pelica e chapéu com tule evidentemente não pode estar "chic" se não usa meias.

LOLOTA COSTA — Uma luva esportiva de algodão em ponto de malha não fica bem com a sua "toilette" de seda verde; use antes umas luvas rendadas. Sapato sem salto também não assenta bem com o tipo do seu vestido.

MARIANA — O costume n.º 2 desta seção juvenil ficará muito bem para seu tipo: ele é debruado de crochê, portanto você poderá fazer as casas enfeitadas em forma de folha como o n.º 1. Casquete de crochê fica melhor com laço, a pena é mais pretenciosa. Branco e azul-marinho usam-se muito.

HELENINHA — Você é jovem, tem um tipo de

Tres modelos para jovens



cado, tem bonita pele e bonitos dentes, seus cabelos castanhos são bonitos e sobretudo são seus: para que estragá-los com tinturas? Escute, minha amiguinha, você já viu se remendar ou rebocar casa nova? Não faça isso! Não há dom maior que a frescura natural da juventude, flor que ainda está humida do orvalho da manhã da vida. Quanto a vestido americano deve ser usado na praia: para a cidade há muita coisa simples, bonita e menos doméstica.

Crepe marocain, cor de pêssego; frente de poir e laços. Saia godet na frente. Vestido de marocain com enfeite de tiras listradas postas enfiadas; desce na saia em roda da frente como se fosse avental; original o laço do lado.

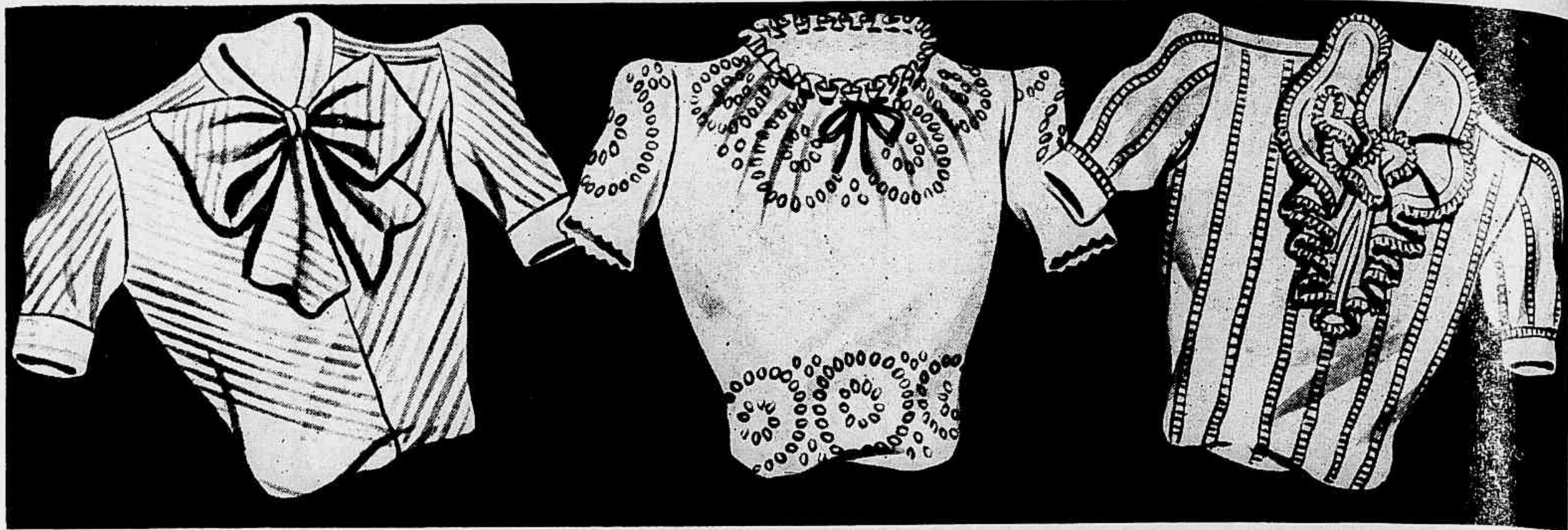


Linho branco; os bolsos e ao redor da gola tiras cortadas em forma, de fazenda estampada.

Linho branco vivo; os botões são vermelhos e verdes, postos saltados, um de cada cor.

Linho branco, enfeitado de roulouté azul e vermelho.

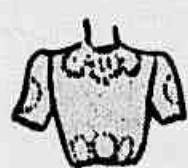
Linho branco; originaes bolsos na saia, vivados de cor; os botões da blusa de um lado são cor de cereja, do outro marrom.



Seda listada leve, gola réta virada, grande laço da mesma fazenda.



SAIAS E



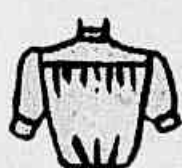
Em crepe de seda branco, bordado inglês, com um laço estreito de veludo.



Em seda branca com bainha desfiada; grande "jabot" com plissado ao redor.



Fazenda de algodão, ou linho branco tiras em vize do mesmo material, bolso com as iniciais.



BLUSAS

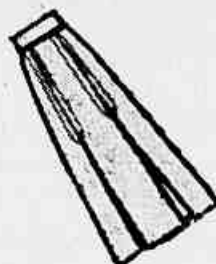
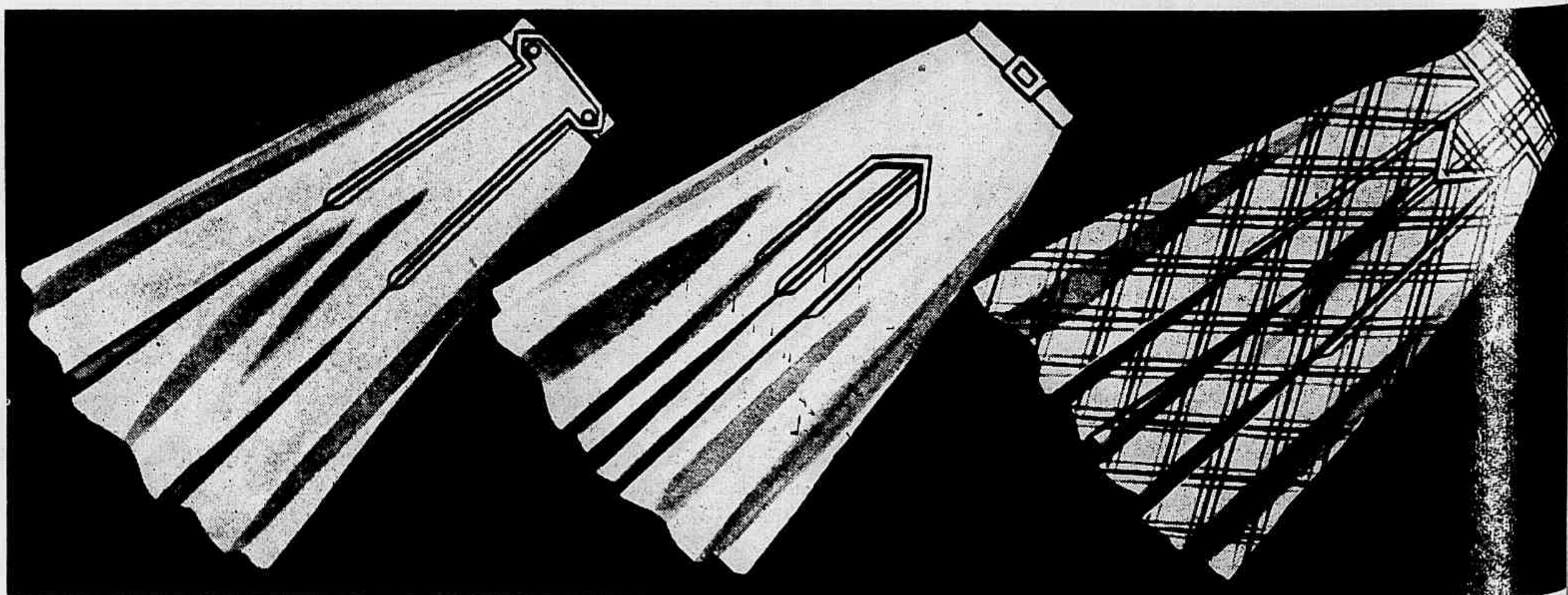


Quadriculada, com a gola e bolso em branco, pespontados de côr.



Linho ou cambraia com bordado inglês.

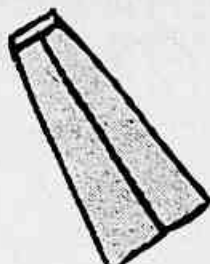
ESTAS TRÊS BLUSAS SÃO DE ESTILO MAIS ESPORTIVO.



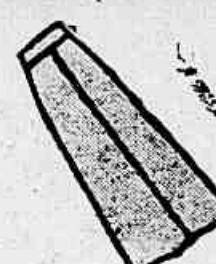
Saia e blusa eis uma toilette que goza da preferência de todas as mulheres e fica bem a qualquer idade.

É realmente uma roupa prática e pôde ser elegante tanto quanto um vestido desde que haja bom gosto.

Por exemplo: tenha sempre



umas blusas mais finas, em cambrá, organza ou seda e algumas de fazendas alegres estampadas, quadriculadas ou escocês, tenha também duas saias, uma lisa; outra de fantasia: pode ser escocesa, quadriculada etc. Mas nunca use saia e blusa de fantasia juntas. A blusa lisa pode ser usada com qualquer saia, mas uma blusa com estamparia só pode ser usada com saia lisa.



3 bonitas saias, em linho, tussor ou shantung; todas três são de corte amplo, com pregas fundas, presas até bem abaixo das cadeiras; o cinto é feito na própria saia.

FONTENROY

Conto de
Claude Farrère

— Isto que lhe vou contar, eu vi. Vi com meus olhos; o que se chama ver. E, aliás, não sou destituído de alguma imaginação, e minto tanto quanto outro qualquer. Mas garanto-lhe que era preciso ser um mentiroso imaginativo para inventar a pequena "história" que vai apreciar.

"Começo. Na segunda-feira, 25 de setembro do ano da graça de 1911, quando o fim do coraçado capitânea **Luiz XIV** acabava de dar cinco horas da manhã, um rude abalo, seguido de uma detonação forte embora surda, lançou-me da cama ao solo, numa espécie de aviso. Aliás não sei porque temo as coisas **ab ovo**. Nenhum francês esqueceu ainda, suponho eu, que a 25 de setembro de 1911, o coraçado da República **Nação**, levando a bordo explosivos B. brevetados (com garantia do governo) voou pelos ares.

"Você não o esqueceu. Abrevio, portanto. Estava eu de oficial do quarto no **Nação**. Lançado fora da cama, como acabo de lhe dizer, e minhas duas lâmpadas elétricas em migalhas, busquei a porta das apalpadelas, quando ela se abriu, sem que a tivesse chamado: meu ordenança — um dos artilheiros, um rapagão de Morlaix, que se chama Jean Le Duc — jogado abaixo de sua maca como eu de meu leito de oficial, tivera por primeiro pensamento salvar custasse o que custasse não sua pele, mas a minha, e se atirara para o meu camarote através da obscuridade trágica da bateria, mergulhada a súbita numa noite mortal, para gritar-me a plenos pulmões, sem pensar que também ele poderia ir pelas ares: "Capitão! venha depressa, ande com isso! o navio explode!"

"Sózinho, Deus meu! teria talvez ido depressa... Pois há qualquer coisa de terrível nessa espécie de despertar, demasiado análogo ao acordar do condenado que a guilhotina espera.

— Nada semelhante, para nos sacudir os nervos e os miolos, como a imediata expectativa da explosão final, que, daqui a dois, três, ou quatro segundos... ou mais tarde... muito mais tarde talvez... ou um pouco mais cedo... ler-nos-á transformado em farinha, e espalhará nossas migalhas a doze ou quinze hectares ao redor. Sim, prefiro não me gabar... pouco faltou para que eu tomasse o passo de fuga afim de chegar quanto antes ao tombadilho, ao ar livre... e assim, tal como estava: de pítima, pés descalços... Mas a coragem de meu artilheiro me levantou o moral; não fugia, ele, Jean Le Duc! esperava-me, teso; fez-me a continência, calcanhares unidos. No momento, meu sangue subiu do coração à face: já que esse rapaz de vinte anos, simples marinheiro, tivera a bravura de correr primeiro em meu socorro, custasse o que custasse, bem podia eu, seu oficial, revestir antes de tudo os três galões de ouro suficientes a restabelecer por onde eu passasse a ordem e o sangue-frio, a restaurar a disciplina e atenuar o pânico. Vesti-me, então. Depois, para subir, forcei-me a andar a passo, sem pressa, e a subir as escadinhas degrau a degrau. De tal forma que passei a última escotilha pelo menos trinta segundos depois de acordar... Eln? trinta segundos, diz você que não é nada?... pode ser. Mas esses trinta segundos me pareceram trinta anos!...

No tombadilho, desfrutava-se um belo espetáculo. A prôa do **Nação**, até à terceira chaminé, desaparecia detrás da mais maciça e opaca fumaça que algum dia vi. Era como um pilar prodigioso, negro de carvão, amarelo de melinita, vermelho de fulmicotão; e esse pilar subia até às nuvens, como si sustentasse toda essa arquitetura de pesadelo. No meio, duas colunas de fogo se destacavam, tão flamejantes que o pilar de fumaça que as envolvia não chegava a diminuir seu brilho. E também elas subiam até às nuvens, ou pelo menos não se via até onde subiam. O céu, baixo e pesado, trocara sua cor cinzenta de há pouco por um tom púrpura deslumbrante, que se espalhava do zenith ao horizonte. E o mar, também, refletia esse brazeiro de modo que nosso desgraçado **Nação** parecia estar no centro de um fabuloso incêndio, de um incêndio do céu e do mar. Era noite ainda. Assim mesmo via-se terrivelmente claro, de uma ponta à outra da enseada.

"Desembarquei na escotilha do meio, entre a terceira e a quarta chaminé, e logo avisei Brême, o capitão de fragata comandante, de pé, rosto ao fogo. Estava calado. De fato não havia grande coisa a dizer, e nada absolutamente a fazer... salvo, em rigor, evacuar o navio e abandoná-lo!... Mas evacuar um navio? Quem era o João-ninguém que ousaria pensar isso? Acaso em Waterloo, Cambronne evacuou o último quadrado? Brême, de pé, braços cruzados, não tinha por certo a intenção de ser mais covarde que Cambronne. Eu olhava havia três segundos quando um negro, ou pouco menos, calcinado dos pés à cabeça, desembarcou de outra escotilha, à frente da minha, e veio a Brême. Era Latour, o mecânico com dois galões, que foi morto cinco minutos mais tarde — com Brême, aliás. Latour disse (ainda ouço sua voz em três de cada quatro noites: uma voz rouca, cortada, atroz, uma voz que tossia em vez de falar devido à fumaça envenenada que enchera seus pulmões já mortos...) Latour disse:

— Comandante, não há jeito de se chegar aos paióis de prôa; fumaça demais. Tudo ali, até o assoalho de ferro.

"Brême ergueu os ombros e respondeu com uma só palavra que você imagina. Após o que, voltando-se, ele me viu. Imediatamente, repetiu a palavra numa raiva súbita:

— E você? — gritou-me — e você? Maldito nome de Deus de...! Que é que você faz aí me olhando como uma bêsta? Vá ver si os paióis de pópa estão submergidos! Rato do inferno!...

"Terminou com algumas palavras mais desenvoltas. E como essas palavras desenvoltas foram as últimas que pronunciou, mais vale não as repetir. Eu respondi, disciplinado:

— Muito bem, comandante.

"E tornei a descer por onde subira. O próprio Latour já tinha descido por onde eu o via subir fazia momentos. **Sic nobis, nec vobis**: tornei a subir ao tombadilho ainda uma vez, como você verá. Latour, nunca mais.

"Em baixo, no passadiço blindado, estava naturalmente mais negro do que nunca. Mas tive a boa idéia de contar o número dos compartimentos estanques contra os quais me chocava vindo da escotilha do meio para a pópa do navio: de modo que pude reconhecer os que gradativamente atravessava, e verificar às apalpadelas a posição das chaves de afundamento. — Por toda a parte as comportas estavam abertas. As sentinelas

tinham cumprido seu dever, todas. — Cheguei ao compartimento do leme. Restavam-me apenas voltar para dar conta da missão. O incêndio não se propagava ainda além da escotilha do meio. Em parte alguma eu chegara mesmo a sentir calor. Contudo, percebia, de minuto em minuto, as vibrações profundas de todo o casco, despedaçado seguidamente pelas explosões parciais que prosseguiram na sua marcha. Mas nada de pior, no momento.

"Tornei, pois, a subir. Você imagina facilmente com que alívio voltei ao ar livre, com que estupor, também: acreditei firmemente nunca mais voltar a ele. No tombadilho, procurei Brême; não o achei. Entre parêntesis, nunca mais o achei em parte alguma. Dei alguns passos, procurando ao acaso...

"Foi então que eu vi a Coisa... a Coisa que nunca hei de esquecer, nem que viva dez mil anos...

"Vi, primeiro, dois oficiais de um dos coraçados próximos, que acabavam de subir a nosso bordo... dois oficiais do **Bonaparte**, soube-o mais tarde: Charnave, o médico do primeiro classe... que vinha em socorro dos nossos feridos... e Bogalde, o aspirante... que vinha, este, fazer-se matar conosco, sem mais... ajudai-nos a morrer, elegantemente... como é preciso... Estavam todos dois corados; de cima abotoado, cinturão, ju-gular; e Bogalde abotoava suas luvas. Tinham o ar de vir fazer uma visita oficial. Meu Deus! tratava-se bem de uma visita... a receber... Não está mais em moda vestir a calça com a lista de ouro e o delman bordado "do mesmo" para naufragar. Mas Bogalde e Charnave não deixavam de ter razão, e eu os aprovava de não ter eu querido receber sem um pouco de cerimônia esta grande desconhecida próxima a entrar a nosso bordo: a Morte. Foi quando me avistaram, Charnave e Bogalde, e saudaram-me. O médico me perguntou:

— Devo descer ao posto dos feridos, capitão?

"Ao mesmo tempo que o aspirante me dizia:

— Capitão, venho pôr-me à sua disposição para não importar o quê...

Depois, ambos esperaram minha resposta, sem pressa.

"Então, eu, que me tornara comandante nesse meio tempo, pois Brême, provavelmente já morrera, respondi, calmo como eles, por contágio:

— Meus senhores, queiram apresentar meus deveres ao comandante do **Bonaparte**, e lhe agradecer cordialmente. Mas não temos feridos... que pudessemos reunir no posto. E, quanto ao que resta a fazer a bordo da **Nação**, já somos, ao meu parecer, muito numerosos. Voltem, pois, a seu bordo... imediatamente, peço-lhes! Mais uma vez, obrigados... e adeus!

"Cumprimentaram-me, fizeram meia-volta, como antes, imediatamente, para obedecer como é de praxe, "sem discussão, nem murmúrio" — e se retiraram, sem pressa, sempre, e mais tranquilamente si possível do que tinham vindo. Nesse momento, todo o tombadilho tremeu — de todas as suas precintas que ondulavam, de todas as suas costelas que codiam, de todas as cavilhas e pregos que saltavam: — a onipotente pressão dos gases irresistivelmente arrancava as pontes das muralhas. Era o começo do fim, o prelúdio da explosão suprema.

"Charnave e Bogalde, entretanto, chegavam ao portal; e, em baixo desse portal, seu bote os esperava. Eu os olhava no instante de passarem esse limiar que era para eles exatamente o limiar da vida. Ora, aí Bogalde, o aspirante — dois galões — primeiro a chegar, afastou-se e esperou.

— Doutor, disse ele — depois do senhor!...

"O médico — três galões — polidamente recusou.

— Ora, meu caro, passe, por favor! nada de cerimônias entre amigos, váia lá!...

"Mas o aspirante, recuando um bom passo:

— Por favor! não faltava mais nada!... Eu? passar na frente de um superior?...

"Charnave, então, agradeceu, a mão direita na pala, e passou.

"Bogalde, a mão direita na pala, respondeu à saudação. E já passar por sua vez quando a explosão suprema esmagou o tombadilho. Tive tempo de entrever, no clarão imenso, a cabeça do aspirante, e o boné de dois galões, com sua pala e a mão direita — arrancadas — voarem juntas na minha direção, como um triplice projétil... E depois...

"E depois, quando voltei a mim... duas horas mais tarde... numa cama de hospital... vivo, sabe Deus como e porque... os enfermeiros, parece, ouviram-me gritar o princípio, em altos brados:

— Senhores ingleses, nunca atiramos primeiro: atirem os senhores!

"E acreditaram que eu delirasse.

"Parece-me que não. Pensava até razoavelmente, ao contrário... e era o primeiro pensamento que esboçava meu cérebro, voltando da morte para a vida... Pensava que, desde Fontenoy, os franceses da raça de Bogalde talvez não tenham degenerado muito...

BIGODE
DE SENHORAS E VERGUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CIRURGIAS
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Poco anti-estético prospecto.
MORTE
ENDEDO.

Numeros atrasados desta revista na Bahia

Pedir a **ALFREDO J. SOUZA**

Rua da Colegió, 8 — Salvador

VARIZES EM SENHORAS

Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal raro o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, na dose de três colheres de chá ao dia, em água açucarada, restitui às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idê tra dose debela as males causadas pelos mamilos hemorróides internos e externos, inclusive as que sangram. Não encontrando nas farmácias ou drogarias, peça diretamente ao depositário: CX. POSTAL 1874 (um o seto quatro) São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)

PLENO VERÃO



Vestidos de linho, algodão, fustões e voile; estampa alegre, combinações variadas de cores; tudo isso volta com os dias de sol.

AS LUVAS rendadas, cieras, de algodão tricotadas ou de crochê, são as que se devem usar com as roupas de verão.

CHAPÉUS de palha, organza, fustão; agora a grande moda é o crochê para chapéus. Há poucos dias viu-se no Capitólio um desfile lindo de chapéus para o verão; entre eles dois dos mais originais e bonitos, lançados por dois dos grandes costureiros, eram de crochê. Um deles formava um casquete com duas espécies de azas dobradas caindo na frente das orelhas emoldurando um belo rosto de jovem; o outro era um canotier grande.



8

10

11

12



12

1, 2 e 3 — Vestidos brancos para pleno verão, juvenis, frescos, graciosos. Chapéus de tecidos claros, bolsas iguais.

4 — Costume de linho branco com pespontos em azul, bolsos aplicados; o casaco é franzido atrás; saia de panos em forma encontrando na frente.

5 — Casaco em tussor bege sobre um vestido branco; mangas amplas com punho apertado.

6 — Brim de linho em duas cores; o casaco é talhado nas costas, duas tiras pespontadas formam a frente, e os bolsinhos, abotoados, tem a forma de carteiras porta-niqueis. É verde e bege.

7 — Linho azul com cadarços vermelhos; saia godet, com três grupos de cadarço. Frente e costas da saia iguais.

9 — Original vestido em seda branca todo enfeitado com roulouté da mesma seda.

8 — Interessante vestido verde com pastilhas vermelhas; a parte alta da blusa tem pregas presas por um laço presilha. Chapéu de cores vivas com véu branco.

10, 11 e 12 — Vestidos brancos, com enfeites de cadarços e pespontos, bainha aberta e botões; os laços e cintos é que formam a nota alegre em cores vivas.

13 — Vestido de duas fazendas; blusa escocesa cortada godet e drapeada com duas bandas formando bolso na saia lisa e bem ampla.

14 — Este gracioso e juvenil vestido é em seda bege com babadinho plissado e botões de fantasia; chapéu pequeno em cores vivas.



13

14

9



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

MOBILIÁRIOS PARA ESCRITÓRIOS

A Fábrica de Móveis "Lamas", em suas grandes mostruárias anexas às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal de Leopoldina), expõe inúmeras e variadas em estilos diversos, para residências e escritórios comerciais, modelos modernos e para cada nota e mais simples para escritórios, dispostos de funcionamento práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" mantém-se na execução de Divisões-Balcões e instalações completas de Escritórios, tendo competente seção de desenho para projetos e argumentos, facilitando em certos casos o pagamento.

Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

Desfile de Modelos



1—Celeste pálido, recortes pespontados; enfeitado com roulouré da mesma fazenda.

2—Original drapeado e nervuras, saia ampla; em crepe estampado.

3—Em crepe mongol, cor de ambar, a blusa longa é toda de nervuras cruzadas na frente, caído em godets sobre a saia.

4—Crêpe romain branco, blusa em forma, drapeado ao lado da saia em apanhado com flores de escumilha branca.

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!



Orbleu
DE BAZIN

EXTRACTO Nº 1111 3/4 c/cx.
Nº 1114 C/CX.
Nº 1115 - M

LOÇÃO Nº 1120
Nº 1121
Nº 1122

EXTRACTO Nº 1110 C/CX.
Nº 1117 C/CX.

PO Nº 1150

BRILHANTINA Nº 1112

SABONETE Nº 1180

Nº 1100 - F
Nº 1101 - F
Nº 1102 - F

A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO

Para chás e outras reuniões

A pessoa habituada a um bom ambiente social sabe naturalmente como vestir-se em cada ocasião de acordo com o caráter da reunião: passeio, cinema, chás, casamentos, etc.

Já dissemos uma vez que é um dever de boa educação e gentileza a pessoa apresentar-se bem vestida nos lugares para os quais foi convidada, sobretudo em se tratando de reunião particular.

Damos algumas sugestões para vestidos apropriados a essas reuniões.



Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁTICO COM UMA CUTIS MACIA E SAUDÁVEL! SEJA UMA "LEM-BRANÇA INESQUECÍVEL" NO SEU AMBIENTE, CORRIGINDO OS DEFEITOS DA SUA CUTIS COM O

Oleo de Violetas
de Mme. GRAÇA

DISTRIBUIDORES:
ESPANA, PARANÁ & IRMÃO
RUA DE ALFONSO, 181
PARANÁ

TÔNICO PODEROSO QUE
DA A PELE AS VITAMINAS
NECESSÁRIAS A SUA
BELEZA
CATALOGO GRATIS
PELO CORREIO

Rotenol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO

5—Vestido de linho, a blusa em estilo chemisier com bolsos aplicados; saia em fôrma com duas fendas salindo.

6—Vestido em shantung azul, frente formando fichú estampado com folhos em roda.

7—Costume: saia em fôrma, casaco com franzidos enviesados, gola com babado de organza ao redor.

8—Vestido com a blusa em estilo avental; blusinha estampada e frente da saia igual.

9—Vestido para o verão com folhos franzidos na blusa.

10—Costume estampado, dois laços no casaco.

U M N O M E Q U E F A Z O R E N O M E D E U M C A L Ç A D O D E L U X O

iencarelli

Voltam os Chapéus



Original boina em faille com o laço em veludo azul-cinza e vermelho.

Toque de seda com aigrettes e tule de veu, lindo complemento para toilette de cerimonia.

O uso do chapéu fôra quasi abolido sobretudo durante o verão; agora volta ele a ocupar o seu lugar na indumentaria feminina lugar que, queram ou não, é preponderante.

Ninguém pode dizer-se verdadeiramente bem vestida sem o chapéu; por mais elegante e bem feito que esteja o vestido, por mais bem penteada que esteja a sua dona, si lhe falta o chapéu falta-lhe 50 por cento da elegancia e distincção. O sapato, a luva e o chapéu são três toques de graça, do chic feminino. É muito mais facil escolher um vestido do que escolher um chapéu, sobretudo escolher um chapéu que combine com o vestido. Causa difficil tambem é a colocação do chapéu; pela maneira de usá-lo se conhece o chic da mulher. Talvez por tudo isto e ainda mais por uma questão de economia, o chapéu tenha ficado relegado pela mulher. Mas ele se impõe, é indispensavel e por isso volta a imperar.

Não é chic andar com o chapéu na mão.



Combinação de faille e tafetá franzidos sob um casquete de seda.



Bonito chapéu em seda preta com aigrettes pretas e ligeiramente protendidas.

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139
Salas 10,11,12 e 14-Fone; 4-0394 -- São Paulo

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

PRISÃO de VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULARIZAM O INTESTINO SEM TOSTURA-LOS.



1 — Um bonito chapelinho estilo sheick, com dois bouquets de amores perfeitos e bandas de gaze sob o queixo. 2 — Originalidade deste chapéu de grandes abas, viradas em uma banda pregueada, é o enfeite, grande laço combinando escuro com a fazenda lisa do chapéu. 3 — Georgette e seda, a aba tem uma banda dobrando para baixo. 4 — Palha creme com fita de tafetá desfiada. 5 — Lindo chapéu em tafetá estampado.



Costume e chapéu para cidade, combinação interessante.



4 CHAPEUS PARA VISI- TANTES ELE- GANTES

1 — Alibabá é o nome sugestivo do primeiro, confeccionado em setim cereja com fita verde jade.

2 — Elegante chapelinho "trottoir" branco e preto, com enfeite de metal branco.

3 — Original chapéu trottoir em cinza e vermelho.

4 — Chapéu branco sobre um casquete de "gros grain", laço do mesmo material caído do lado.



Blusa e chapéu em combinação interessante. Palha creme e tafetá.

COPA E COZINHA

COOPERE COM A SAÚDE PÚBLICA

M m e. RISOLETA



Chegou de fato o verão e para agravá-lo chegam-nos também alguns máus pre-núncios de certa epidemia proveniente da guerra: é a consequência fatal da calamidade que a ambição e a maldade humanas desencadearam sobre o mundo desobedecendo à maior das leis divinas: Amor ao próximo.

A Saúde Pública vem intensificando uma campanha de benefício geral, dando ao povo conselhos de higiene e alimentação. É dever de todos cooperarem para debelar ou diminuir o mal; um dever de civismo que é preciso compreender. A epidemia é pior que um aguerrido exercito inimigo, e faz mais vítimas que o mais terrível bombardeio. A situação é tão grave que sem exageros podemos dizer como o herói de Riachuelo: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!"

A alimentação tem papel preponderante na saúde: hoje ninguém ignora que ao lado dos cuidados de higiene é preciso haver também o cuidado da boa alimentação, boa no sentido de saudável. Eduque o paladar habituando-o a aceitar tudo quanto precisa o nosso organismo. Entre esses alimentos, temos os que contêm a preciosa vitamina C, revigorante: tomate, laranja, limão, grape-fruit, couve crua, etc... Além das receitas culinárias com substâncias necessárias a uma boa alimentação, vamos dar às nossas leitoras algumas receitas de ponches e refrescos vitaminados, que podem ser usados durante os dias quentes com muito mais proveito do que os sorvetes.

PONCHE IDEAL

Tomate, laranja, limão, cenoura, canela. Soda. Rale a cenoura e tire-lhe o sumo (umas 6 cenouras). Esprema os tomates (6) e 12 laranjas, caldo de um limão. Cõe tudo. Faça uma calda com $\frac{1}{2}$ quilo de açúcar e 1 pau de canela. Junte esta calda bem grossa ao sumo das frutas e ponha soda (ou água). Ponha na geladeira e tome quando tiver sede.

LARANJADA SPEAKER

Esprema 6 laranjas, 1 limão, cõe o sumo, junte açúcar e ginger-ale.

REFRESCO DE LIMA

Esprema 6 limas, 1 limão, açúcar, tempere com 1 calice de curaço e ponha gelo picado e soda.

TOMATE E MAÇÃ

Ferva com $\frac{1}{2}$ quilo de açúcar 6 maçãs, passe na peneira fina, junte-lhe o sumo cado de 6 tomates, meio limão e soda gelada.

M E N U

SOPA DE TOMATE

PEIXE DE ESCABECHE

BOLO DE BATATA

TORTA DE BANANA

SOPA DE TOMATE

Refogue, com 1 chicara de azeite, 1 cebola, salsa, alho porro, 1 cenoura e $\frac{1}{2}$ quilo de batatas; quando as batatas estiverem dourando junte 1 quilo de tomates e 1 litro de água. Logo que esteja bem mole, passe em uma peneira fina, ponha novamente ao fogo, juntando 1 colher de manteiga. Engrosse com farinha de rosca.

PEIXE DE ESCABECHE

Limpe bem o peixe, passe-o num molho de limão, alho esmagado e sal; depois envogue-o bem, passe-o em farinha e frite em banha ou azeite fervendo. Faça separado um refogado com $\frac{1}{2}$ chicara de azeite, uma cebola grande em rodela, 6 tomates, 1 dente de alho, pimenta em pó, junte ao molho $\frac{1}{2}$ colher de massa desmanhada em 1 chicara cheia de vinagre com um pouco de água, engrosse o molho com uma colher de farinha de mesa, ponha dentro o peixe frito, deixe 2 minutos, retire do fogo e abafe um pouco. Sirva quente.

BOLO DE BATATA

Cozinhe em água e sal $\frac{1}{2}$ quilo de batatas, com casca; depois descasque e passe no espremedor, junte-lhe 1 colher cheia de manteiga, 2 ovos, 1 colher bem cheia de açúcar, nós moscada, sal e $\frac{1}{2}$ chicara de leite ou nata; mexa tudo muito bem. Faça um recheio de pastel (carne passada na máquina, ou galinha) azeitonas, ovos duros, etc. numa fôrma untada com manteiga; ponha metade da massa de batata, cobrindo o fundo, depois ponha o recheio de carne, cubra com o resto da batata e leve ao forno.



DIANA BARRYMORE, da Universal.

TORTA DE BANANA

Frite umas 12 bananas d'água ou pacóva, cortada em rodela, escorra e misture com canela e açúcar. Bata 6 ovos com 1 colher de maisena numa fôrma untada com bastante manteiga, despeje um pouco do ovo, arrume sobre ele rodela de banana frita com açúcar e a canela, despeje mais um pouco de ovo, depois outra camada de banana, até encher a fôrma. Leve ao forno quente.

O MAU HALITO

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

ERGUE BARREIRAS SOCIAIS...

A pessoa portadora de mau hálito geralmente ignora o mal de que é vítima e constrange mesmo os mais íntimos... Previna-se contra esse grande inconveniente, fazendo bochechos e gargarejos com uma solução

de Odorans. Pelo seu alto poder antisséptico e germicida, o dentifrício medicinal Odorans impede a fermentação — causa mais comum do mau hálito — e evita as infecções bucais, como piorréia, gengivites, etc.

GANHAR O MUNDO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 10)

— Esta é que é a beleza do caso. Você parece um garoto visto por um vidro de aumento gigantesco. A propósito, como é seu nome?

— Stevie Pemberton.

— Stevie — pois não! Seria horroroso se fosse Algernon. Fazemos um bom par, não é?

— Você é a pequena mais bonita que já vi na minha vida.

— E' provável.

— Eu não me importaria de ser seu pai, posso garantir.

— Muito tarde. O lugar está tomado. Mas, que acharia de ser meu marido?

— Puxa, pare com isto!

— Apavorado, está vendo, com todo o seu tamanho! Ora, você sabe o que vamos fazer?

— Stevie fez que não. Nada o surpreenderia mais.

— Primeiro, vamos a um templo Shinto. Andei poupando este passeio. Muito bom para ser estragado pelo nosso bando. Então alugamos um automóvel e vamos comer numa hospedaria legitimamente japonesa. Vamos sentar naquelas adoráveis esteiras douradas, num pequeno salão de papel e você me dirá como eu sou bonita e procurará dar-me um beijo. Vai ser engraçado. Nessa hora você terá vencido sua timidez por completo. Depois disso, vamos dar uma espiada no Fujiyama. E depois eu o levo de volta ao seu navio. E a festa é minha. Isso está decidido.

— Portanto, você tinha tudo planejado?

— Oh, eu sou uma pessoa muito prática, quando tenho interesse. Garçon!

Ela pagou a conta, e tomando-o pelo braço, o tirou do café, feito seu prisioneiro. Mas Stevie não podia negar que estava gostando. Nunca tivera a sorte de andar na companhia duma princesa resplandecente, para quem o mundo era apenas uma bola dourada para brincar.

O templo excedeu-lhe as expectativas. Passaram sob um gracioso arco, penetrando num jardim coberto de grandes pinheiros negros. Veredas brancas levavam a certos lagos cercados de pontinhas, com árvores anãs crescendo em ilhas que deveriam ser o esconderijo de gnomos. Brincavam crianças japonesas parecidas com bonecas e os adoráveis quimonos tinham borboletas desenhadas.

O ar estava perfumado com o aroma de resina queimada. Os dois compraram uns bastões ao velho vendedor encarquilhado, acenderam-nos e os colocaram nos tubos de areia.

O MADEIREIRO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 15)

— Mas...

— E fazemos um pouco de música ao piano como dantes. Está dito?

— Lura que me entrega depois as cartas?...

— Dou-lhe a minha palavra de honra.

— Pois então fique.

A's onze e meia, Laura apresentou-me o chapéu e a bengala.

Repeli-os e declarei positivamente que não lhe entregaria as cartas, se ela não me concedesse por aquela noite, aquela noite só, gozar ainda uma vez dos direitos que dantes seu amor me conferia tão solícitamente.

Ela a princípio não quiz, mostrou-se zangada; mas eu insisti, supliquei, jurei que seria a última vez, a última!

E não saí.

Pela manhã, depois do almoço, Laura exigiu de novo as suas cartas.

Tirei o pacotinho da algibeira, abri-o, contei dez.

— E' a metade. Aí ficam!

— Como a metade?...

— Pois, Laura, você me acha tão tolo que te entregasse logo todas as tuas cartas?...

E depois, em troca do que te pediria que prolongasses um outro jantar como o de ontem?

— Isso é uma velhacada!

— Que seja!

— Estou quase não aceitando nenhuma!

— Daqui a uma semana vi-te-ei trazer as outras dez. Está dito?

— Tratante!

Daí a uma semana, com efeito, lá ia eu, com as dez cartinhas na algibeira, em caminho da casa de Laura. E nunca em minha vida esperei com tanta ansia a hora de uma entrevista de amor. Os dias que a precederam afiguraram-se-me intermináveis e tristes. A viuvinha também se mostrava ansiosa, quando menos por apanhar as suas cartas.

Mas coitada! não recebeu as dez, recebeu cinco. Pois se a achei ainda mais arrebatadora nesta segunda concessão que na primeira!...

— Em ação de graças aos deuses pelo nosso propício encontro, explicou Patricia, fazendo uma profunda reverência ao relicário de madeira com o seu teto arrebitado.

E de repente, na hora em que iam mordiscar bolinhos de arroz que levavam o símbolo da boa sorte, aquele mundo alegre, risonho e belo, enlouqueceu.

Um rugido como o de um expresso dentro dum tunel foi o único aviso. A terra ondulou numa grande vaga sob seus pés. O templo desabou como um castelo de cartas e as árvores subiram do solo caindo em seguida com um estampido de trovão. Nuvens de poeira subiram da terra e o céu ficou escuro. Um vento forte uivava. Os alegres devotos de um momento antes estavam transformados em loucos aos gritos e em fuga. O ribombo de prédios desabando, a destruição duma grande cidade transformaram o cenário num inferno.

Instintivamente Stevie rodeou Patricia com os braços protetores. Ela se agarrou com ele, tiritando. A multidão abalava diante deles. Gritos de agonia vinham dos que estavam soterrados porém ainda vivos. Sacudidos, tontos, os dois mantinham-se agarrados, incapazes de pensar, incapazes de apreender a extensão da calamidade, sabendo apenas que devia ser o fim do mundo e a morte certa. No pandemônio geral falar estava fora de cogitação. Para que serviam as palavras nesse momento catastrófico?

O mundo tremeu de novo. Uma grande fenda abriu-se bem diante deles, engulindo metade das ruínas do templo e drenando o lago.

Um pinheiro gigante, mais firme do que os companheiros, rendeu-se a este segundo choque. Tombou sobre eles como um gigante bêbedo. Patricia entregou-se literalmente aos braços de Stevie. Agarrando-a como pôde, ele correu. A demora dum segundo teria sido fatal. Embora agindo tão prontamente, a ponta dum dos ramos mais compridos raspou-lhe as costas, rasgando-lhe o casaco. Mas ainda estavam vivos e precisavam permanecer vivos. Ele orqueou-a nos braços e, pulando sobre ruínas do arco, atingiu a rua.

Um novo terror acrescentava-se ao terror do terremoto. Chamas surgiam, e o incêndio naquela cidade, onde a maioria das casas era literalmente inflamável como papel, representava a morte para milhares de pessoas. Ele devia alcançar o mar. Mas de que servia se todo o Japão estava em vias de ser submergido? A terra ainda estava tremendo. Talvez o oceano investisse, para apagar o incêndio e tudo acabaria.

Com Patricia nos braços não podia abandonar a esperança.

Começou a descer ligeiro o caos que fora outrora aquela rua movimentada. Onde ficavam as lojas e os escritórios era agora um montão de argamassa. O ar estava espesso de pó e de fumaça. Sobre os escombros, a multidão surgiu numa torrente turbulenta, berrando, uivando, batalhando.

Yokohama, em obra de minutos, ficara reduzida a uma irreconhecível massa de ruínas. Aqui e ali paredes isoladas se levantavam, irreais e duma só dimensão, como cenários de teatro. No meio do caos geral, as coisas mais singulares ficavam registradas

E na seguinte semana recebeu apenas duas cartas, e nas outras que se seguiram recebeu uma de cada vez.

Ah! mas também ninguém poderá imaginar a minha aflição ao desfazer-me da última! um jogador não estaria mais comovido ao jogar o derradeiro tento! Eu ia ficar completamente arruinado; ia ficar perdido; ia ficar sem Laura, o que agora se me afigurava a maior desgraça deste mundo!

Arrependi-me de lhe ter dado dez logo de uma vez e cinco da outra. Que grande estúpido fora eu. Esbanjara o meu belo capital, quando o podia ter feito render por muito tempo!...

Então o espectro do madeireiro surgiu-me à fantasia, como eu o imaginava: bruto, vermelho, gordo e suarento. E Laura, ao meu lado, no abandono tepido da sua alcova sorria triunfante, porque tinha resgatado o único laço que a prendia a outro homem. Estava livre! Rasguei a carta ao meio.

— Aqui tem, disse passando-lhe metade da folha de papel. Ainda me fica direito a um almoço e metade de uma noite em sua companhia. Peça-lhe que me deixe voltar.

Ela riu-se, e só então reparei que meus olhos estavam cheios d'água.

— Queres que te passe de novo o baralho?... perguntou-me enternecida, cingindo-se ao meu peito.

— Se quero!... Isso nem se pergunta!

— Mas agora é a minha vez de impôr a condição...

— Qual é?

— Só tornaremos a jogá-lo depois de casados, serve-te?

— E o madeireiro? Ele não tem cartas tuas?

— Tranquiliza-te que, além de meu marido, eu só amei e escrevi a um homem, que és tu!

— Pois aceito com todos os diabos! E, como ainda tenho jús a um almoço, não preciso sair já!

Uma semana depois, Laura dizia-me à volta da igreja:

— Mas, meu querido, como queres tu que eu te mostre uma pessoa que não existe?...

— Como não existe?... Então o teu ex-noivo, o celebre madeireiro, cujo retrato trazias no medalhão de onix...

— Qual noivo! Aquela fotografia é de um jardineiro que tive há muitos anos e que morreu aqui em casa.

— Então tudo aquilo foi?...

— Foi o meio de arrastar-te para junto de mim, tolo! e reconquistar o teu amor, que era tudo o que ambicionava nesta vida!

Não cometa esse erro

DRA. SILVIA ROGER

Resposta a uma portenha:

Minha ilustre colega Clementina de W. Q.

Vou me permitir transcrever o tema principal de sua interessante carta. Ei-la:

"Em um chá íntimo em casa de uma amiga, creatura inteligente e chic, começaram de repente a discutir política e regimes; uma das moças presentes, no calor da discussão, fez referências desagradáveis à Argentina, terra de meus pais, e que costumo visitar e acho maravilhosa. Mais tarde meu marido disse que eu devia ter saído da sala em sinal de protesto e disse ainda que *mulher quando se mete no que não entende o resultado é esse mesmo*.

Francamente discordo do meu marido em tudo.

1.º: Prefiro pilheriar com o caso, embora estivesse intimamente magoada, não tanto pela opinião de uma pessoa tão boba mas pela intenção de sua atitude. Senti que a amiga dona da casa ficou contrafeita, procurou atenuar a falta da outra; mas, sendo eu uma convidada, e sobretudo tendo provocado a discussão, não me ficava bem criar ali uma situação desagradável. 2.º: Discordo do marido porque acho que não existe mais assunto nenhum proibido à mulher; de há muito o tabú não é mais do que um mito. A mulher inteligente e culta sempre gostou de poli-



As Sras. Alfredo Sá e Walt Disney

baforada do cigarro, uma alfinetada política faz bem."

Talvez influência do cigarro e do *drink*, pois pelo que pude deduzir talvez as suas companheiras de *cocktail*, preferissem falar da carestia da vida, das criadas e da dona Fulaninha.

A Sra. Alfredo Sá, Vice-consul do Brasil em Washington, oferece um *cock-tail* à sra. Walt Disney e algumas amigas desta.

tica, e afinal como podem os homens viver alegando que as mulheres associadas estão sempre brigando, quando eles chegam a provocar guerras e revoluções, tem suas câmaras e congresso agitados e quase se escarpelam nas reuniões de classe?

Você tem razão, minha inteligente amiga, é isso mesmo. Os homens, em todos os tempos tem procurado suggestionar a mulher, fazendo-a crer numa porção de tolices masculinas. Dizem por exemplo que a mulher é *curiosa*, e citam a mulher de Lot símbolo milenar da curiosidade feminina.

Você já observou como o homem é infantilmente curioso? Repare só na rua em torno dos *camelôs* ou de acidentes. Dizem: — as mulheres, como falam! Você já reparou, numa festa qualquer grupos masculinos como falam sem tomar fôlego? E pelos cantos de rua e nas mesas dos cafés?!... Mas voltando ao nosso assunto, acho que você foi admirável, um diplomata não agiria melhor.

Diz você: "Entre um *drink* e uma

O seu erro Clementina — você que é tão inteligente — foi não ter compreendido o ambiente e ter querido impôr-lhe um tema complexo. Não, não acho que o assunto seja *tabú*, mas simplesmente deslocado. Em reuniões elegantes, também se pode conversar de política e políticos, bons ou máus. Na aristocrática Argentina, terra dos seus avoengos, para não ir mais longe, houve em meios do século passado um salão, entre os muitos salões celebres do século, cuja dona se notabilizou pelo gosto de questões políticas e pela influência que teve no ambiente daquele tempo. Chamava-se dona Flora Azcuénaga, cognominada a Mme. Roland argentina. Pelos amplos e luxuosos salões tapetados de veludo amarelo com perfumadores de prata, passaram as mais célebres belezas da época, inclusive a formosa Mercedes Escalada de San Martín, e nesse ambiente tão romanticamente fidalgo, sem mulheres tomando *drinks* entre baforadas do fumo de cigarilhas, se falava de política nos grupos femininos pois o assunto é cívico e belo. O que ha, minha

na mente de Stevie. Uma hora tropeçou com uma máquina de costura, e outra vez, do lado de fora dum hotel, teve que desviar-se duma banheira de porcelana que pousara absurdamente no meio do caminho. Cadáveres jaziam entre as curiosidades e as sedas que ele cubigara e os pés em fuga tropeçavam em tudo aquilo, de modo idêntico.

Os abalos tinham diminuído de intensidade, mas continuavam a crescer destruindo a uma destruição maior, estourando os encanamentos de gás para disseminar os incêndios, arrancando gritos de dor da população arquejante.

Stevie afastava qualquer pensamento além de que devia pôr a moça na segurança relativa do mar. Sentia-se responsável por ela, que era uma carga tão preciosa e adorável no aconchego de seus braços. Era só isso que importava. Deixar o espírito penetrar a cena, pesquisar o que ocorrera, indagar o que teria acontecido ao Plármigan e aos camaradas que tinham desembarcado, não adiantava, quando precisava de toda sua energia para não perder pé e continuar a fuga.

Um japonês, subitamente alucinado, atacou-o ferozmente aos muros. Stevie soltou uma das mãos e o jogou longe. O homem caiu e a multidão passou por cima. Stevie não olhou para trás, não se incomodou. Não havia tempo para se preocupar; não havia tempo para olhar para trás. Ser violento como era a Natureza, ou perecer.

Nessa disposição de espírito, conseguiu vencer, chegando por fim até o mar. Mas a loucura da terra tinha-se espalhado até o mar. O mar fervia e borbulhava, erguendo-se e afundando em ondas de ressaca. A lama revolvida exalava um fétido mortal. Uma horda de fugitivos inundava os baixios. Quando as ondas se atiravam e refluiam, eles gritavam, lutando para não serem carregados. Para aumentar o inferno da cena, a própria água se inflamou, quando o óleo de um tanque danificado pegou fogo. Todavia, tudo era melhor do que a cidade de Yokohama, destruída e ainda tremente, como uma coisa ferida, e ardendo numa vasta pira fúnebre.

A primeira vaga fez Patricia voltar a si. Stevie deixou-a firmar-se nos pés, porém continuou a ampará-la fortemente, afastando as grandes pernas, para resistir ao refluxo. A multidão se amontoava em torno, gemendo e lutando. Stevie, contudo, animara-se. A menos que um novo golpe os atingisse mortalmente, ele a havia salvado, o que era obra do Destino, ou do que quer que fosse que dirigisse um mundo torturado, e o poupava. Deu-lhe um grande abraço de alegria.

As vagas perdiam a violência, e era possível conservar-se de pé, porém ela ainda estava agarrada nele.

— Oh, Stevie, soltou ela, que aconteceu? Que significa isto tudo?

— Um terremoto e agora um incêndio.

— E eu desmaiei! Eu pensava que tivesse tanta coragem.

— Poupeu a você um bocado de incômodos e você não pesa nada.

— Mas, estamos no mar, não estamos? Você deve ter-me carregado várias milhas.

— Eu tinha que chegar até aqui. Apenas trouxe você também.

— Você salvou minha vida, Stevie. Aquela árvore... e tudo o mais que aconteceu.

— Qualquer pessoa teria feito isso.

— Stevie, eu o amo!

— Não diga isto. Você agora está tonta. Ali vem um bote. Segure-se em mim e vamos para diante.

Novamente sua força e corpulência foram uma vantagem para ele, e novamente, em benefício dela, usou dessas vantagens. O bote do navio veio chegando, houve uma corrida, mas Stevie e Patricia foram os primeiros a alcançá-lo.

— Tomem conta dela, disse ele, erguendo-a nos braços.

E ele mesmo se guindou para bordo.

O bote ficou cheio até quase ficar inundado. Para evitar o naufrágio, aqueles que tinham pulado para bordo foram jogados fora, impiedosamente. O barco voltou a prôa indiferente aos gritos e apelos e começou a deslizar no rumo do navio.

— De passagem, disse o oficial carrancudo que dirigia a embarcação, ao qual Stevie explicou rapidamente o acontecido — podemos deixar a senhorita no seu iate. Que complicação, hein?

No tombadilho superior, o marinheiro que tinha ficado sozinho tomando conta do iate, estava soltando foguetes, na esperança de informar ao proprietário que aquela que todos estavam procurando estava a bordo e salva.

— O que nós queremos, Patricia declarou quasi reintegrada, pelo ambiente familiar à sua primitiva autoridade, é um *drink*. Venha comigo.

Desceram para um aposento de madeiras envernizadas, pratas cintilantes e uma viva iluminação elétrica. Seus vestidos escorriam água e estavam cobertos de lama e de sujo.

Tolhido pela suntuosidade de volta, Stevie perguntou: — E os tapetes?

— Os tapetes? — fez Patricia desdenhosamente, servindo dois conhaques. — Que importância tem os tapetes? — Deu-lhe um dos copos. — Beba. Você está precisando. Beberam os *drinks* de que estavam de fato precisando.

— Você deve ir mudar a roupa, disse Stevie. — Está molhada até os ossos. — Os vestidos pendiam-lhe do corpo jovem, fazendo-a parecer uma estátua modelada em lama.

— Isto também não tem importância, disse ela. — O que importa é que eu o amo.

— Não diga isto de novo. Aqui, não. Agora, não. Você não sabe o que está dizendo.

Ele acenou para as vigias vermelhas com aquele teatral resplendor.

amiga, é que naqueles tempos havia severa observância de uma ética social que dignificava e embelezava o convívio das criaturas.

Agradeço de todo o coração suas referências e digo-lhe que a sua carta, tão interessante, foi a melhor coisa da semana. As mulheres deveriam promover mais

reuniões em ambiente familiar; as que tem espaço e posses deveriam ter os seus salões zinhos, como as nossas fidalgas antepassadas, e fazer deles centros de inteligência, beleza e encanto social, dando a todos uma impressão mais elevada e nobre do espírito da brasileira de hoje.

Três Vestidos



Três vestidos brancos: estilos diferentes,
mas todos igualmente graciosos e
apropriados aos dias quentes
Três graciosos chapéus.

— Eu sei, sim, e vou continuar dizendo isto, haja terremoto ou não. Nós fomos atingidos por ele, não foi? Passamos um momento decisivo. E preciso falar com você antes dos outros chegarem. É urgente. Escute, eu o amo, Stevie. Acho que gostei de você desde o momento em que o descobri, faz tanto tempo. Estou certa agora de que o amo.

— Eu não sei o que você está dizendo, querida, protestou ele, pois de qualquer modo ela se tornara aderável e parecia pertencer-lhe depois de tudo o que tinham sofrido. Apesar daquela violenta expansão, parecia mais séria, mais real, mais adulta.

— Querido, eu sei. Você vai se casar comigo. Antes eu estava brincando, mas agora estou falando sério. Eu sei que estamos rodeados pela morte e pela desgraça, mas temos que continuar a viver depois, e quero viver com você. Hei de fazer isso, o quero que isso fique assentado agora. Papai fará tudo o que eu disser, pois ele ficará gratíssimo a você. Ele fará você comandante do iate, lhe dará um milhão. Eu sou filha única, teria morrido se não fosse você. O mundo inteiro nos pertencerá e como será bom para nós. Portanto é o que há, meu Stevie. Eu quero você e tenho você. Você salvou minha vida, mas eu não a quero sem você. A coisa apenas começou.

Trançou as mãos nas costas dele e assim o reteve, aqueles olhos azuis o entesitendo.

— E meu emprego?

— Emprego! Você está apenas tomando o lugar de alguém que não dá para outra coisa. Está perdendo seu tempo. É um louco em perder tanto tempo. Mas eu estou satisfeita que tenha sido assim porque isso guardou você para mim.

Stevie, muito meço, muito pobre, terceiro oficial do **Piarmigan**, pestanejou um pouco e pareceu estonteado, não de cansaço, nem de **drink**, mas por causa do simples assombro de tudo aquilo.

— Você não vê, pediu ela, que nós seríamos um do outro e teríamos tudo no mundo? Nós atravessamos o inferno, para nos encontrarmos, mas valeu a pena, para chegarmos ao paraíso.

Stevie firmou-se, procurou refreir.

— Eu seria... eu seria um gigolô, objetou, sem muita convicção, pois era difícil argumentar nos braços de Patricia.

— Burro, gritou ela, impaciente. — Você pensa que eu consentiria que você fosse isso? Mas você deve ter a oportunidade que merece. Papai dará um jeito. E você terá que me proteger todo o tempo. Não vale a pena pensar nisto?

Pensar!

— Mas, você sabe, disse Stevie desesperadamente, lembrando-se pela primeira vez, durante tantas horas — é tão difícil. Eu já sou noivo. Nellie está à minha espera em Hull.

— Nellie está em Hull, fez Patricia Brett num muchocho. — Que importa isso? Que é que ela pode fazer por você agora, que você começa a viver? Que espécie de vida pode ela oferecer-lhe? Eu o desafio, amor. Ela tem alguma coisa da minha figura? Olhe para mim e faça um julgamento justo. Olhe só para mim.

Stevie olhou. O resto que ela erguia para ele era o mais belo que já vira, e ele tinha um certo direito sobre ela, porque lhe salvara a vida e ela o amava. A singularidade trágica do seu encontro... seguramente haveria algum significado nisso? No azul de seus olhos havia uma chama que ele jamais vira nos olhos de Nellie, que jamais veria. Ela mantinha a dádiva do mundo dourado nas suas mãos pequenas e tremulas. Um ermitão não teria resistido àquela boca de rosa. Cambaleou e a beijou como nunca havia beijado Nellie, e foi beijado como nunca o fora antes.

Uma pancada contra o casco do iate.

— Deve ser papai de volta. Depressa! Diga! Precisamos ter tudo combinado.

Stevie ficou ali de pé, olhando fixamente para ela, como alguém que esteve olhando para o esplendor integral do sol dos trópicos ao meio dia. Sim, apesar da lama, ela era para ele tão refulgente como o sol, mais refulgente do que nunca, por causa do que estava escrito na sua face de flor.

— Vai à terra, Stevie?

O comandante Stevie Pemberton sacudia a cabeça.

— Então não insiste, disse Mr. McIntyre, mas você parece ter ficado pensativo, Stevie, assim de repente.

— Fiquei, disse o comandante Pemberton, o bonito gigante levemente encanecido, atrás do qual as mulheres andavam correndo, pois quando você linda agora me perguntou se eu não ia descer à terra, voltei num relance ao jovem Stevie Pemberton, terceiro oficial do **Piarmigan**, há quatorze anos passados, a quem fizera a mesma pergunta e que eu não quiz descer, por causa de Nellie. Naquela época, foi o quarto maquinista que perguntou, mas a resposta que teve foi a mesma. Foi no dia do grande terremoto.

— Você estava em terra, naquela hora?

— Stevie mudou de idéia.

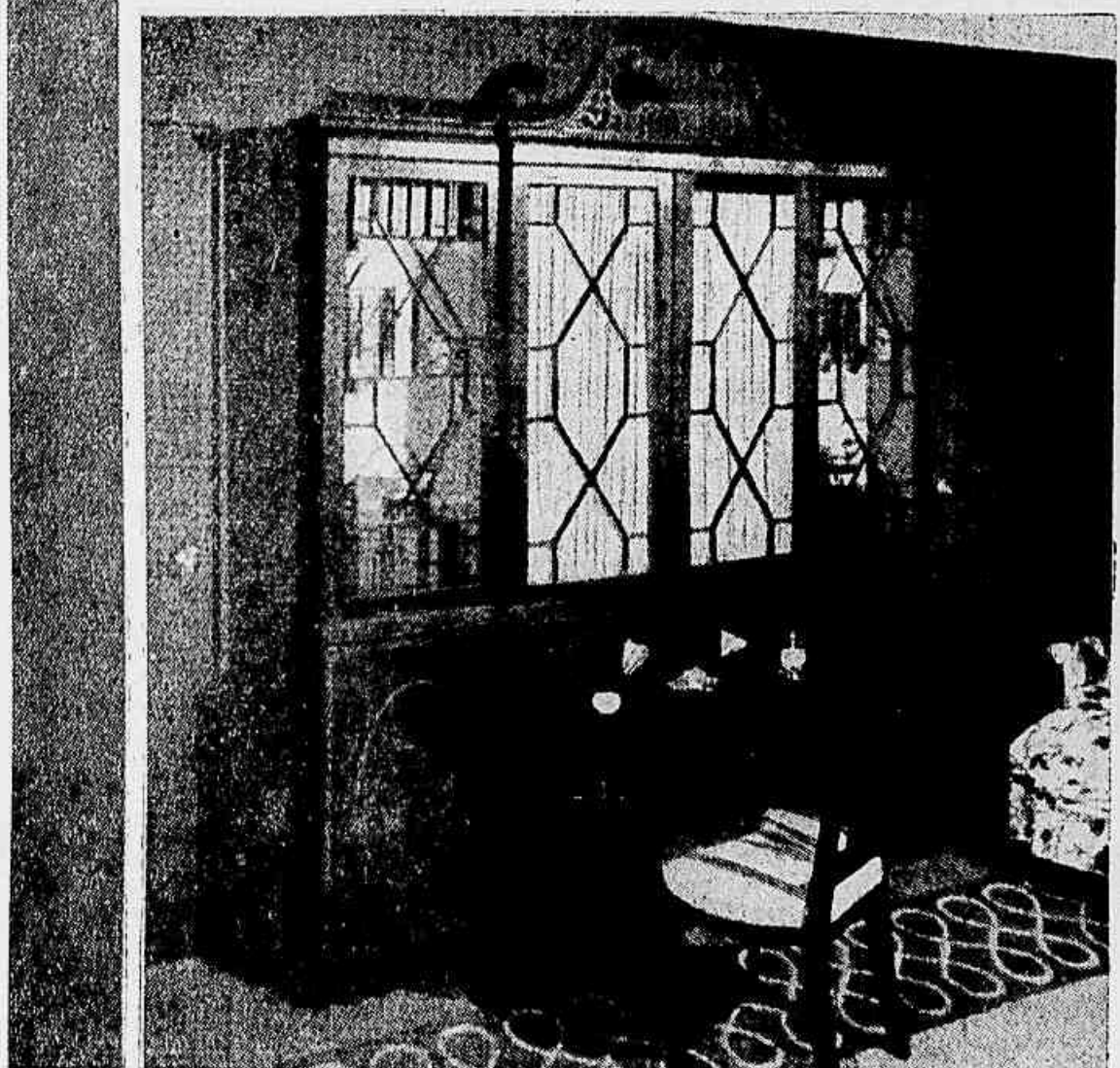
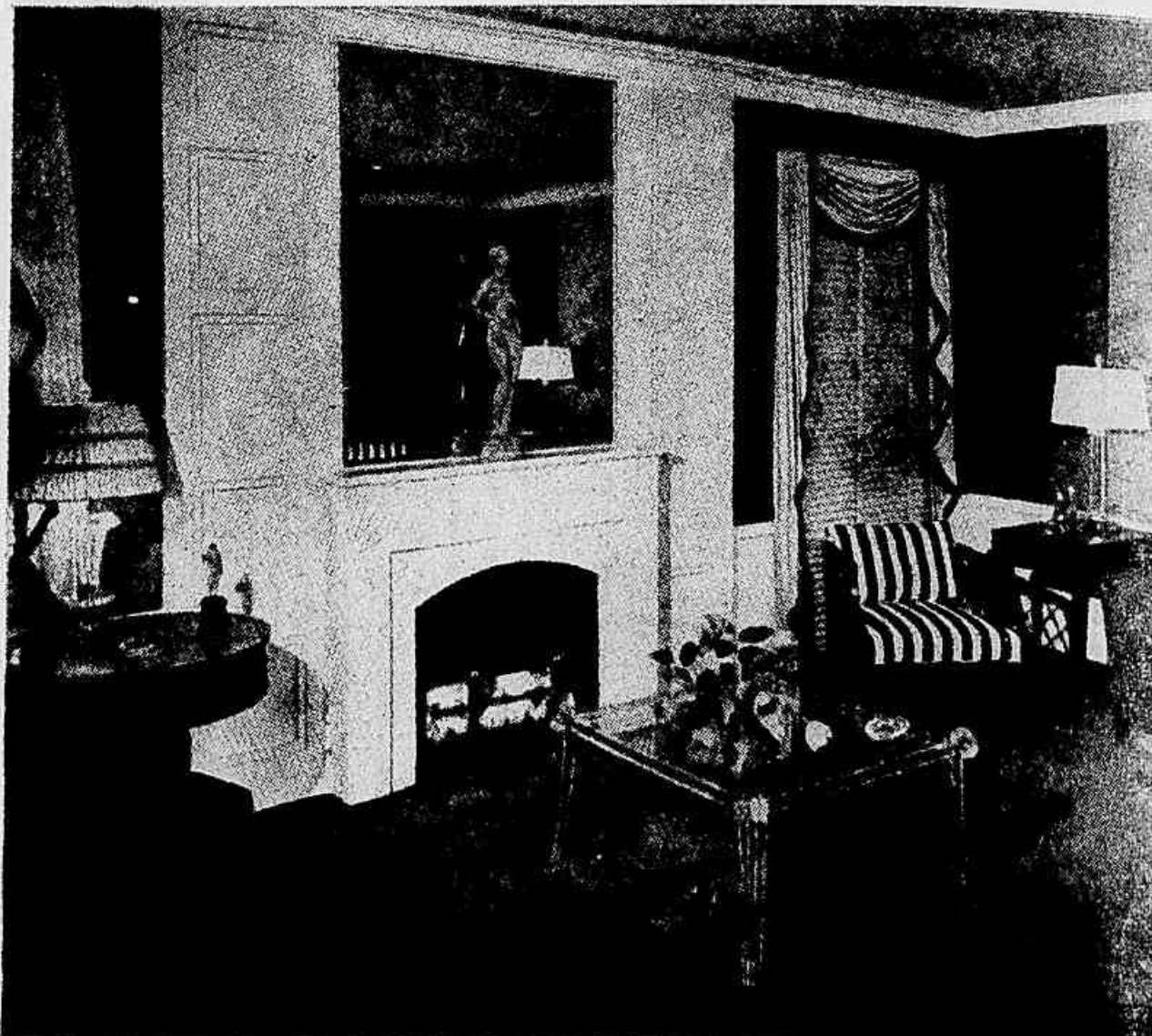
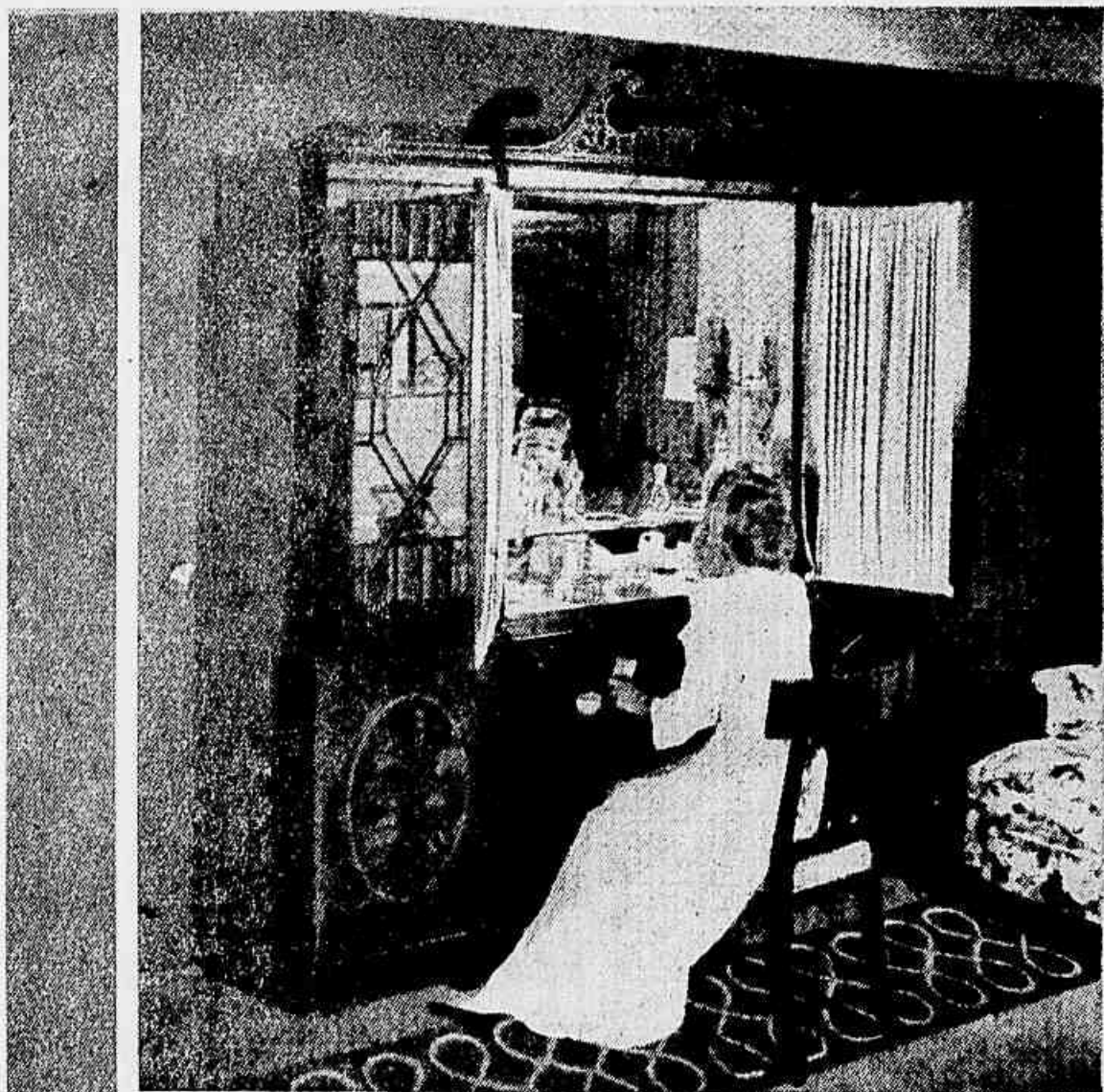
— Deve ter sido uma experiência terrível.

— De certo modo foi mais de uma experiência, disse o comandante Pemberton, relanceando de novo os olhos para a nova fotografia de Nellie na sua moldura de prata. Ela não estava mais com a pele de Harbin; as traças tinham-na comido há muitos anos. Os anos passaram pela fotografia ao lado onde estavam os três garotos. — É estranho quando um homem pensa no passado, murmurou ele, mordendo o cachimbo. — Eu indago de mim mesmo se aquele jovem Stevie não foi um idiota que perdeu a oportunidade de sua vida. A coisa podia ter dado certo. Que diferente não teria sido a vida! No entanto, não sei, afinal de contas, não censuro ao camarada, por ter feito o que todo o mundo poderia chamar uma loucura integral. Eu queria saber qual seria minha escolha hoje. Quando vamos ficando velhos, ficamos mais espertos e mais sábios, mas isso pagamos com a perda de muita coisa. Talvez ele tivesse razão. Você é escocês, Mac, e deve conhecer sua Bíblia melhor do que eu. Não há na Bíblia uma coisa assim como "De que serve o homem ganhar o mundo inteiro, se perder sua alma?"

Mr. McIntyre franziu o nariz aquecido.

— Não sei de que é que você está falando, disse ele.

O grande Stevie Pemberton riu, mas seus olhos continuaram a passar por Nellie na moldura de prata malça. E ela lhe retribuía o sorriso, os olhos um pouco apertados, mas muito amáveis e cheios de gratidão pelos anos de vida que ambos tinham sido juntos.



Movel transformavel proprio para apartamento, podendo ser colocado na sala de estar. E' uma bonita e prática estante-toilette, para quem não dispensa a companhia dos livros.

Living room inglês desenhado por A. Dudley Kelly, austero e simples, de sobria elegância; cores preferidas bege-rosado, branco-cinza. A mesa de chá é de dupla lamina de vidro.

Living room estilo moderno, desenho de Virginia Conner, interessante combinação de espelhos e vidros para a mesa e pés de abat-jour, jarros, etc.

O Lar

Estampamos sala em estilo inglês e, aproveitando a oportunidade, damos alguns outros modelos de sala em estilo inglês moderno, Regência e no mais moderno estilo de nossos dias, que não deixa de ser uma cópia e adaptação de outros velhos estilos. Hoje a cópia e adaptação do antigo se vê em tudo desde a indumentaria feminina, que é uma estilização dos figurinos do século XIX, com qualquer nota moderna sugerida pela guerra, até o mobiliário e bijouteria. Contudo, o que é preciso repetir é que nem sempre os que adotam o *estilo* como decoração de seus lares o fazem seguindo um critério justo, pois costumam misturar arbitrariamente as mais diferentes linhas, e isso dá ao ambiente um aspecto bizarro de casa de antiquário ou exposição de moveis. E' preciso fazer as cousas sempre com conhecimento e não apenas porque se pretende seguir a corrente geral das modas.

Para aqueles que desejam ter um bonito ambiente em estilo determinado, devemos aconselhar que não escolham sem haver, antes, consultado alguém entendido no assunto.

Para completar nossas páginas damos ainda um bonito movel transformavel para os que moram em apartamento e lutam com o duplo problema do espaço e do conforto. E' uma estante-armário em estilo antigo que poderá ficar muito bem situada na sala de estar, transformando-se, quando aberta, num ótimo tocador.

Sala em estilo Regência, decoração de Lorin Jackson; verde esmeralda e marfim velho são as cores preferidas para o ambiente.





Esta linda sala em moderno estilo inglês tem as paredes forradas de papel em listras azuis e cinza escuro, com uns riscos mais finos prateados. As cortinas são feitas com uma combinação de *hidrangea* cretone com barras recortadas em setim azul claro e tafetá azul mais escuro, a cortina interna de *lavender* claro; louça chinesa enfeita os apar-

dores da chaminé em branco-cinza; poltronas, estilos diferentes, uma azul, outra listrada e outra igual ao sofá de cretone fundo bege e flores azuis, do mesmo pano da cortina. Os jarros e *abat-jour* branco-cinza, candelabros e outros acessórios de metal dourado-velho; a madeira dos móveis é castanho escuro.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MÁRCA

UNES
REGISTRADO

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 - RUA CARIOCA, 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Epoca



Cia. de Cigarros Souza Cruz